Rolling Stones • Red Hot Chili Peppers • Planet Hemp

SHOW

BIZZ

Edição 183 - Ano 15
nº 10 - outubro 2000 - R$ 5,00

Sepultura
Nação unida em torno do metal

Esta é sua nova SHOWBIZZ

Invasão Britânica

U2 e **Radiohead** lideram o novo ataque das bandas das Ilhas no cenário roqueiro

Os Sex Pistols como você nunca viu

A redenção de **Richard Ashcroft**

Oasis sobrevive ao Festival de **Reading**

Moby: música eletrônica e blues para as massas

ISSN 0104-1649
9 770104 164007 00183
EXEMPLAR DE ASSINANTE

theworldisyoursite
www.luckyflavor.com
flavor:clickhere
LUCKY STRIKE
anamericanoriginal
Alcatrão: 12mg • Nicotina: 1,0mg • Monóxido de Carbono: 12mg
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR CAUSA CÂNCER DE PULMÃO.

Capa
Ilustração: Marcos
Fotos: U2: Radiohead: Richard Ashcroft: (London Features)
Sex Pistols (Divulgação)
Oasis (Valeria Prado)

Pensa daqui, cria dali, lança, bate, agarra, cruza, corre para cabecear e pronto: tínhamos a capa desta edição. A idéia de encampar mais uma Invasão Britânica ganhou respaldo depois da entrega do Video Music Awards, promovido pela MTV americana. A cerimônia retratou fielmente a que está reduzido o pop nos Estados Unidos. De um lado, rappers de caráter e gosto duvidosos, como Eminem, e representantes do misógino hip-rock que está assaltando as paradas daquele país, como Kid Rock e Limp Bizkit. De outro, boybands e cantoras teen com corpo "sarado" e cabeça vazia. Claro que essa análise é redutora e não leva em conta inúmeros artistas e tendências que ainda fazem a música da terra do Tio Sam valer a pena (e como!). Atravessando o Atlântico, porém, não é necessário percorrer o circuito alternativo para se encontrar algo que não ofenda a inteligência. Lá, sons de qualidade, ousados e inventivos, dominam o mainstream – basta dar uma conferida na lista de bandas que tocaram no festival de Reading, o melhor do mundo, que deixou embasbacado o editor José Flávio Júnior. Da Inglaterra também vem o Radiohead, talvez o grupo do momento, cujo novo disco renuncia a qualquer fórmula de sucesso fácil, e Richard Ashcroft, que acabou com o Verve no auge da fama para não sucumbir ao estrelato. Completando a fornada, a penúltima revolução (a última foi a eletrônica) patrocinada pelos súditos da rainha, o punk, dissecado com fidelidade num documentário capaz de arrepiar os cabelos do mais engajado moicano, e o retorno às raízes roqueiras do U2. Espere aí: U2, britânico? Sim, a terra natal dos caras integra as Ilhas Britânicas, e a cruz de St. Patrick, o padroeiro das Irlandas, está representada na Union Jack, a bandeira do Reino Unido. BIZZ também é cultura.

Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

O que rolou enquanto trabalhávamos para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

***Stone Roses – 10th Anniversary Edition*, Stone Roses** O primeiro disco da banda de John Squire e Ian Brown ainda vai virar Discoteca Básica. Isso é uma ameaça! Mas que é bom pra burro, é.

***Blue Juice Vol. 2*, Vários** Vem cá, de onde a Blue Note tira tanto grooves cabulosos? O baú da gravadora parece não ter fim, como indica mais esta coletânea regada a levadas para lá de sinuosas.

***Lank Haired Girl To Bearded Boy*, It's Jo And Danny** Essa foi indicação do chapa Zeca "No Limite" Camargo. Dupla pop inglesa que bancou a própria estréia sem medo de misturar climas lo-fi com eletrônicos.

***Hot 20*, João Penca E Os Miquinhos Amestrados** Quando botamos os deliciosos rockinhos dos cariocas para rolar, nossa secretária, Adriana, não se conteve e suspirou: "Ai, que saudade!"

BARULHO

6 Nando Reis, Morphine, Matchbox Twenty

10 Cabra Cega
Otto

12 Que Fim Levou
Jesus Jones

14 Até Quando Esperar
Beth Orton, Lambchop

16 Palco
Planet Hemp, Skank

NESTE MÊS

19 Invasão Britânica
Os hooligans estão chegando!

20 Radiohead
Sem guitarras. Sem música para o rádio. Sem saída

26 U2
Adeus fase clubber, olá passado

30 Richard Ashcroft
A história de um sobrevivente do Verve

32 Reading Festival
Mundo melhor? Não! Rock and roll? Sim!

40 O Lixo E A Fúria dos Sex Pistols
Chega ao Brasil o documentário punk

44 Sepultura
A nação metálica resiste às intempéries

48 Moby
Entrevista com a mais nova unanimidade do pop

54 Herbert Vianna
Serenidade no terceiro vôo solo

54 Grandes Galerias
Onde o salário do roqueiro se esvai

DISCOFAGIA

61 Lulu Santos, Madonna, Green Day, Cat Power

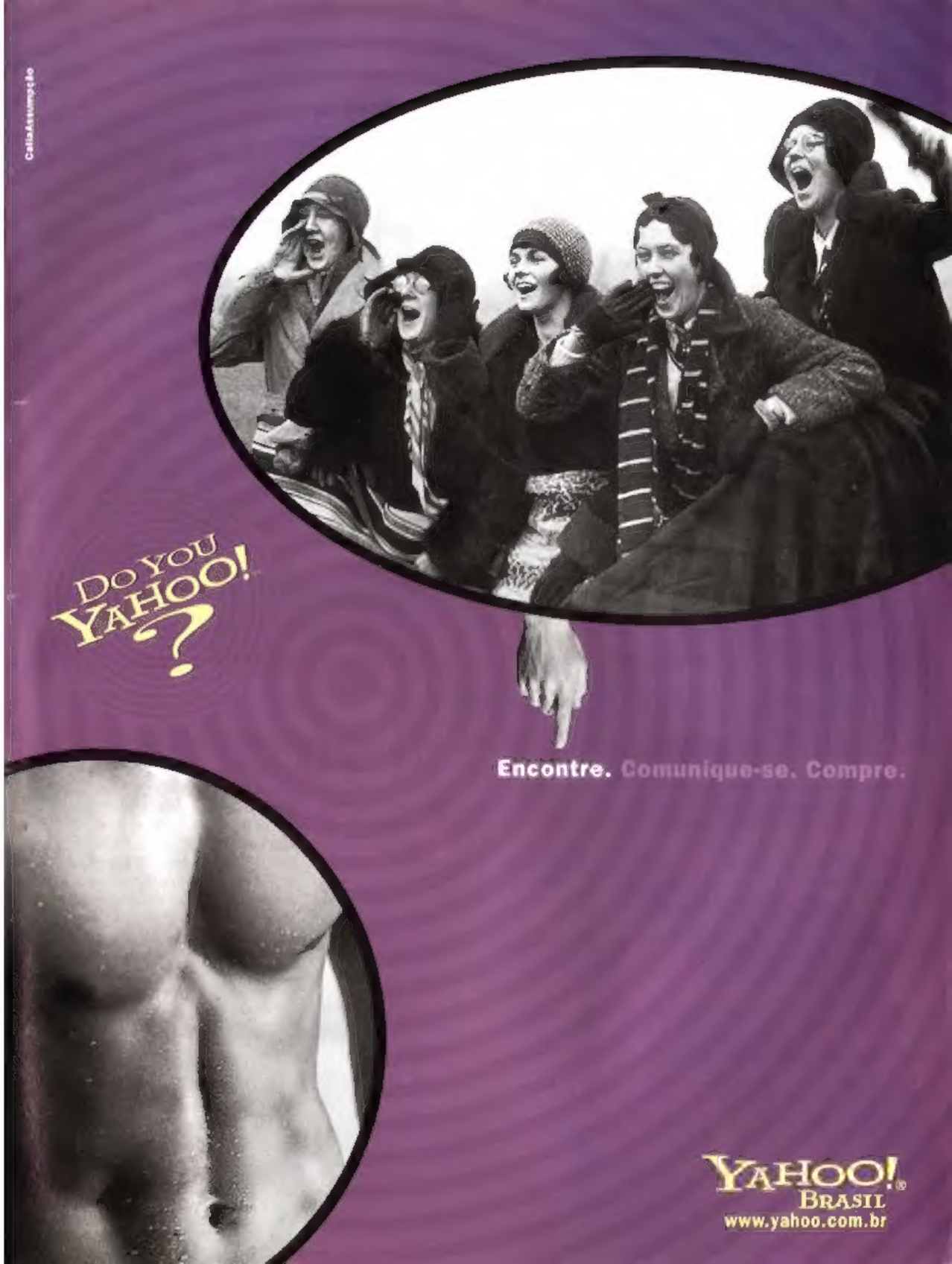
68 Importe-se
Dandy Warhols, Modest Mouse

70 Os 10 mais...
Para ter vontade de montar uma banda

72 Discoteca Básica
Uplift Mofo Party Plan, do Chili Peppers

74 Democracia
Golden Shower, Sufrágio, Resist Control

82 Detalhes
Keith Richards perde o sono, o rock ganha um hino



Carregado de baladas

Paixão por Neil Young une estrelas do quilate de Peter Buck, do R.E.M, no segundo solo de Nando Reis e confere ao disco uma roupagem *alt country* que o titã nem desconfia

Habitualmente apontado como a porção mais MPB dos Titãs, Nando Reis foi buscar na famosa Seattle a munição criativa de que precisava em seu segundo disco-solo, *Para Quando O Arco-Íris Encontrar O Pote De Ouro* (*leia crítica na página 64*). Foi na cidade que projetou Kurt Cobain e Eddie Vedder que, em 1995, Nando enxergou no produtor Jack Endino um parceiro capaz de compreender sua alma (folk) baladeira. "Fui comprar uns vinis com o Charles (*Gavin, baterista dos Titãs*) e voltei com *Time Fades Away* e o *Journey Through The Past*, do Neil Young. Jack viu aquilo e falou 'I love Neil!', e a gente conversou bastante", lembra Nando.

O baixista, que não havia escondido a insatisfação com a viagem grunge de *Titanomaquia* ("a discordância foi quase às últimas conseqüências", recorda), foi acabar gravando em Seattle – e com o produtor de *Bleach*, do Nirvana, emblema-mór do punk anos 90. "Realmente, essa escolha deve ter causado surpresa entre os Titãs", admite.

Trocando o náilon pelo aço nas cordas do violão, ele envelopou numa roupagem próxima à do *alt country* de grupos como Wilco e Jayhawks (que ele não conhece) suas canções de harmonias simples, porém com estruturas pouco comuns (refrãos que demoram a surgir, partes que não se repetem) e forte cunho autoral. Essa característica, acentuada por letras bordadas com reminiscências infantis e delicadas imagens do cotidiano em hiperclose, fez cantoras como Gal Costa e Marta Bethânia se recusarem a gravar faixas incluídas no disco. Azar o delas.

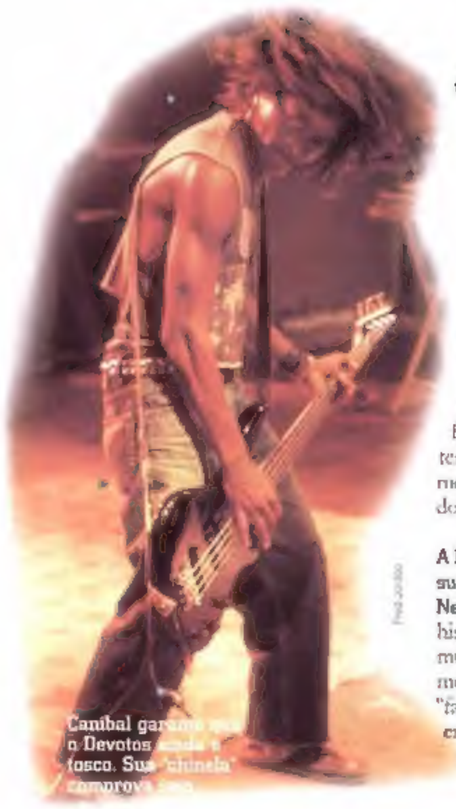
Tem tanta gente boa no disco dele que só resta sorrir

Em Seattle, no legendário Crocodile Café, Nando assistiu a um show da banda alternativa Maktub e conheceu o tecladista Alex Veley. Com a ajuda do jovem músico e de seu arsenal de órgãos Wurlitzer, Hammond, Clavinet, Fender Rhodes (tocados com wah-wah e outros venenos na pedaleira), incorporou groves do rock de outras décadas e deu um belo passo adiante em relação à sua estréia-solo, *12 de Janeiro*.

Outro que ajudou a fazer a diferença foi o baterista Barrett Martin (ex-Screaming Trees, atual R.E.M.), que tocou vibrafone, acordeão, kalimba e até tambores cubanos de *santeria* – "tudo espantosamente bem, quase sempre de primeira". Barrett ainda trouxe um amigo, um certo Peter Buck (colega no R.E.M. e no grupo Tuatara), para mandar um mandolim e uma viola de 12 cordas. "Quando ele me falou que Peter estava a fim de tocar com a gente, fiquei com medo de parecer uma coisa oportunista. Mas o Barrett disse: 'Ei, esse é o espírito de Seattle, as coisas aqui acontecem assim, informalmente'". Nando percebeu que a viuvez em torno de Kurt Cobain é localmente exercida: "Eles parecem estar pouco se fodendo para o fato". Mas nem por isso deixou de comprar um songbook de *Bleach* para dar ao filho Theodoro, de 14 anos, guitarrista. Devidamente autografado por Jack Endino, claro.

Pronto para rodar o Brasil com Barrett e outros gringos que tocaram no disco, Nando avisa que os Titãs só voltam em abril, reinventados, mas sem se preocupar com patrulhas mercadológicas e cobranças de velhos fãs. "Isso não me constrange. Música é meu trabalho, tenho quatro filhos e contas – enormes contas – a pagar." A gente imagina.

Pedro Só



Canibal garante que o Devotos atual é fosco. Sua "clonela" comprova isso

Ainda selvagens

Ao completar doze anos de carreira, os **Devotos** (ex-Do Ódio) comemoram o lançamento do homônimo segundo álbum. Mais melódico, o novo trabalho da banda do Recife pode surpreender alguns fãs do punk e do hardcore que o trio se propunha a fazer antes. No entanto, eles dizem que o som continua o mesmo. "As músicas só foram mais bem trabalhadas. Tivemos tempo e liberdade para isso. Não quisemos deixar o som mais leve ou mais pesado", afirma o vocalista e baixista Canibal.

A história de que você mesmo construiu sua primeira guitarra é famosa...
Neilton Tem gente que pensa que essa história é jogo de marketing. A gente faz muitas coisas, desde o case para os instrumentos, o cenário, a capa do disco. O "faça você mesmo" está no sangue. E o engraçado é que só descobrimos o que queria dizer "do it yourself" depois de muito tempo.

Como é o trabalho de vocês no morro Alto José do Pinho?
Neilton A idéia é construir um centro cultural, o Alto Falante. Somos apenas uma das oito bandas que se juntaram para realizar isso. Vamos montar um palco e arquibancadas para rolar ensaio, aula de dança, de música, de artes plásticas.
Canibal A intenção é fazer o pessoal se interessar por música, por arte, incentivar a garotada a tocar.

Por que gravar "Selvagem" (Paralamas)?
Canibal A temática era muito igual à nossa hoje. As letras falavam dos problemas sociais, do cotidiano.

Vocês se preocupam muito em passar uma mensagem nas letras. O que acham do cenário nacional nesse sentido?
Canibal Toda banda poderia ter um pouco dessa preocupação. Imagine se o Só Pra Contrariar, que vende milhões, fizesse uma letra mais engajada. Atingiria e conscientizaria inúmeras pessoas.

Fabiana Batistela

Alegria de ser trip-pop

No fim de agosto, o **Morcheeba** deu uma passadinha no Brasil para fazer uma social com a imprensa e divulgar *Fragments Of Freedom*, terceiro trabalho do grupo, que assumiu de vez um jeito pop de ser. Desde *Big Calm*, o álbum anterior (1998), o grupo vem abandonando o trip-hop e usando elementos soul, folk e dance, melodias fofas e um astral muito para cima, distante de grupos do mesmo estilo, como Portishead e Massive Attack. "Gostamos de várias coisas. Não precisamos ficar confinados num estilo", defendeu-se o esperto percussionista Paul Godfrey. Seu irmão Ross (guitarra) e Skye, a dona dos belos vocais, concordam e completam dizendo que sempre ouviram muita black music e hip-hop e que *Fragments Of Freedom* é o trabalho que fecha a trilogia iniciada pelo primeiro álbum, *Who Can You Trust*, em 1996. Tanto é que a última faixa do terceiro disco se aproxima bem do estilo que a banda assumia no início da carreira. O trio inglês ainda declarou sua admiração pela banda Moloko – uma das atrações do Free Jazz deste ano e também considerada trip-hop – pela criatividade de seu trabalho. O clima de paz que envolve as músicas novas é reflexo da explosão de *Big Calm*, quando a agenda lotada de compromissos no mundo todo levou os integrantes à completa exaustão. Antes de começarem a produzir o último álbum, isolaram-se por um tempo, a fim de pôr a casa em ordem e levar uma vida mais tranqüila. Hoje, os dois irmãos e a vocalista procuram passar a maior parte do tempo relaxando no interior da Inglaterra, longe da loucura da vida de Londres.

FB

A paz invadiu o coração dos ingleses do Morcheeba

Contando os milhões

A banda americana dos números exorbitantes inicia a nova temporada de sucessos

O **Matchbox Twenty** já ultrapassou a marca de 10 milhões de cópias só nos Estados Unidos, ganhou oito discos de platina na Austrália, discos de ouro na Irlanda, Indonésia e Filipinas e fez mais de 600 shows. Tudo isso apenas com o primeiro álbum, *Yourself Or Someone Like You*, lançado em 1996. Uma das músicas mais ouvidas nas rádios do mundo em 2000 foi "Smooth", a parceria do vocalista Rob Thomas com Carlos Santana, rendendo-lhe vários prêmios da crítica americana. Agora, o quinteto da Flórida, mais maduro e experiente, aposta no segundo disco, *Mad Season*, que sai quatro anos depois da estréia. O guitarrista Adam Gaynor exibiu sua simpatia e se mostrou seguro quanto às cobranças do novo trabalho.

A pressão para que *Mad Season* venda mais de10 milhões deve ser enorme. O que você espera do segundo álbum?
Só espero que minha avó goste. Se ela gostar, terei certeza de que ele será um estouro. Na verdade, o mais importante é saber que fizemos o melhor possível. Levamos um bom tempo para gravar esse álbum e estamos orgulhosos do resultado. Se as pessoas gostarem e comprarem, será maravilhoso! E, se for o sucesso que foi o primeiro, melhor ainda.

Há diferença entre os dois trabalhos?
Acho que o segundo é bem mais melódico e melhor trabalhado. Quando gravamos o primeiro, estávamos juntos havia apenas três meses. Já *Mad Season* foi feito depois de quatro anos na estrada. Somos um pouco melhores agora.

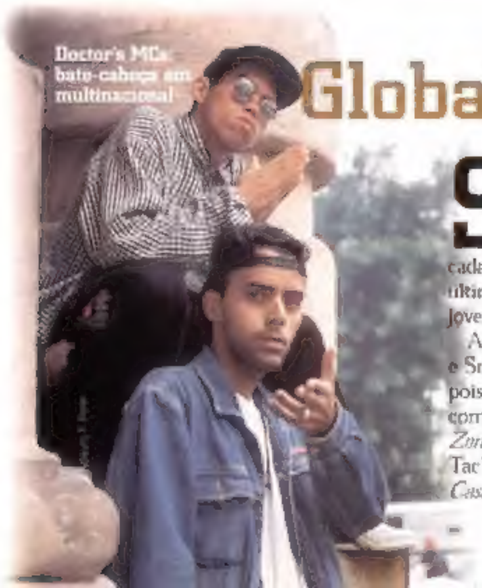
O que mudou na sua vida com a fama?
Vivo num lugar melhor do que antes, mas ainda sou a mesma pessoa. Gosto de passar tempo com a família, assistir a filmes, coisas simples. Às vezes, as pessoas mudam, às vezes são só mal interpretadas. Mas é bom ter uma vida mais confortável.

Fabiana Batistela

Rob Thomas (*quarto, da esq. para a dir.*) ajudou até o chicano Santana a faturar

Foto: Divulgação

Globalização na periferia



Doctor's MCs: bate-cabeça em multinacional

Foto: Divulgação

Se quiser manter a imagem de independência e rebeldia, o rap nacional vai ter de se cuidar. A grande mídia está com as garras cada vez mais perto desse que é um dos últimos santuários selvagens da música jovem de protesto.

As bolas da vez são MCA, Dogg Jay e Smokey D, os **Doctor's MCs**, que depois de dez anos na Kaskata's assinaram com a BMG e lançam *Malokeragem Zona Leste 2000*. Autores dos hits "Tic-Tac" e "Energia" – do anterior, *Agora A Casa Cai*, que vendeu 70 mil cópias –, enfrentam o desafio de manter a credibilidade diante do público tradicional. os adeptos do bate-cabeça (estilo de rap que só existe no Brasil) cultua grupos como o Wu-Tang Clan e tem um jeito de dançar parecido com o pogo dos punks. Não por acaso, o single "U.B.C. (União Bate-Cabeça)" já está estourando nas rádios de rap.

Alegam que não se apresentarão em rádio ou TV se tiverem de "se fazer de palhaços". Por outro lado, MCA decreta: "O futuro do rap é nas grandes gravadoras".

Spensy Pimentel

Mark Sandman (*de vermelho*) morreu sem realizar o sonho de tocar no Brasil

Perseguidos pelo inesperado

No dia 3 de julho de 1999 o mundo perdia Mark Sandman, líder do **Morphine**. Vítima de um ataque cardíaco, ele morreu no palco, durante uma apresentação da banda na cidade de Palestrina, na Itália. *The Night*, o quinto álbum do trio americano, ainda foi gravado e produzido por Sandman e traz um som mais elaborado, algo que marcaria um novo rumo na carreira do grupo. Nos últimos meses, Dana Colley (sax) e Billy Conway (bateria) contaram com a ajuda de vários amigos músicos para formar o Morphine Project e excursionar pelo mundo divulgando o último trabalho. Foram feitos cerca de 45 shows pela América e um em Palestrina. Por telefone, o baterista falou sobre essa experiência, sobre o presente e o futuro.

Como foi voltar a tocar na cidade onde Mark Sandman morreu?
Claro que foi difícil. No entanto, Dana e eu achávamos importante voltar lá e mostrar mais um pouco da vida de Mark, de sua música, dividir essas coisas com a pessoas. Foi um belo show... Mas curto, pois novamente algo inesperado aconteceu. Naquela noite, a Itália disputava com a França a final da Eurocopa de futebol, então o horário do show foi mudado porque as pessoas estariam assistindo ao jogo. Teríamos de iniciar a apresentação algumas horas depois ou não haveria ninguém no lugar. Tudo bem, pois o prefeito tinha nos deixado tocar até mais tarde. A partida acabou e as pessoas começaram a chegar. Depois da sexta música, a polícia nos mandou parar por causa do horário. Saímos de lá sem tocar metade do setlist.

O que vai acontecer agora? Tem alguma possibilidade de o Morphine continuar e de Mark Sandman ser substituído?
No momento, estamos parados. Acho que nosso futuro ainda está para ser decidido. Substituir Mark é impossível. O Morphine foi o que foi. Ainda temos algum material inédito para ser lançado, mas não haverá mais gravações, músicas novas ou shows da banda.

Havia algum projeto que teve de ser deixado para trás por causa da morte de Mark?
Preciso te falar algo honestamente: um dos maiores desejos de Mark era tocar no Brasil. Ele morou no Rio por um tempo e sempre voltava para visitar os amigos. Por isso, queria muito levar a música do Morphine para aí. Engraçado é que ninguém nunca me perguntou isso. Era uma das metas da banda e uma meta pessoal dele.

FB

Três de um!

Neste mês, estréia a versão para a telona do romance *Alta Fidelidade*. A história do inglês Rob Flemming, um dono de loja de discos que se diverte fazendo "listas de cinco melhores coisas" para tudo, sofre algumas alterações no filme, bem como na adaptação dos curitibanos da Sutil Companhia de Teatro para os palcos.

Livro

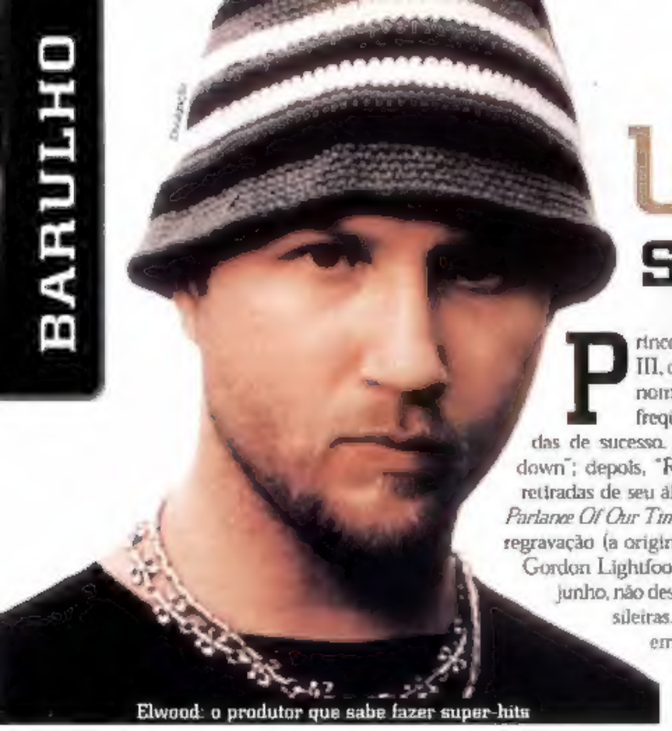
Com cerca de 1 milhão de leitores no mundo todo, *Alta Fidelidade* (Editora Rocco, tradução de Paulo Reis) é peça obrigatória na estante de quem é obcecado por música pop. Jogando muito bem com a sensibilidade e o humor, o autor Nick Hornby constrói um personagem (Rob) que arruma trilha sonora para todas as suas desilusões amorosas. Alguém aí ainda não leu?

Peça

O dramaturgo Felipe Hirsh capturou exatamente o espírito do livro e escreveu *A Vida É Cheia De Som & Fúria*, adaptação para o teatro que é sucesso por onde passa. A presença de uma tela no palco para a projeção de imagens é de uma felicidade absurda. Existem algumas diferenças da peça para o livro, como um dilema sobre a Aids e a possível morte de um dos amigos de Rob.

Filme

É passado nos Estados Unidos, e não na Inglaterra, como no original. Mesmo assim, o texto funciona. O ator John Cusak (*foto*) é quem encarna Rob (com sobrenome mudado para Gordon) e está ótimo, para variar. A iniciativa de Rob em montar um selo e lançar a banda dos moleques da vizinhança não está no livro, fora outras alterações. A trilha sonora saiu no Brasil.


Elwood: o produtor que sabe fazer super-hits

Um caipira se dando bem

Prince Elwood Strickland III, ou apenas **Elwood**, é o nome de um dos novos freqüentadores das paradas de sucesso. Primeiro foi "Sundown"; depois, "Red Wagon", ambas retiradas de seu álbum de estréia, *The Parlance Of Our Time*. "Sundown" é uma regravação (a original foi composta por Gordon Lightfoot, em 1974) e, desde junho, não desgruda das rádios brasileiras. Elwood trabalhava em um estúdio de gravação no Soho (bairro de Nova York), onde produziu músicas de artistas como Tricky e De La Soul. "Isso me ajudou a adquirir experiência e a desenvolver o disco", admite. *The Parlance...* conta com a ajuda do compositor e amigo Brian Boland e traz uma mistura de elementos – rock, pop, folk, hip-hop, jazz – à Beck. Nada planejado segundo Prince: "O tipo de música que faço é resultado das influências que tive no passado", diz isso referindo-se aos discos de música country do avô, que ouvia na infância, quando ainda morava no estado da Carolina do Norte. É mais um caipira americano se dando bem. "Até agora só tive momentos bons por causa da fama", garante ele.

Mais que adivinhar, a idéia é coletar "achismos" sobre os sons

CABRACEGA

Otto

"Sessão Das Dez", Sociedade da Grã-Ordem Kavernista "Isso é Raul Seixas (*cantarola*). Ele é muito mais conhecido e cultuado do que Roberto Carlos. A obra de Raul é uma das coisas mais legais que já ouvi. É criativa até demais. Quisera eu ter esse estilo."

"Technova", Towa Tei "(*Na introdução*) Essa batidinha foi a primeira coisa de bossa nova que aprendi. Essa bateria é estilo Milton Banana, Edson Machado, esses caras das antigas. (*Depois de saber do que se trata*) Os gringos já pegaram isso há muito tempo. É música para você estar bem."

"A Bola Do Jogo", Tony Platão "(*Ouve a introdução com atenção*) Pô, é Mundo Livre (*realmente, é um cover do ex-grupo de Otto*)! Ah, é a Cássia Eller. Só ela é quem grita desse jeito. (*O repórter revela o artista*) Acho muito legal as pessoas cantarem o que Fred 04 (*vocalista do Mundo Livre S/A*) escreve. Ele tem letras muito boas. Fico feliz por isso."

"Forró-mangue", Caju & Castanha "É Caju & Castanha? Eles são muito figuras em Pernambuco. Eu me lembro de vê-los há uns 10, 15 anos, quando eram novinhos. Aí, o pau comia mesmo. Só tinha ouvido eles com pandeiro, nunca com essa sonoridade toda."

"I Don't Know", Beastie Boys "Música brasileira. (*Reproduz a batida com as mãos*) A cadência é samba. (*Depois de saber o que é*) Rapaz, isso é coisa do Mario Caldato (*brasileiro produtor dos últimos discos dos Beastie Boys*). Já passaram pelas mãos dele o Planet Hemp, a Nação Zumbi... Ele conhece, gosta desse tipo de levada. Para a gente ver que a música brasileira é saboreada no exterior, os gringos dão o maior valor. Gostei."

Vai entender o que se passa na cabeça dele...

"3001", Rita Lee "(*Entra o vocal*) Rita Lee! Ela está começando agora nesse negócio de eletrônica. Quem produziu? Espero que ela continue nessa, se estiver a fim. Está tudo muito bem-feito, só falta ela se sentir à vontade. Parece que Rita ainda está com um pé atrás nos vocais. Tem de se jogar. Eu ajudo."

"Namorinho De Portão", Tom Zé "(*Ouve um minuto da canção*) Não estou sabendo o que é, mas estou adorando. Quando a música popular brasileira vai por essa harmonia, essa sonoridade, fica maravilhosa. Mutantes... Tom Zé! É ele. Eu estava tão louco por essa melodia que custei a saber quem era."

"Around The World", Daft Punk "A mixagem está boa demais. (*Cantarola*) Vivo dançando essa música, toca muito na noite. (*O repórter diz o que é*) Também, se eu ficar adivinhando o nome de tudo quanto é DJ..."

"Pocket Calculator", Kraftwerk "(*Entra o vocal*) Porra... Não sei o nome, mas também pode ser outro (*?!?!*). É só tecladeira, devem ser uns quatro caras. Deixei de ir ao show deles porque eu ia me emocionar muito. (*O nome! O nome!*) Kraft... Kraft o quê?"
Emerson Gasperin

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz na padaria da esquina

QUE FIM LEVOU

Jesus Jones

Rock com grooves dançantes fizeram a fama da banda

Janeiro de 1992. Entre as atrações do festival Hollywood Rock, uma das bandas mais assediadas do começo da década: o Jesus Jones, que seduziu fãs graças ao carisma do líder Mike Edwards e à mistura de rock e grooves dançantes. Quem não se lembra de "Right Here, Right Now", que levou *Doubt* (1991), o segundo álbum, ao topo da parada britânica e a vender mais de um milhão de cópias só nos Estados Unidos? Depois disso, parece que a obsessão em ser inovador fez que Mike se esquecesse de escrever boas canções pop, e os ingleses despencaram das paradas.

Outubro de 2000: o Jesus Jones não declarou seu fim oficial, mas seus integrantes estão envolvidos em projetos diferentes. Iain Baker (teclado) é DJ de uma das rádios mais respeitadas da Inglaterra, a XFM (104,9). Alan Doughty (baixo) mora em Chicago (EUA) e toca nos Waco Brothers com Jon Langford (líder dos Mekons, banda punk que surgiu na Inglaterra no fim da década de 70). Jerry De Borg (guitarra) está se apresentando com seu grupo, The Feely Room. E, finalmente, Edwards, hoje com 36 anos e sem as longas madeixas, não para de compor. Inspirado pelas duas músicas ("To Get There" e "Wired And Windburned") que fez este ano para a Tour De France (maior competição de ciclistas do mundo), deve em breve lançar algum material-solo na internet. Além disso, tem trabalhado bastante no seu novo projeto, Yoshi. Em maio de 1999, colocou um anúncio no semanário inglês *Melody Maker* procurando por uma vocalista. Segundo ele, a sul-africana Arianne Schreiber só precisou de 30 segundos para conseguir a vaga. O grupo ainda conta com Simon Burwell no teclados, Ben Hackett no baixo e David Thomas na bateria. Nenhum material foi lançado ainda, mas parece que o ex-líder do Jesus Jones planeja algo grande para conquistar o mundo novamente.

Fabiana Batistela

Ex-Deep Purple agora é fã de Hendrix

A ascensão de **David Coverdale** foi meteórica: surgiu do mais absoluto anonimato para integrar o Deep Purple, depois foi formar o Whitesnake, expoente do hard rock da década de 80, e chegou até a trabalhar com Jimmy Page. Agora, o vocalista sai com um novo álbum-solo – *Into The Light* –, em que se mostra mais contido, um pouco distante daqueles baladões metaleiros que caracterizavam o Whitesnake e, segundo ele, "próximo do blues, soul e jazz". Em entrevista exclusiva, Coverdale fala do disco e relembra as origens.

O que você fazia antes de entrar no Deep Purple?

Saí de Saltburn, onde cantava com grupos locais, e fui para Londres. Fazia um curso de design gráfico, mas tive de desistir porque minha família passava por dificuldades financeiras. Para sobreviver, vendia roupas e eventualmente me apresentava em clubes com várias bandas. Uma delas foi fazer uma demo em um estúdio, onde conheci Ritchie (*Blackmore*), logo depois da saída de (*Ian*) Gillan. Ele me viu gravar e me convidou para substituir Ian nos vocais.

Como foi trabalhar com Jimmy Page?

Maravilhoso, tanto pela música quanto pelo lado pessoal, pois temos uma forte amizade até hoje. Sempre fui fã do Led Zeppelin, ou melhor, de Jimmy Page. Achei genial o disco que ele fez com os Black Crowes.

No disco novo, há uma canção – "River Song" – cujos riffs lembram muito Jimi Hendrix. Houve essa intenção?

Sim, é meu tributo, minha homenagem a Jimi. Quando estava ensaiando para esse álbum, os músicos costumavam tocar alguns trechos de músicas de Hendrix no estúdio, o que me inspirou a fazer a canção. Os riffs são propositadamente parecidos, mas com a intenção de homenageá-lo.

Você considera que faz hard rock ou heavy metal nos dias de hoje?

Nenhum dos dois. O único heavy metal que já compus foi "Stormbringer", e mesmo assim em parceria com Ritchie Blackmore, no Deep Purple. Creio que faço rock pesado, mas com influências de blues, soul, jazz... Acho que é por aí.

Celso Pucci

mark knopfler
A voz e a guitarra do Dire Straits
sailing to philadelphia
Novo CD, incluindo o sucesso "What It Is"
Participações de Van Morrison e James Taylor

MÚSICA É UNIVERSAL
A GRAVADORA Nº 1 DO BRASIL

Como é que isso continua inédito por aqui?

Beth Orton

Foto: Divulgação

Influenciada por:
Joni Mitchell, Suzanne Vega, Everything But The Girl

Disco essencial:
Trailer Park (1996)

De tempos em tempos, surgem vozes que renovam a crença de que o planeta música não é habitado somente por fêmeas rebeldes, estilo Alanis Morissette e Meredith Brooks. Beth Orton é um desses alentos. A inglesa estreou no início dos anos 90 no papel de coadjuvante em discos como o do papa da atual produção pop, William Orbit, e dos eletrônicos Red Snapper. Em 1995, foi a vez dos Chemical Brothers recorrerem a seus atributos vocais para engordarem "Alive: Alone", faixa do álbum *Exit Planet Dust*. A canja na estrela dos magos do big beat não catapultou sua emocionante voz para o estrelato, mas fez a presença dela brilhar mais nos holofotes da mídia. Em 1996, depois de gravar o EP *She Cries Your Name*, a cantora finalmente decidiu pôr na praça um dos trabalhos mais brilhantes daquele ano. *Trayler Park*. Quem esperava mais um produto a ser procurado nas prateleiras de música eletrônica tomou um choque. Misturando o folk tradicional de pares como Joni Mitchell e Nick Drake com uma melancolia puxada das bases futuristas do Portishead e Massive Attack, Beth havia cometido um disco ímpar. Um ano depois, o EP *Best Bit* (com a colaboração do cantor de folk-jazz Terry Callier) já evidenciava sua tendência de se aproximar mais das raízes e deixar um pouco a modernidade de lado. Com a chegada do CD *Central Reservation*, em 1999, não restaram dúvidas. Canções temperadas de amores perdidos e algumas participações especiais – Ben Harper, Ben Watt (Everything But The Girl) – resultaram em um conjunto mais acústico, orgânico, repleto de baladonas, que teve como mola propulsora o compacto da hipnótica "Stolen Car". Nesse meio tempo, ela ainda arrumou um jeito de participar do segundo petardo dos "irmãos químicos" com a música "Where Do I Begin", do novo de Beck, e de ganhar o British Awards 2000 de melhor cantora britânica.

Marco Bezzi

Lambchop

Embora rezasse na cartilha de sua cidade-natal, a meca country Nashville, o Lambchop sempre foi uma ovelha negra no gênero. Os 14 integrantes liderados por Kurt Wagner nunca esconderam sua admiração pelo chamado *blaxploitation*, aquele suingue pesado, épico e lento que funcionava como trilha sonora nos filmes negros barra-pesada dos anos 70. Tanto que, em seu disco anterior, *What Another Man Spills*, faziam versões para baladas de Curtis Mayfield e de Freddie Knight. Em seu último disco, o elogiado *Nixon*, assumem suas nuances de soul funk ao fazer country com o charme e a malícia do começo da década das calças boca-de-sino. O mestre Curtis é influência suprema: além de inspirar os inusitados falsetes de Kurt, ele volta a surgir nos créditos numa parceria insólita com o vocalista. "Pegamos quatro notas em particular, de uma versão dele para 'Baby It's You', passamos a repeti-las e isso se tornou 'The Book I Haven't Read'", revela o líder por telefone. A co-autoria aconteceu pouco antes de Mayfield passar de vez para o outro lado, no dia 28 de dezembro de 1999.

Voltando à tradição country, Kurt concorda que o Lambchop pertence à genealogia do gênero: "Sim, enquanto country é um conceito. Somos de Nashville, que é o centro disso tudo. Somos filhos de operários, crescemos ouvindo isso". Desdenha do rótulo *alt country* ("é uma bobagem") e identifica um esvaziamento criativo durante os anos 90. "Apesar de você estar se referindo ao country de rádio, o country contemporâneo também perdeu seu rumo e caiu numa velha fórmula, preso ao comércio." Ele fala também sobre o delicado papel do grupo na história do estilo. "Acho que estamos apenas reinventando a música americana, como muitos fizeram antes. Explorando e nos desafiando e só. O country está muito voltado para a tradição, e isso é complicado – aconteceu com o bluegrass, blues, jazz... Se você tenta algo novo, você desafia a tradição, a própria música. Então chega a um determinado ponto em que é divertido tocar, mas é um pouco frustrante porque é só aquilo. Gostamos de ter uma interpretação pessoal em relação à música, de ouvir outros estilos e ver o que as outras pessoas gostam", completa.

Alexandre Matias

Influenciados por:
Curtis Mayfield, Neil Young, Johnny Cash, Al Green

Disco essencial:
Nixon (2000)

Produzido na Polo Industrial de Manaus. Coloque a Amazônia.
ATOS
Seu par ideal: Bonito, moderno e pontual.
COSMOS
QUALIDADE INDISCUTÍVEL
OS 29571Q
À prova d'água
Pulseira em aço
Mecanismo à quartzo
Design exclusivo

Tudo para manter a boa imagem do Estado

O grupo escolheu um cenário misto de canteiro de obras e área interditada para desfilar suas cutucadas

Espalhafatoso aparato policial diante da estréia da turnê do Planet Hemp mostra que a banda continua a ser o inimigo público nº 1 da hipocrisia, principal alvo dos versos certeiros e incômodos de Marcelo D2

DirecTV Hall – São Paulo, 1º/9

Um turista estrangeiro que passasse na frente do DirecTV Hall naquela noite chuvosa ficaria espantado. Guardas, viaturas e até um microônibus cercavam a casa. De prontidão, um posto de atendimento médico. Na entrada, pessoas encaravam a fila para ser revistadas. As que tinham cara de muito jovens precisavam mostrar a carteira de identidade para provar que não eram "de menor". O forasteiro, assustado com a ostentação policial (ainda mais porque, semanas antes, presenciou o show de Marisa Monte no mesmo endereço e só avistou gente "de bem"), pensaria que o local iria sediar algo muito obsceno, revoltante e perigoso. Nada, só o Planet Hemp prestes a estrear a turnê de divulgação de seu mais recente disco, *A Invasão Do Sagaz Homem Fumaça*. Ei, espere aí: esta não é a banda que faz a apologia das drogas? Está explicado o zelo das autoridades. É mentira, tchutchu, é mentira...

Vencidas as barreiras e o constrangimento, antipáticos avisos de "É proibido fumar" lembravam que não é porque você passou pela geral que vai poder tomar certas liberdades aqui dentro. Mas a lei não pegou. Bastou as luzes se apagarem para que brasas iniciassem seu rolê longe da roda de pogo aberta aos primeiros acordes do grupo de abertura, Ratos De Porão. Os isqueirinhos agitaram até o fim; os kids, não. Com pouco tempo de barulheira ensaiada (realçada pelo som embolado), o público já mostrava cansaço. De vez em quando, um ou outro foco se exaltava, conforme os grunhidos de João Gordo.

RELAX NO KOMBÃO

Quase uma hora depois da apresentação dos Ratos, a equipe do Planet Hemp ainda acertava detalhes do palco. O cenário composto de grades, cavaletes e cones típicos de áreas interditadas e canteiros de obras, ganhou sinais de "perigo", "afaste-se", "tóxico". Uma kombi equipada com sofá, TV, pára-raio e antena estacionou no fundo. No meio, uma mesa de boteco com cerveja, água e uísque e cadeiras de praia. Passavam 15 minutos da meia-noite quando baldes vermelhos se acenderam e "12 Com Dezoito" iniciou o show, prejudicada pela má qualidade do som, que persistia. Guitarras, baixo, bateria, percussão e pick-ups se misturavam, tornando ininteligíveis os versos de D2, escudado por B Negão e Black Alien.

O repertório continuou no novo álbum, com "Ex-Quadrilha Da Fumaça", "Raprockandrollpsicodeliahardcoregga" e "Procedência C.D.", completando uma seqüência devastadora para dar boas vindas ao público paulistano. Planet Hemp de volta na praça, revezando combinações – ora restavam somente os três MCs e o DJ no palco, enquanto o resto da banda tirava uma onda dentro da kombi ou sentada no bar improvisado, ora os toca-discos é que eram dispensados – e abordagens: lounge ("Quarta De Cinzas", a vinheta "Bossa"), hardcore ("HC 3"), rap ("Hip Hop Rio, "Queimando Tudo"). João Gordo é chamado para fazer os vocais em espanhol e perguntar "Quem Tem Seda?". A rapaziada tinha e fez questão de mostrar.

De forma fluida, D2 ia conduzindo as trocas de clima. Pau na polícia com "Test Drive De Freio De Camburão", emendada com "Porcos Fardados". Sessão pula-pula com "Zerovinteum" (engordada por Black Alien citando "One Nation Under A Groove", "Tear The Roof Off" e "Flash Light", todas do Funkadelic) e "Legalize Já". Convicta, a banda alterou a batida e o tom de seu primeiro sucesso. A seguir, a cadência do samba rap "Contexto" descontraiu a platéia ao máximo, preparando-a para o próximo estágio, que não seria bolinho.

APOLOGIA DO QUÊ?

D2 pediu silêncio e atenção no telão. Uma base repetitiva servia de trilha sonora para imagens de violência contra trabalhadores sem-terra. O toque bateu fundo. O rapper retorna enrolado na bandeira do MST e convoca seus colegas para plantar a semente de "Stab". Dado o recado ("entra Fernando e sai Fernando e o povo vota nele de novo"), a lista de hits prosseguiu com "Dig Dig Dig" e "Mantenha O Respeito", mas a vibração mudara. A diversão não escondia um certo desconforto. Esses caras dormiram na cadeia, tiveram shows cancelados, lideranças reacionárias quiseram pegá-los para cristo. Até Caetano Veloso se achou no direito de intimar D2. E eles ali, fazendo sua música e rindo.

Veio o bis, "Bala Perdida", e o turista estrangeiro (esqueci de avisar, mas ele não suportou a curiosidade e decidiu entrar), persistia sem entender o aparato policial. Afinal, a coisa mais obscena, revoltante e perigosa que presenciou foi o vídeo com cenas da truculência governamental. Ele acabou saindo do DirecTV Hall com a nítida impressão de que São Paulo é uma metrópole que resolveu todos os seus problemas de segurança. Ninguém rouba, ninguém mata, ninguém estupra. A situação está tão sob controle que a polícia pode deslocar um grande contingente para vigiar moleques bem-nascidos antes de um show do Planet Hemp. Isso é que é primeiro mundo.

Emerson Gasperin

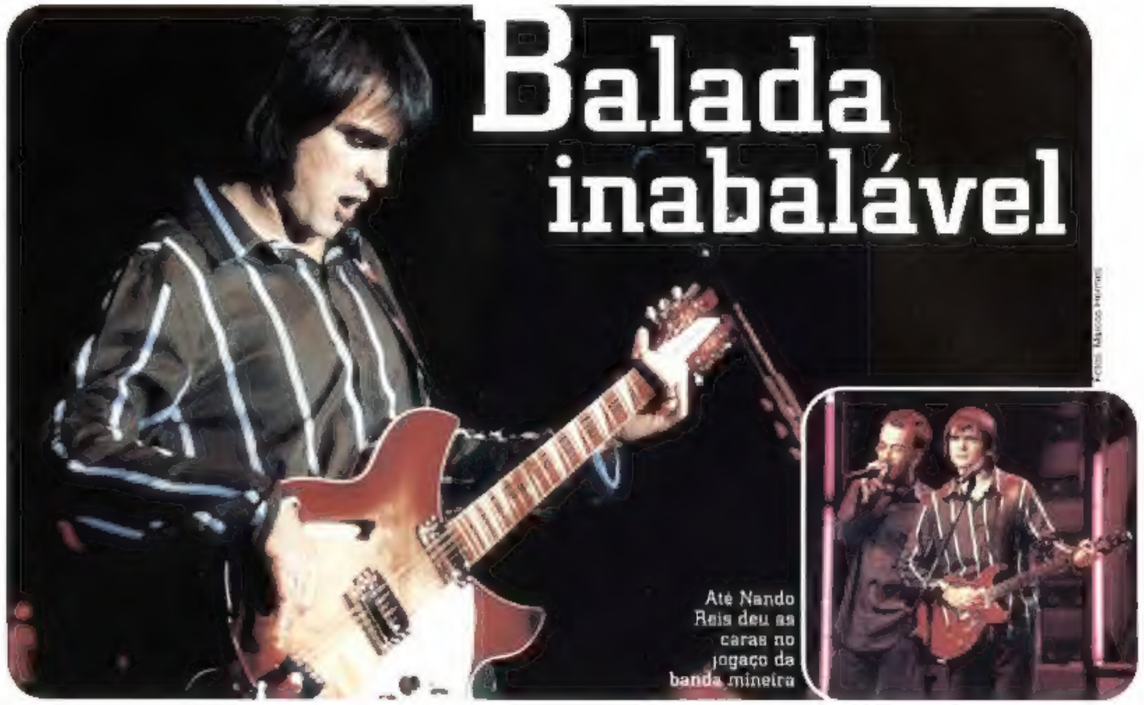
O convidado João Gordo enganou no espanhol em "Quem Tem Seda"

LONDON CALLING
CDs - VHS - DVDs
Tel./Fax: (0xx11) 223-5300
londoncd@uol.com.br

A mais completa em novidades e raridades.
Sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.
ROCK-POP DOS 60 A 2000 EM TODOS OS ESTILOS.
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO.
Rua 24 de Maio, 116
Rua Alta - Loja 15
01041-000 - São Paulo - SP
www.londoncalling.com.br

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7685
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

Balada inabalável



Até Nando Reis deu as caras no jogaço da banda mineira

Fotos: Marcos Hermes

Skank
Olympia - São Paulo, 26/7

Maurinho é jogador do Flamengo, surgido nas divisões de base do clube. Assim que chegou aos profissionais, teve a simpatia da torcida, na base do "vamos apoiar a gurizada nova", mas logo se tornou símbolo da mediocridade do time em boa parte dos anos 90. Só que, por não ser apático como muitos de seus colegas, acabou reconquistando o respeito das arquibancadas, que torce por uma atuação consagradora de Maurinho, embora algo sempre dê errado. Guardado o fato de que no pop, ao contrário do futebol, é fundamental agradar ao público, no novo disco do Skank, *Maquinarama*, é como se Maurinho, aos 48 minutos do segundo tempo de uma partida impecável, driblasse metade do time adversário e fizesse o gol do título. Não há mais como ter má vontade ou falar mal.

Assistir ao show do Skank nessa perspectiva é a chance perfeita para deixar de ser tanso e enxergar o óbvio: a banda sempre foi de primeira. Ouvir o desfile ininterrupto de sucessos é como presenciar as antigas partidas e ver, em vez das bolas perdidas e dos chutes errados, qualidades que estavam na cara o tempo todo. Facilita mais quando esses hits vêm emendados, sem muito papo furado, tocados por uma banda azeitada que esbanja competência e domínio de palco. O vocalista e guitarrista Samuel move-se pelo palco como uma mistura de Herbert Vianna, Wander Wildner e Neil Young, enquanto o baixista Lelo dedica-se à dança do "ui, tá queimando os pés".

Um coleguinha mais experiente disse certa vez que "fazer pop é difícil, fazer pop com informação é mais difícil e mais difícil ainda é fazer bom pop com informação por muito tempo". E durante todo o show, o que o Skank mais faz é esfregar na cara há quanto tempo eles têm feito isso. Os ruídos eletrônicos que pontuam *Maquinarama* são levados ao palco, mas não de forma ostentatória, tanto que nem dá para ver quem os dispara. Em "Mandrake E Os Cubanos", a inspiração em "Coming Up", de Paul McCartney, é explicitada pela citação da canção-musa. Nando Reis sobe ao palco e reforça a tese de que ele tem de amar o Skank, porque de duas uma: ou ele destina toda as suas melhores músicas para a banda, ou eles fazem milagres com o que recebem. As versões para sucessos do Police e Roberto Carlos reforçam ainda mais a segunda hipótese ao mostrarem ter vida independente das originais.

Quando o show termina, é fácil vestir a camisa do Skank e sair por aí inventando ser torcedor do grupo desde criancinha. Afinal, seria um trabalho sujo demais torcer para que gente do bem fazendo coisa boa não se dê bem.

Fabio Bianchini

A opinião de quem estava lá

IMPRESSÕES

Ricardo Junqueira Franco
Estudante
"Foi fantástico, tocaram músicas de todas as fases. De 0 a 10, a nota é mil."

Elaine Galeazzi
Publicitária
"Eles estavam ótimos, como sempre. Vou a todos os shows deles que posso."

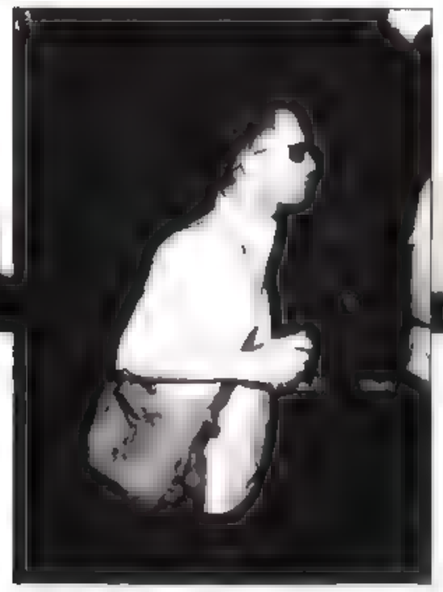
Grace Hampshire
Modelo
"Amei, amei, amei, foi maravilhoso. Conheci o Skank pelas músicas do rádio e fiquei muito feliz de ter vindo."

Os hooligans estão chegando!

Desde que os Beatles fizeram sua primeira turnê pelos Estados Unidos, em 1964, volta e meia o planeta é surpreendido por uma leva de artistas vindos da Grã-Bretanha. Motivados pela estrondosa recepção conferida ao quarteto de Liverpool e aos Rolling Stones, diversos nomes também começaram a olhar para o Novo Mundo com mais carinho, como The Who, Kinks, Yardbirds, Animals, Small Faces... Logo foi cunhado o termo para designar a onda: Invasão Britânica. De lá para cá, as bandas do Reino Unido vêm se revezando com as americanas no domínio da cena musical, independentemente do gênero que seguem. Depois de amargar a ascensão do grunge nos anos 90 (e respondendo com a eletrônica e o brit pop), mais uma vez os grupos britânicos estão dando as cartas no pop e exportando suas canções para o mundo inteiro. Amantes do rock feito com devoção e sinceridade esperam pelos novos discos de Radiohead e U2, um apontando o futuro e o outro olhando para trás. Punks de todos os tempos devem assistir ao filme que conta a tortuosa trajetória dos Sex Pistols. Festivais, uma tradição que se iniciou com Woodstock, têm em Reading seu melhor representante. No meio do bolo, até Richard Ashcroft, agora solo, arrumou um lugarzinho para contar sua ressurreição após a lama em que se enfiou com o Verve. É isso que aguarda o leitor nas próximas 22 páginas. Tenha uma boa viagem.

Invasão Britânica

O ser e o nada



Thom Yorke foi ele quem bolou o conceito que permeia todo o album

Depois de confusões, bloqueios, crises e medos provocados pelo sucesso inesperado de *OK Computer*, o Radiohead emerge com *Kid A*, um disco difícil e, por isso mesmo, sedutor. Só eles – e, agora, você – sabem o sofrimento que foi para sair dessa saos e salvos

por Luciano Vianna e Valéria Rossi de Londres, Inglaterra

O antimarketing da banda, que prevê shows sem marcas ou patrocínios, raras entrevistas e pouca atenção à mídia, pode funcionar como um eficaz meio de divulgação e sedimentar a aura de lenda viva do rock

Desde o lançamento de *OK Computer* em 1997 o Radiohead tem frequentemente sido descrito como o maior grupo do mundo. Na história do rock esse título sempre trouxe mais desventuras do que vantagens, e para a banda inglesa não foi diferente. Thom Yorke (vocal e guitarras), Jonny Greenwood (guitarras), Ed O'Brien (guitarras), Colin Greenwood (baixo) e Phil Selway (bateria) terminaram a turnê mundial de *OK Computer*, em 1998, recebendo mais atenção do que procuravam. Em estado emocional precário, eles gulharam num purgatório em que tiveram de enfrentar bloqueios para escrever, crises criativas, crises de tédio e dúvidas que chegaram a ameaçar o rompimento do grupo em fevereiro deste ano.

A tensão se dissipou em abril. O Radiohead, renovado e purificado, emergiu com o surpreendente álbum *Kid A*, trazendo um novo conceito para as apresentações ao vivo, numa arena própria, que não permite logotipos ou propagandas. E desenvolvendo uma atitude que quer manter a distância da adoração do público, mas, paradoxalmente, pode acabar sedimentando no Radiohead a aura de lenda viva do rock. Parte dessa atitude é dar pouca atenção à imprensa e não lançar compactos para promover o disco, como é costume na Inglaterra. Uma das raras entrevistas para divulgar *Kid A* foi concedida à revista inglesa *Q*, que traz Yorke estampado na capa da edição de outubro. Ali é que os fãs ficaram sabendo das complicações e crises encaradas pelo grupo durante as gravações do novo disco.

Esperando o término das obras de sua própria ilha de gravação, o Radiohead entrou no estúdio em janeiro de 1999, em Paris, para começar a gravar seu quarto álbum. Mas Yorke não tinha nada guardado na manga e, para piorar, estava enfrentando um bloqueio criativo. "O réveillon de 1998 foi um dos pontos mais baixos da minha vida", disse ele. "Sentia que estava enlouquecendo. Toda vez que pegava na guitarra pintava um desespero. Eu começava uma canção, parava depois de 16 compassos, escondia tudo na gaveta para depois pegar de novo e destruir. Me afundava mais e mais."

Jonny Greenwood aceitando a resolução de que nem todas as músicas teriam guitarra

Enquanto isso, o guitarrista Ed O'Brien desenvolvia a sua própria visão de como deveria ser o novo disco. Para ele, o caminho tinha de passar por músicas cheias de guitarras, com pouco mais de três minutos, numa antítese completa do *OK Computer*. "Estava incomodado com todas as analogias com o rock progressivo. Principalmente porque odeio esse tipo de música. Achei que a única forma de a gente fazer o contrário de *OK Computer* seria abandonando todos os efeitos e deixando as guitarras bem cruas", lembrou. Nada poderia estar mais longe do conceito desenvolvido para o disco por Yorke. "No estúdio, o meu maior medo era de eu fazer um disco assim. Eu queria um som cheio de melodia. Só queria ritmo", desabafou o vocalista.

TESTE PARA OS EGOS

Em março de 1999, a banda se mudou para um estúdio em Copenhague (Dinamarca) e começou a gravar fragmentos de som, trechos de canções sem começo nem fim. "Foram duas semanas horríveis. No fim, tínhamos 50 rolos de fita e cada uma com apenas uns 15 minutos de música. E nada estava pronto", recordou O'Brien. A lógica do processo só parecia funcionar para Yorke. Mas os outros integrantes estavam aborrecidos. "Trata-se de gerar pedaços de trabalho que podem estar incompletos e não ir a lugar nenhum. E, na hora que você os termina, eles podem ser irreconhecíveis, mas bem melhores do que aquilo com o que você começou. É isso que eu estava tentando fazer, independentemente de onde a música vinha ou de que membros da banda estavam envolvidos", justificou o mentor.

A partir daí, a metodologia que viria a dar a forma a *Kid A* entrou em fase de desenvolvimento. Os músicos passaram a trabalhar como unidade, experimentando com a eletrônica e, em muitas faixas, alguns instrumentos foram dispensados. Como resultado, quase não há som de guitarras neste disco de uma banda que conta com três músicos dedicados ao instrumento. "Todo mundo se sentiu inseguro. Sou um guitarrista e, de repente, acontece de não ter guitarra numa determinada faixa, não ter bateria em outra. Eu, Johnny, Coz e Phil tivemos de nos acostumar a isso. Foi o nosso teste, eu acho. Será que iamos sobreviver com os nossos egos intactos?", questionou O'Brien.

Ed O'Brien: o principal: sua idéia era abandonar todos os efeitos e deixar o som bem cru

SEM SAIR DO LUGAR

Não foi a guerra de egos que quase pôs fim ao Radiohead. O processo de gravação foi muito cansativo e considerado demorado demais por alguns (principalmente por Jonny, o mais jovem e mais impaciente membro do grupo). Dezenas de faixas eram começadas e depois abandonadas para serem retomadas apenas seis meses depois. Apenas uma música, "Knives Out", levou 373 dias para ser completada e, ainda assim, não entrou na seleção final de *Kid A*.

Quando o Radiohead iniciou os preparativos para o álbum no interior da Inglaterra, em abril de 1999,

DA ANGÚSTIA FEZ-SE A LUZ

Para o quinteto, a guinada revelou-se um acerto

★★★★☆

Kid A
EMI

Tudo faz sentido no quarto álbum do Radiohead. Pegue exemplos recentes e reflita: o que o Nirvana fez depois de *Nevermind*? O que o R.E.M. fez depois de *Out Of Time*? *Kid A*, com sua falta de poesia, com sua falta de guitarra, com sua falta de estrofes e refrãos, equivale ao que a brutalidade de *In Utero* significou para o trio de Kurt Cobain e à leveza semi-acústica que Stipe, Berry, Buck e Mills conseguiram com *Automatic For The People*. Ou alguém acha que não existe sofrimento em se tornar o maior expoente de um gênero musical, ser o progenitor da obra mais aguardada do ano? Ainda mais para uma banda que foi motivo de piada pela crítica quando apareceu com seu primeiro single nas paradas.

O disco é complicado? Sim, até indigesto, mas não deixa de ser envolvente e de esbanjar qualidades. Quem conhece mesmo Radiohead vai fazer com *Kid A* o mesmo que uma criança faz quando recebe um ovo de Páscoa quando o que pediu [illegible] estar [illegible]. A [illegible] ovo de [illegible] "Kid A" [illegible] de Thom Yorke. Só [illegible] custa. A abertura, com "Everything In Its Right Place", é fenomenal: envolve pela repetição dos quatro versos. "Kid A", a seguinte, é incompreensível. A voz de Yorke passa por um vocoder do além que não dá a mínima chance ao ouvinte de entender algo. Faz lembrar Tortoise. Com uma linha de baixo ameaçadora, "National Anthem" prossegue a viagem com bateria *jazzy* e saxofones desorientados. Bate uma vontade de chacoalhar o corpo como faz o vocalista, que completa mal [illegible] frases. Vem "How To Disappear Completely", com cordas adulteradas, e o clima hipnótico e claustrofóbico da obra se acentua com os versos "Eu não estou aqui/Isto não está acontecendo". "Treefingers" não tem letra, só sobreposição de órgãos.

Aí você respira fundo, porque dos 50 minutos de duração só se passaram 25. "Optimistic" é a que mais se aproxima de algo que poderia tocar no rádio. E é bem quando você [illegible] pensando nisso que entra um epílogo chamado "In Limbo" e a canção bate os 6 minutos e 49 segundos. Não não vai [illegible] no rádio [illegible] essa [illegible] tudar o conceito dali pessoas sobre o que é música, a obra-prima do Radiohead. Por cima de uma base eletrônica, Yorke parece estar narrando um acidente de avião ou de navio e põe o fã no meio da agonia. Alguns vão desligar o aparelho de som depois dessa. Outros ainda vão ouvir o loop humano de bateria que conduz "Morning Bell", as harpas e o clima Walt Disney de "Motion Picture Soundtrack" e uma vinheta escondida e sem relevância.

Quem acompanhou o martírio que foi a confecção desse disco, talvez já estivesse esperando hamanha "esquisitice". "Ora, *OK Computer* não parecia nada fácil à primeira audição e foi o estrondo que foi", podem se pensar. Mas, não. *Kid A* é um disco pós-Radiohead (recusa se tentarem vendê-lo como pós-rock). Aquele som que virou o som do Muse e de milhares de bandinhas mundo afora não pertence mais ao quinteto que o criou. O Radiohead enxergou a situação e trilhou um novo caminho. Sério.

José Flávio Júnior

Numa das tensas reuniões em torno do novo trabalho, foi decidido que, se todos chegassem à conclusão de que não havia nada a ser feito, a derrota seria reconhecida e cada um seguiria seu próprio caminho

a impressão era de que a banda não havia avançado um passo se quer desde o começo das grava ções, em janeiro. O estudio pró prio ainda não estava pronto e sem uma data final para ter o fim o disco nem pressão da gravadora, a busca la seguir para sempre sem chegar a lugar nenhum. "Humanos precisam de um senso de ordem. Quando há muitas coisas sem terminar, em quais você se concentra? Isso causa panico. Várias vezes, tivemos reuniões em crise", revelou O'Brien.

Num desses encontros tensos, a banda decidiu que se todos chegassem à conclusão de que não havia nada a ser feito, a derrota seria reconhecida e cada um seguiria o seu próprio caminho. No fundo do poço, o grupo resolveu dar uma virada. O momento mais critico foi quando tiveram de aceitar que nem todos os integrantes iriam aparecer em todas as músicas. "Precisamos aprender a participar de uma canção sem na verdade estar tocando nenhuma nota", afirmou o guitarrista.

Phil Selway como os outros integrantes também optou por não mostrar o rosto nas fotos

Com a situação finalmente entrando nos eixos mais ou menos nessa mesma época o Radiohead descobriu a força da internet. O Brien começou a escrever um diário das gravações no site oficial do grupo e rapidamente as atualizações sobre o progresso das músicas viraram notícias nas principais publicações. Aparições surpresa surgiram na rede, para a alegria dos fãs, que assim tiveram a oportunidade de entrar no universo particular do grupo no estudio por meio de discotecagens, bate-papos, teatro de bonecos e músicas novas mostradas com exclusividade. Em uma das atualizações no diário do site, O'Brien recomendou aos fãs que comprassem o livro *No Logo* (*Sem Logo*), da jornalista canadense Naomi Klein, que trata da invasão das marcas das grandes coorporações na vida moderna. O livro fez tanto sucesso entre os integrantes da banda que, por algum tempo cogitou-se que o album recebesse o mesmo nome. Foi daí que o Radiohead criou o conceito da atual turnê, uma gigantesca lona branca sem marca ou patrocínio de nenhuma empresa.

COLAGENS SONORAS

Concluido o estudio proprio, a partir de setembro do ano passado o Radiohead passou a dedicar-se as musicas de *Kid A* em tempo integral. No dia 13 de dezembro o diário eletronico de O'Brien anunciava que seis canções "estavam praticamente prontas". Seguindo a sugestão do produtor (e membro honorário) Nigel Goldrich, a banda dividiu-se em dois grupos. Um deles começava a criar uma sequencia ou loop ou até mesmo barulhos, e o outro tinha de compor a música daí, mas sem usar instrumentos acústicos, como guitarras e bateria. Quando dei por mim estava tocando um (*teclado*) Moog. Ou operando máquinas que nunca havia usado. Você literalmente se sente uma criança", exaltou-se O'Brien. Apesar de nenhuma das musicas dessas sessões terem entrado no disco, pode-se dizer que foi só então que todos entenderam as idéias de colagens sonoras que Yorke estava querendo dar ao album. "Acho que Thom faz parte da mesma linhagem de John Lennon, David Bowie. Ele tem um dom extraordinário", elogiou o guitarrista.

Colin Greenwood aprendendo a participar de uma canção sem estar tocando nenhuma nota

Com o término das gravações e o fim do inferno astral que pontuou o processo criativo, a banda [illegible] pela Europa em junho e julho para testar as novas musicas ao vivo, enquanto organizava a lista final das que iriam parar em *Kid A*. Continuando com seu conceito anticomercial, os integrantes do Radiohead não permitiram que sua gravadora editasse singles do album ou forçasse a inclusão de alguma faixa na programação das rádios, para estimular a livre escolha das emissoras. No primeiro trimestre de 2001, o grupo deverá lançar um album com as 14 faixas que sobraram das gravações do disco ou EPs de tiragens limitadas com quatro musicas cada.

Kid A é provavelmente o último disco "tradicional" do Radiohead. De agora em diante o quinteto pretende investir numa maior interatividade usando principalmente a internet e banco[illegible] sem grande alarde. Pelo menos até segunda ordem. Se há uma lição a ser tirada de tudo isso [illegible], é que certeza é uma palavra que não existe no vocabulário de Thom Yorke.

BONEQUINHOS E NADA MAIS

Se os cinco rapazes optaram por não ter single e escolheram fotos para divulgação em que estão de costas, com a mão no rosto ou se escondendo atrás dos instrumentos, o "descaso" com a imagem não poderia ser diferente nos clipes. Foram produzidas animações para as faixas "Idioteque" e "Morning Bell". Na primeira, a imagem de duas pontas de dedos ficam se mexendo em um fundo branco durante quase a totalidade da música. Até que o close vai se abrindo e o que pareciam ser pontas de dedos transformam-se nas pernas do bonequinho Kid A, o mascotinho inventado pela banda que se assemelha ao que o Jesus Jones usava. Em "Morning Bell", um Kid A assume a bateria, outro o violão, até que todo o Radiohead fique representado pelos bonequinhos. O desempenho deles [illegible] no clipe. Simples assim.

RASPAS E RESTOS QUE INTERESSAM

O Radiohead produziu pelo menos 23 faixas no estudio, das quais apenas dez foram selecionadas para entrar no disco novo. As descartadas acabaram num CD para o fã-clube, numa tiragem limitada. Confira o que ficou de fora:

"Instrumental" Sem um nome fixo, esta faixa é um interlúdio instrumental composto basicamente de piano e bateria, com inserções de guitarras com efeitos fantasmagóricos e samples de pessoas conversando.

"Follow Me Around" Balada sombria, começa acústica e depois do segundo refrão (que consiste em Thom Yorke gritando repetidas vezes "follow me around" – "me seguindo") ganha agitação com a entrada da bateria, para depois ficar lenta novamente e acabar com diversos efeitos.

"Nothing To Fear" Baladona com a voz de Thom Yorke contrastando com um piano picado quase sem ritmo.

"I Promise" Mais uma balada, bem marcada por uma bateria marcial. O vocalista repete diversas vezes a frase "I promise". A música encerra com um barulhento solo de guitarra.

"Knives Out" Quem assistiu a algum dos shows ao vivo do Radiohead na turnê do meio do ano apostava que "Knives Out" seria o primeiro single de *Kid A*. Não se sabe por quê, mas os integrantes da banda resolveram deixar a música de fora da listagem final do álbum. Pena, porque "Knives Out" traz um baixo fraseado de guitarra, lembrando um pouco algumas músicas de *The Bends*, o segundo disco do Radiohead. Nessa versão, ela acaba com uma voz fina distorcida falando palavras sem nexo.

"Lift" Outra mudança na fronteira entre a balada e o rock. Com um refrão pegajoso, também poderia perfeitamente ser um single de *Kid A*.

"True Love Waits" Começa acústica, somente com voz e violão, e é uma das mais bonitas que o Radiohead gravou nas sessões de *Kid A*. Se estivesse no disco [illegible] poderia ter feito o mesmo sucesso [illegible] "No Surprises" [illegible].

"Manowar, Big Boots" [illegible] quase a capella, vai sendo preenchida aos poucos por diversos instrumentos e barulhinhos engraçadinhos, até cair num rock experimental levado por uma guitarra envenenada e um órgão que entram na metade da música. No meio, surge uma voz falando "fucking brilliant" ("maravilhoso"), entre outras coisas. Acaba com Yorke cantando "big boots" ("sapatos grandes") com voz chorosa.

"[Don't Get Any] Big Ideas, Nude" Gravada apenas com voz e violão, é uma balada que abre anunciando: "não vá imaginando muita coisa".

"You And Who's Army" Com um instrumental bem *jazzy*, lembra um pouco músicas de cabaré da primeira metade do século.

"Dollars And Cents" Uma das músicas mais experimentais gravadas nas sessões de *Kid A*. Destaque para o baixo acústico que carrega a canção.

"Egyptian Song" Outra com um instrumental puxando bastante para o jazz. Piano e baixo acústico se contrapõem à voz sofrida de Yorke.

De olho nas raízes

O quarteto promete surpreender com *All That You Can't Leave Behind*, que será lançado no fim de outubro

Depois dos flertes com a eletrônica nos últimos trabalhos, Bono, The Edge, Adam Clayton e Larry Mullen abandonam as máquinas, rejeitam artifícios e evocam os primórdios de sua carreira para mostrar que ainda há lugar para a emoção e a paixão no pop

por Abonico R. Smith

O [illegible] simples e bastante [illegible]: "Desafio qualquer um a fazer um dis[illegible] de rock melhor neste ano". Com essa frase do vocalista Bono Vox, publicada no jornal italiano *Il Messaggero*, já dá para ter uma boa noção do que esperar de *All That You Can't Leave Behind*, o álbum que o U2 [illegible] no [illegible] de outubro.

Há [illegible] lançar [illegible], [illegible] assinantes da revista [illegible], dedicada à banda, [illegible] cópias de *Hasta La Vista Baby*, que traz registros ao vivo da turnê *PopMart* captados na Cidade do México, o U2 nunca provocou tanto suspense quanto agora. Tudo por culpa da segunda virada de página da carreira.

Se nos anos 80 esses irlandeses ascenderam propondo [illegible] vigoroso e cheio de energia e reflexão, na década posterior pareciam estar um pouco cansados do estilo de [illegible] mega astros do rock. Para subverter a ordem, Bono e sua gangue se despiram das atitudes messiânicas e passaram a brincar com o show biz (produzindo grandes turnês temáticas, na verdade circos eletrônicos que ao mesmo tempo eram celebrações e questionamentos a respeito do avanço desenfreado da tecnologia e do poder supremo do capitalismo), a gravar menos álbuns e utilizar o status de popstars para influir política e socialmente em várias [illegible].

E agora [illegible] em que o grupo entra na segunda dezena de existência, como [illegible] o U2? [illegible] Al[illegible]nal, a produção volta a ser dividida entre Daniel Lanois e Brian Eno, os nomes por trás de [illegible] *The Joshua Tree* [illegible] os [illegible] da discografia da banda [illegible] Eno são mestres em [illegible] The Edge (guitarras e teclados), Adam Clayton (baixo) e Larry Mullen Jr. (bateria) em atmosferas densas [illegible].

O eterno empresário [illegible] Paul McGuinness também [illegible] em uma declaração ao [illegible] *Irish Times*: "Será um [illegible] sem máquinas", afirmou. [illegible] fala em [illegible] gravações eletrônicas dos últimos álbuns, *Pop* e *Zooropa*, nada mais natural, portanto, que o percurso fosse [illegible] 180 graus, voltando a tudo aquilo que possibilitou ao U2 ser o que é hoje.

Em entrevista para uma [illegible] americana, Larry adiantou alguns detalhes de *All That You Can't Leave Behind*. Disse que a sonoridade está mais próxima do U2 típico de *The Unforgettable Fire* e *The Joshua Tree*. Outro fator que distanciará o trabalho da colagem pós-modernista de *Achtung Baby* são as harmonias vocais mais elaboradas, inclusive com a participação de Eno. "Em certos momentos, esse álbum faz mais referências a [illegible] [illegible] Sgt. Pepper's [illegible] do que qualquer outro [illegible]

Cena que está ficando cada vez mais comum: o grupo recebendo algum prêmio por sua atuação social. Em março deste ano, foi a vez da prefeitura de Dublin (Irlanda) homenagear os filhos famosos e conscientes

POR UM MUNDO MELHOR

[illegible] ricas do mundo

[illegible] sobre a economia mundial

Bono: desafiando os mortais a fazer um disco mais poderoso neste ano

Quem teve o privilégio de ouvir algumas das novas músicas garante que a banda voltou a exibir a pegada roqueira dos anos 80

tor "[illegible] e muita paixão" [illegible]

É justamente essa a segunda palavra-chave do enigma [illegible] tomar o U2 em início de [illegible] de a entrega era tema recorrente nas letras e performances de Bono. "Gostaria de ser um cantor de soul para pegar o que há dentro e botar para fora", declarou o vocalista no livro *Dentro Do Rock*, escrito em 1986 pelo jornalista e crítico de rock americano Bill Flanagan. Uma década e meia depois, Bono define o soul e o gospel como importantes veias para o novo trabalho. "Não é plástico nem seda. É muito pesado. É titânio", exagerou ele ao ser entrevistado pelo jornal *USA Today*. "É como um disco dos Beatles. Não existem artifícios ou invenções. Cada faixa é um hit em potencial." The Edge concorda com o companheiro. "Esse álbum é realmente simples, a nossa obra mais crua, exatamente por ser bastante pessoal, aberto [illegible] o guitarrista a alguns [illegible].

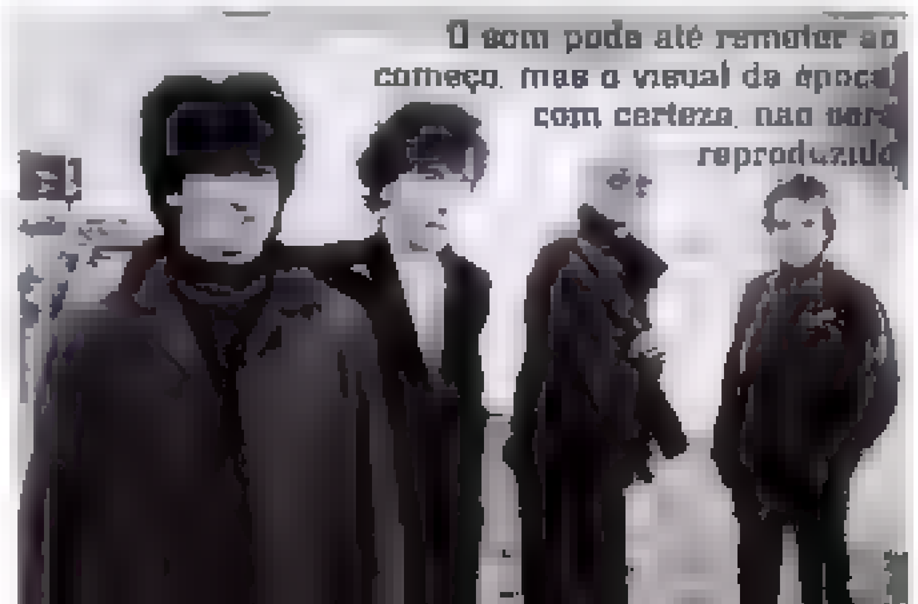
RESGATE DAS GUITARRAS

Nesses [illegible] gravadoras [illegible] para manter as [illegible] trelas em segredo absoluto [illegible] lançamento [illegible] se movimenta na internet. A própria banda [illegible] para [illegible] dade de seus admiradores, disponibilizando no site oficial [illegible] das onze faixas para download. "Beautiful Day" está sendo editada em single nessas semanas que antecedem a chegada de *All That You Can't Leave Behind*. Haverá três versões tendo como lados B as inéditas "Summer Rain" e "Always" e duas canções extraídas de *Hasta La Vista Baby*. Enquanto o disco [illegible] [illegible] na MTV [illegible] Madonna, "Smack My Bitch Up", do Prodigy, "My Favourite Game", dos Cardigans, e filmado no aeroporto Charles de Gaulle, em Paris.

Quem teve o privilégio de ouvir algumas das novas músicas afirma que o U2 voltou a mostrar suas raízes roqueiras. "Elevation", com Mullen estreando no baixo, é comparada com T.Rex e electro-rock. "[illegible] Stir My Soul" – canção até então cotada para abrir *All That You Can't Leave Behind*, mas que curiosamente não aparece na última lista divulgada – [illegible] de [illegible] guitarras complementam o hipnótico riff de piano. Das raízes negras surgem "Stuck In A Moment You Can't Get Out Of" (com ecos do "som da Filadélfia") e "In A Little While" (R&B melódico [illegible] que guarda proximidades sonoras com o U2 do fim dos anos 80).

PISTAS DO PASSADO

Outras pistas deixadas pela banda evidenciam que o álbum (completado pelas faixas "Walk On", "Peace On Earth", "Kite", "New York", "Wild Honey", "When I Look At The World" e "Grace") tem, mesmo, conexões com os primórdios da carreira. Ao ser perguntado sobre seus sucessores no estrelato, como Oasis e Radiohead, Bono não titubeou e fez uma referência bem-humorada ao primeiro disco do grupo, *Boy*, de 1980. "Realmente são boas bandas. Mas enquanto eles são os garotos (*boys*), nós somos os homens." E o mais óbvio: qual seria a razão para o anúncio [illegible] outubro? Vale lembrar que o segundo álbum do quarteto, de 1981, chama-se *October*.



O som pode até remeter ao começo, mas o visual da época, com certeza, não será reproduzido

Especulações à parte, o que se espera ao menos [illegible] bom trabalho do quarteto [illegible] faixas para serem executadas [illegible] por rádios, MTVs e [illegible] Independentemente de [illegible] ou revoluções [illegible] U2 significará um bom antídoto contra o marasmo de rappers assassinos, rock testosterona e bonecos dançarinos. Afinal, cabe a Bono Vox, último megastar do pop que sobreviveu à era do videoclipe ao lado de Madonna, [illegible] a condição messiânica de salvar o mainstream da total falência criativa. Se não for ele, quem será?

Sinfonia da reconstrução

Livre das drogas pesadas e da paranóia que envolvia o Verve, o papai Richard Ashcroft assume que quer mais é curtir o filhão e cantar o amor

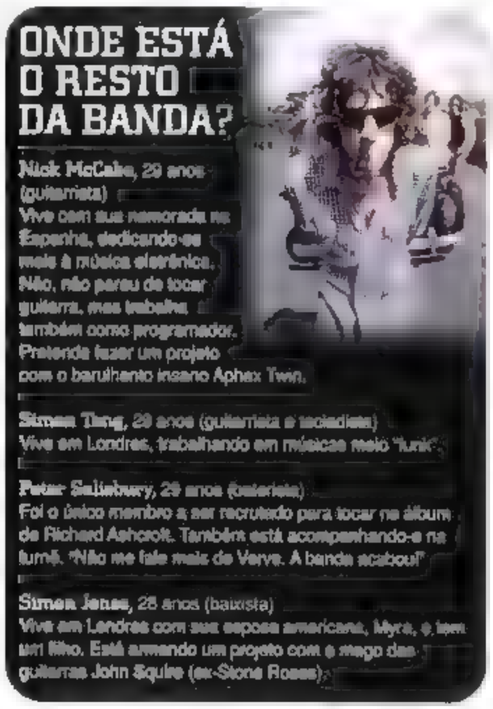
por Marco Bezzi

Dez longos anos de brigas, separações, delírios, drogas pesadíssimas e zilhões de incertezas podem transformar o universo de qualquer pessoa em um verdadeiro inferno. Se você não conhecesse Richard Ashcroft, vocalista e principal compositor de uma das mais marcantes bandas que nasceram na Inglaterra pós-Stone Roses, todos esses traumas, nesse caso, não teriam a mínima importância.

O Verve nasceu no ano de 1990, rebatizando o cenário britpop com o ultrapsicodélico *A Northern Soul*, teve história com o single de "History" [illegible] de 1995 – [illegible] *Urban Hymns* [illegible] Nos salvamos que estávamos fazendo [illegible] que a maioria da nossa geração tinha esquecido", revelou Richard para a revista *Mojo*. "Na época de *A Northern Soul* percebi que queria escrever grandes canções como os Beach Boys, Burt Bacharach e os Byrds."

Foi nesse ímpeto de inspiração que eles também começou a sentir o seu mundo desmoronar. O guitarrista e seu principal parceiro, Nick McCabe, abandonou o time [illegible] após o lançamento do álbum alegando problemas pessoais. Na [illegible] primeira, muito menos a última vez que o parceiro dava uma desafinada com o resto do grupo. Em 1998, depois de uma turnê americana regada a drogas, excessos e discussões, a [illegible] gerada pelo abandono de McCabe seria muito mais sentida.

Sofrendo do [illegible] que resultou no suicídio de Kurt Cobain e cansado do descaso de seu ex-companheiro, Richard decidiu com os outros sobreviventes dar fim ao que tinha restado do Verve. "Tivemos tantos problemas na nossa última turnê. [illegible] Eu tinha de desistir sabia que isso não era mais legal para minha saúde mental." Por ter mais uma vez estagnado incólume, Ashcroft necessitava de alguns momentos de reflexão. Meses antes do [illegible] *rybody* (já lançado no Brasil), seu primeiro manifesto-solo, aportou nas lojas. Como o próprio título deixa bem claro, Richard está sozinho ou, talvez, nem tanto. O magricela, que completa 29 anos ainda este ano, casou-se em 1995 com a bela Kate Radley, da banda inglesa Spiritualized e teve o primeiro filho, Sonny, em março passado. "Minha mulher e meu filho são a minha estabilidade agora", falou à revista *Q*.



PODER DE ESCOLHER

[illegible] ele teve [illegible] momentos [illegible] dos últimos dez anos. *Urban Hymns* vendeu mais de 7 milhões [illegible] todo o mundo e, em [illegible] de menor inspiração, o Verve [illegible] cerca de 80 mil [illegible] [illegible] Mas agora [illegible] para fazer [illegible] entender, Richard tem o poder [illegible] quem estará ou [illegible]

Essa [illegible] e [illegible] em [illegible] seu trabalho. *Alone With Everybody* (título tirado de um [illegible] Charles Bukowski) trata dos amantes, das coisas [illegible] simplórias e, principalmente, [illegible] seu relacionamento com [illegible] sua, Kate Radley. [illegible] [illegible] de [illegible] line, "e *com o álbum* [illegible] [illegible] europeu, [illegible] Serge [illegible] Scott Walker, [illegible] Marvin [illegible]

"Quando [illegible] você [illegible] influenciar [illegible] [illegible] Estava [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] filho [illegible] por Nova York [illegible] [illegible] [illegible] coração estava [illegible] [illegible] Oceania e [illegible] em Los Angeles [illegible] [illegible] vão ser [illegible] mais importantes [illegible] [illegible] sim, é uma nova emoção para mim. Canções como "A Song For The Lovers", "C'mon People" e "New York" já tinham sido compostas no [illegible] período de [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

Invasão Britânica

Reading não existe para fazer do mundo um lugar justo e belo. O que faz dele um festival do c*** é só uma coisa:

O melhor de todos

a presença de ótimas atrações. Rock, pop, metal, eletrônica... Tem para todos os gostos no evento musical mais importante do ano

por José Flávio Júnior, de Reading, Inglaterra

E

Acreditava-se que o Oasis faria seu derradeiro show no Reading 2000. O que se viu foi muita provocação, "Hey Hey, My My" na voz de Noel e vitalidade de sobra

que na última hora, artistas cancelam suas apresentações (casos de Ozomatli, Royal Trux, Cotton Mather e Eminem, que foi proibido pela Justiça americana de sair do seu país), mudam de horário e até de palco. Tudo acontece ao mesmo tempo. Palco principal (Main Stage), palco 2 (Radio 1 Evening Session Stage), palco 3 (The Carling Premier Stage) e tenda eletrônica (The Dance Stage) funcionam simultaneamente, obrigando os interessados a caminhar muito pelo gramado e a fazer opções dificílimas.

A primeira estrela de verdade a pisar no palco principal foi o guitarrista americano Jon Spencer. Fez figuração, porque era uma apresentação do **Boss Hog**, projeto que ele mantém com a bela vocalista (e sua esposa) Cristina Martinez. Nos três telões do Reading só dava ela, apesar de Jon sacolejar sem parar. Show condizente com o grupo: fraco.

O **Doves**, considerado uma das grandes promessas britânicas, entrou na sequência conseguindo boa resposta da platéia graças aos hits "Catch The Sun" e "The Cedar Room". Pop rock bonito, emocionado, mas nada inovador. Inovador é o **Asian Dub Foundation**, dizem as pessoas que gostam do bar da Nos 45 minutos que tiveram, período em que o sol esteve mais forte, colocaram os presentes para pular com os maiores êxitos de *Rafi's Revenge* e *Community Music*. Claro que não faltou o momento conscientização, mas, como os shows nos outros palcos estavam demorando para esquentar, o negócio era conferir a ladainha do anglo-indianos.

TUDO AO MESMO TEMPO AGORA

Quando deu a hora do **Limp Bizkit** entrar (16h15), a tenda de autógrafos do semanário *New Music Express* já tinha uma enorme fila de garotas esperando os queridinhos do **Muse**. Que ótimo, mas um foco concorrencial. Não bastassem os quatro palcos, o espaço para os comediantes (mais de 20 se apresentaram durante o fim de semana) e o espaço Bacardi Bar (dedicado a manifestações de world music mescladas com música eletrônica), algumas bandas ainda ficavam dando sopa nessa tenda, só esperando para assinar a camiseta da moçada.

E o Limp Bizkit? Contribuíram para o festival [illegible] que a América tem de mais [illegible] hip rock, cantado por playboy que pensa que é mano. Depois de tocar trechos de "Blind" (Korn), "Bombtrack" (Rage Against The Machine) e "Master Of Puppets" (Metallica), o grupo [illegible] uma chuva de papel prateado para introduzir "Nookie" emporcalhando o chão do lugar.

O **Clinic** inicia sua estranha performance no palco 2. É bem fica[illegible] dessa banda em que todos vestem máscaras cirúrgicas. Tem pelo menos uma grande canção: "The Return Of Evil Bill", conduzida por uma escaleta, o instrumento que está na moda entre as bandas esquisitinhas. E, se [illegible] também existe a das promessas [illegible] do brit pop que nunca chegaram a lugar nenhum e nem devem chegar: **Bluetones**, **Shed Seven**, **Embrace** – todas com boa procura de público só porque estavam na Inglaterra.

Só Reading pode proporcionar situações assim. **Foo Fighters**, **Grandaddy** (os americanos cultuados da vez) e **Ben & Jason** (pop delicado para fãs de Belle & Sebastian) tocando ao mesmo tempo. Claro que as duas menores perderam para o punk rock de arena do showman Dave Grohl. O instante em que a banda fez um breque e deixou o povo cantar a última estrofe de "Monkey Wrench" foi de arrepiar. Faltou só "Generator".

Enquanto o sol se punha e os mexicanos do **Titan** assustavam incautos no palco 3 com seu "tecnolounge", os americanos do **Ween** faziam sua estréia num festival europeu. São como o Gratefull Dead, carregam uma manada aos seus shows [illegible] fica pedindo uma música diferente. Fizeram tudo direitinho, privilegiando *Chocolate & Cheese*, seu disco mais famoso. Depois [illegible] Voodoo Lady [illegible] resistiram.

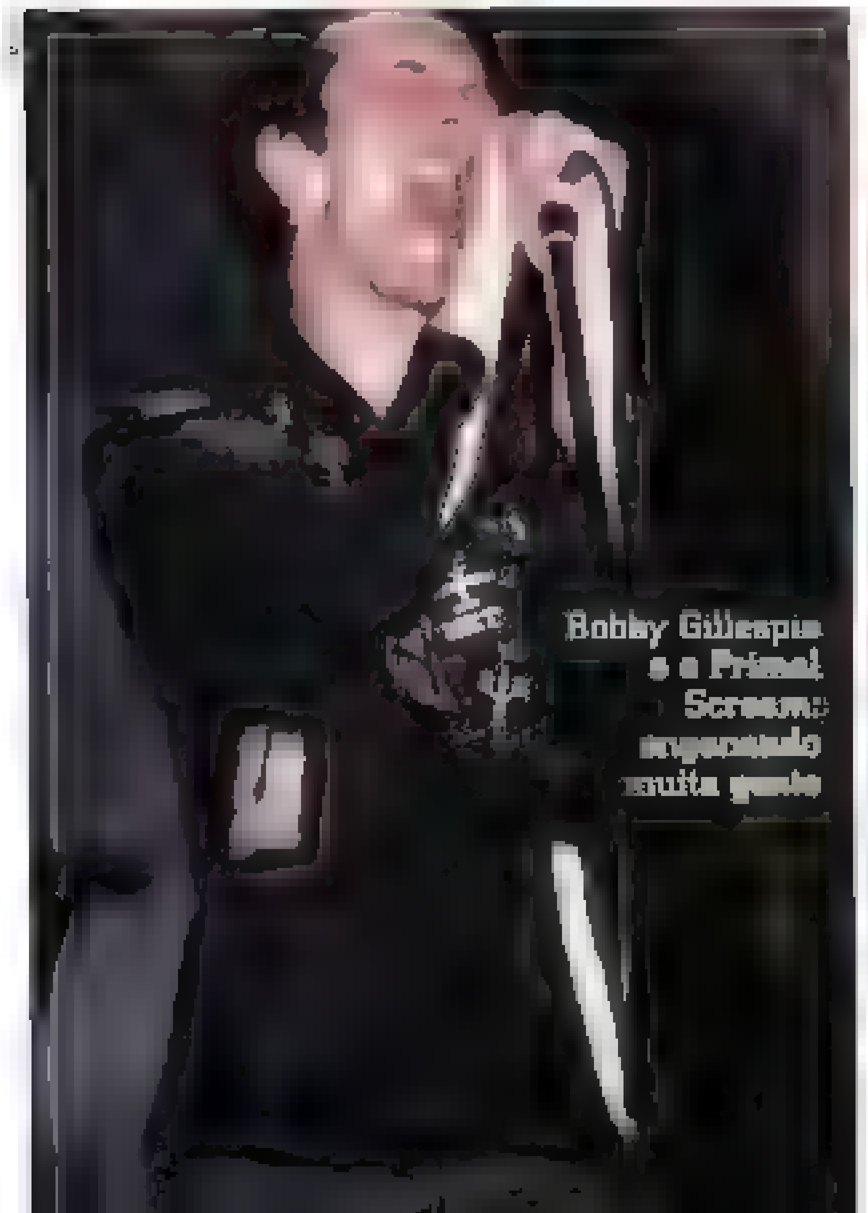
Com a noite de verão como cenário, a maior mentira da música britânica contemporânea veio mostrar seus arremedos de Rolling Stones, suas tentativas eletrônicas, suas caras e bocas. **Primal Scream** significa picaretagem suprema, mas não deixa de ter vários asseclas. Quem quis "Rocks", "Higher Than The Sun" e "Movin' On Up" ficou sem as lindas baladas do **Mojave 3** tocadas no palco 3. Pena que, às 21h30, o som do grupo foi cortado no meio de uma música para não [illegible] atraso na programação.

OASIS CAN'T NEVER DIE

Por volta desse horário, começou a ficar complicado transitar entre os palcos. Você sabia que o chão estava cheio de restos de cachorro-quente, copos de cerveja e outras caras, mas a escuridão impossibilitava ver algo. E ficava parecendo que metade das pessoas armava fogueiras para aplacar o vento frio da noite, enquanto a outra metade resolvia sentar. Mas nada que a ginga brasileira não resolvesse.

Às dez e pouco chega a vez do **Oasis** (os focos concorrenciais eram o Muse lotando o palco 2 e o **Calexico** pondo todo [illegible] seus mariachis [illegible] Noel [illegible] até ficar claro que [illegible] show dos caras "em [illegible] são as músicas e sim as ofensas. "Shakermaker" rolando e a platéia não vendo a hora de a canção terminar para saber qual seria a próxima provocação entre os dois irmãos.

O guitarrista Wes Borland comandou o freak show do Limp Bizkit, cantando até "Masters Of Puppets", do Metallica; abaixo, o caro cordão com a programação do festival, vendido ao público por 6 libras (cerca de 15 reais)



Bobby Gillespie e o Primal Scream: enganando muita gente

Matt Bellamy, o vocalista do Muse, atende os fãs na tenda do *NME*

Quem quiser entender como jovem e adulto britânicos de classe média se sentem, precisa conhecer as letras de Jarvis Cocker, do Pulp. No palco, sua verve aflora ainda mais

Liam: "Essa aqui [illegible] é para os que têm crack na cabeça."

Noel: "Que bonito isso, belo exemplo para a juventude."

Liam: "Tá bom, essa é para mim. Sou eu quem tem crack na cabeça."

Quando o vocalista mandava uma e seu irmão não respondia, a platéia berrava "Liam, Liam". Levou o troféu no final, depois de passar a mão na bunda de Noel durante "Acquiesce" e introduzir "Wonderwall" com a frase "essa é para o seu maldito [illegible]". "Hey Hey, My My", de Neil Young, foi a surpresa do bis. E o Oasis não acabou. Amém.

SUDITOS BEM SUCEDIDOS

Sábado foi o dia da chuva (que formou [illegible], sujou calças, estragou tênis e deixou todo mundo mais imundo) e dos shows inesquecíveis no Main Stage. **Delgados** (Escócia), **Gorky's Zygotic Mynci** (País de Gales) e **Gomez** (Inglaterra) resumiram o que melhor se faz no Reino Unido em termos de pop e rock. Tão maravilhosos que deixariam a Rainha Elizabeth orgulhosa. Inclusive, os dois primeiros tiveram discos lançados no Brasil. Corra atrás!

No palco 2, os aguardados **JJ72** e **...And You Will Know Us By The Trail Of Dead** protagonizaram duas grandes decepções. O primeiro, por ser um sub-Placebo [illegible] fazer o clichê do clichê do rock britânico. O outro, por parecer uma banda de moleques fãs de Sonic Youth e emocore.

Mas [illegible] ainda admiram roqueiros que quebram tudo no final e gritam "fuck you, fuck you!". Os mais espertos foram pegar o brit pop-punk contagiante do "prata da casa" **Idlewild** no palco principal. O sucesso "[illegible] A Message" incitou um coro lindo.

Ao mesmo tempo que, no palco 1, o **Elastica** iniciava sua apresentação com "Connection" – para ganhar o jogo –, o **Queens Of The Stone Age** lotava o secundário. O falatório em torno desses californianos estava tão absurdo que a organização teve de içar lonas da tenda 3 (originalmente [illegible]) para que mais gente pudesse ouvir [illegible] rock. Todas as grandes lojas de discos de Londres tentavam lucrar com o hype, armando estandes do gênero em seus corredores. A segurança [illegible] foi triplicada para organizar o *crowd surfing*, aquilo que o vocalista do R.E.M. fica fazendo no clipe [illegible]. A rapaziada que perde[illegible] primeiros [illegible] "The Art Of Keeping A Secret". A [illegible] Queens é o novo Nirvana? Ainda não, mas a hipótese não deve ser descartada. Quem viver até o Rock In Rio verá.

Após a discrição do **Black Box Recorder** (projeto paralelo de Luke Haines, do The Auteurs) e a barulheira infernal do guitarrista do Blur **Grahan Coxon** em performance-solo, a segunda tenda ainda abrigaria dois shows excelentes até o fim do dia. Com seu indefectível gorro, Damon Gough, mais conhecido como **Badly Drawn Boy**, pegou banquinho e violão e cativou a todos com uma versão de "Born In The U.S.A.", do "chefe" Bruce Springsteen. Já os suecos do **Wannadies** preferiram colocar os espectadores para dançar, bater palminhas e cantar junto as pop songs "Shorty", "Friends", "Might Be Stars", "Hit" e "You And Me Song". Show irrepreensível.

O psicodélico **Super Furry Animals**, que é super em disco, teve dificuldades de reproduzir todos os barulhinhos de suas canções ao vivo. Além disso, privilegiaram o repertório de seu último trabalho, o estranho *Mwng*, todo cantado em galês. Uma pena, mas quem conhece sabe que a banda tem talento de sobra.

Depois do desbunde que foi o show do Gomez – misturando folk, blues, reggae e soul em canções perfeitas como "Here Comes The Breeze" –, o palco principal foi passado para **Beck**. O franzino americano está enfrentando um momento complicado, pois os modernos já escolheram seu novo Beck. Ele é Moby: mais eletrônico, mais cosmopolita, mais [illegible]

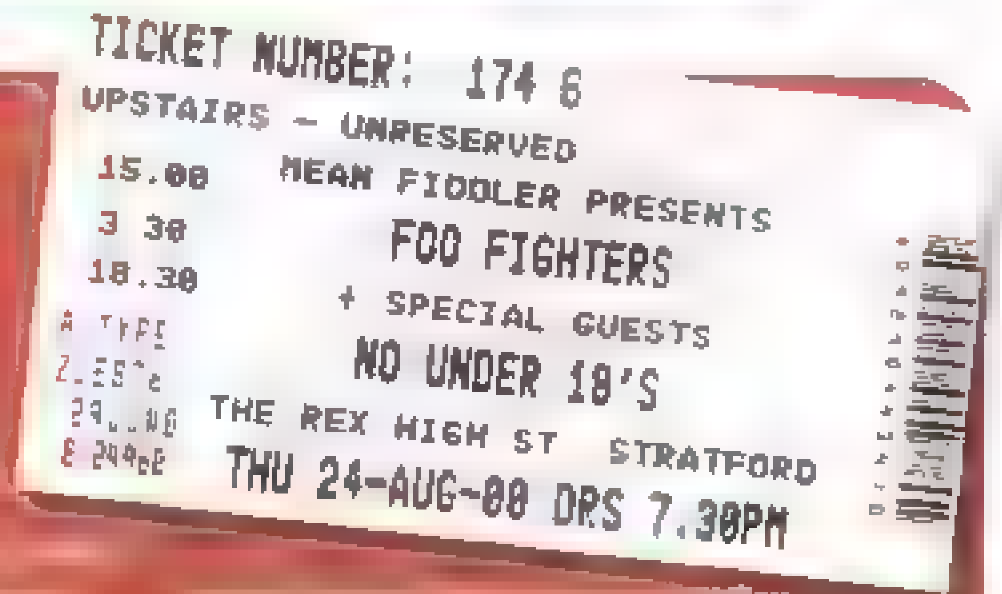
...And You Will Know Us By The Trail Of Dead: frívola rebeldia

Fred Durst (Limp Bizkit) aproveitou para tietar Noel (Oasis) no backstage

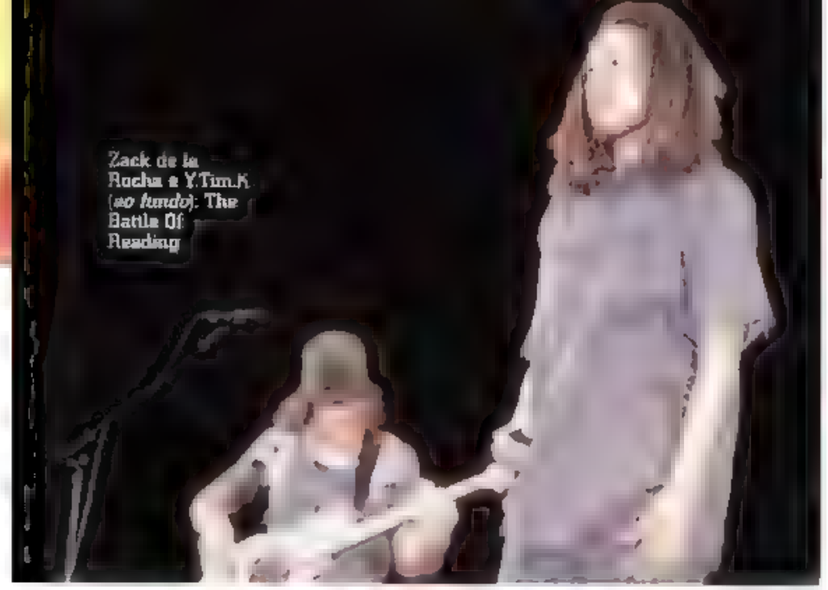
Sem o Blur, Grahan Coxon ligou a distorção e fez um show esperrento

A SEMANA DE AQUECIMENTO

[illegible]



Muitas grandes bandas americanas compareceram nesta edição do festival. A fatia mais jovem dos espectadores recebeu todas muito bem: Deftones, Slipknot, Blink 182...


Zack de la Rocha e Y.Tim.K (*ao fundo*): The Battle Of Reading

tacante. E só checar repercussão e as vendagens de *Mahoula Parade* para constatar o burburinho.

Que o **Pulp** faria a melhor apresentação do Reading 2000 já dava para imaginar. Mister Jarvis Cocker é o topo. Não existe na música pop vocalista que chegue aos seus pés. Nada a ver com a extensão de sua voz, mas sim com a profundidade de suas letras e a ironia que transpira em cada um de seus trejeitos e poses comentados. Jarvis assistiu aos atrasados do **Dirty Three** do palco 3, com uma perna com fratura nas barricadas, caminhou no meio do público e botou pra quebrar. Essa foi a melhor performance de muitos (precisa ver um show no Brasil!). Essas foram as pautas dos comentários: "Common People", "Sorted For Es & Wizz", "Help The Aged", "This Is Hardcore", "Party Hard", "Do You Remember The First Time?" e "Babies". Todas cantadas em alto e bom som pra uma platéia jovem britânico sente se identificar. Esqueceram-se de tocar a megahit "Disco 2000", mas estão mais do que perdoados.

DOMÍNIO DOS STATES

O domingo era o dia dos ingressos esgotados, por incrível que parecesse ser o pior dia do festival. Muita testosterona, muitas bandas revoltadas americanas num só batuque. O **Blink-182** não merece nota, o **Slipknot** provou que o seu thrash metal banal só faz sucesso por ser tocado por nove mascarados, o **Rage Against The Machine**... Bem, o Rage levanta até ponto de velho. Fica difícil de avaliar, porque o quarteto é impecável em cima do palco. Possuem timing, são ótimos músicos e Zack De La Rocha se estrebucha com o microfone na mão. Tocaram todos os sucessos no set list, até versão de "Kick Out The Jams", do MC5. Quem esgotou todo o entusiasmo foi o cara que voltava a cena do rock e pirou: **Supersuckers** (palco 1) e na sua vez a dupla pop **Its Jo And Danny** (palco 3) foram as melhores atrações da tarde.

No 2, **Elliott Smith** e sua banda deram um ótimo show. Privilegiado ao ser recebido antigo, depois de três números (inclusive inédito), agradou em todos os sentidos. Sua única frase em 45 minutos: "O.k., pessoas felizes!"

Os dois últimos atos no Main Stage seriam com os esperados **Placebo**, numa apresentação horrível, repleta de composições medíocres (algumas, com a participação de um rapper zé-ninguém de Los Angeles), e **Stereophonics**. O trio galês equivale ao Skank no Brasil. Tudo o que fizeram até agora com sua pequena carreira teve o grande sucesso garantido. As garotas, que adoram o vocalista Kelly Jones um gato, berraram mais ainda com "A Thousand Trees" e "I Stopped Smiling". O conterrâneo crooner Tom Jones veio para o dueto de "Mama Told Me Not To Come" no fundão.

Isso rolando e o veterano **Baby Bird** fazendo bonito no palco 3, ao passo que a tenda viva **Ian Brown** (anunciado assim) provava no 2. O monocordio ex-Stone Roses se comunicou com seus fãs de uma maneira muito peculiar, por meio das quatro apenas "tsch, tsch". Não demorou muito até todo mundo começar a fazer "tsch, tsch". Muito divertido, principalmente quando ele se atreveu a cantar "Little Wing" (imortalizada por Jimi Hendrix) e "Billie Jean" (Michael Jackson). E, com o sucesso "My Star", dedicado a NASA, o macaquinho Ian fechou as portas de mais uma edição do festival do Reading Festival.

LEGIÃO DE "NERDS DO ROCK"

A lição que se tira de uma experiência como essa é que o Carling Weekend é arriscado para quem vai preocupado em assistir a nenhuma banda. Ar... ão tem correria, bolha no pé, frustração por perder show ou ter pegado [illegible] etade. Quem vai para o evento sem compromisso de ver nada pode pular de bungeejump, pesquisar quadrinhos ou comer o churrasquinho grego mais caro e horroroso, comprar roupas, pôsteres. (Os ônibus nesses artigos são fantásticos. Já os preços...) Conhecer bares, pegar por algumas horas na tenda eletrônica, pular um pouco ouvir Jorge Ben no meio-dia, tomar sorvete (isso ao preço proibitivo de 2 libras). Procurar as bancas de revista e fazer uma imagem. Tudo isso com muita sorte e bom-senso de [illegible]. Agora, aquelas pessoas que passam correndo e [illegible] estão [illegible] [illegible] [illegible]

Invasão Britânica

Anarquia no Cinema

por Lúcio Ribeiro

Imagens raras, shows devastadores e testemunhos fazem de *O Lixo E A Fúria*, documentário sobre os Sex Pistols, um programa imperdível para rebeldes de todos os credos e raças

Era uma vez, no encantado reino da Inglaterra, um bando de pequenos sujeitos maloqueiros com nomes como Joãozinho Podre e Sid Viciado, plebeuzinhos que não estavam satisfeitos com o desemprego avassalador patrocinado pela rainha.

Saíam às ruas e ficavam desgostosos com o jeito xarope de vestir dos jovens da época. Gostavam de música, mas não se empolgavam em ligar o rádio nem em ir a shows, num período em que o rock ainda caminhava sob a sombra de Woodstock. Realizado seis anos antes longe daqui, do outro lado do Atlântico, o festival mais famoso da história do pop havia propagado ao mundo a paz e o amor. Mas também deixou um legado de bandas bicho grilo, uma era de teclados e de som "viajante", "épico", que não animava os jovens Podre e Viciado.

Paul Cook, Vicious, Steve Jones e Rotten: cometa no pop

Essa historinha triste vai poder ser vista nas telas em algum momento entre os dias 20 de outubro e 2 de novembro, durante a Mostra Internacional de Cinema em São Paulo. Na programação do evento, há duas datas (a ser definidas) reservadas para o documentário *O Lixo E A Fúria* (*The Filth And The Fury*), dirigido pelo cineasta Julien Temple, que narra a explosiva e curtíssima trajetória da banda punk inglesa Sex Pistols.

Sentado na poltrona em qualquer das duas sessões do filme, será possível conferir como o conturbado e infeliz destino de Podre e Viciado vai descambar na mais profunda, polêmica e frutífera revolução musical, social e fashion a que o nome do rock já esteve ligado. Se o que aconteceu com a música pré, durante e pós-punk de alguma forma lhe diz respeito, é com emoção que você vai sair do cinema depois de ter visto *O Lixo E A Fúria*.

SID VICIOUS INÉDITO

O diretor Julien Temple, seguidor e por isso, profundo conhecedor de Pistols e do terremoto que foi a tal revolução sonora, conta direitinho e de modo didático toda a história. De como a ebulição social da oprimida classe trabalhadora circa 1975/76/77 mesclou-se a um comportamento musical importado dos Estados Unidos pelo visionário/picareta Malcolm McLaren e deu naquilo que tinha de acontecer como aconteceu e quando aconteceu: o punk rock.

O molho é saboroso. Imagens raras, performances espetaculares, entrevistas atuais dos membros restantes, testemunhos e tudo o que de certa forma ajudou a mudar para sempre a música jovem a partir da chacoalhada na cultura pop britânica, a época em que garotos toscos que só sabiam fazer três acordes de guitarra e músicas rápidas deshancaram todo o *status quo* desses shows intermináveis de estádio, protagonizados por artistas "de verdade" (esses que são formados em escola).

Está em *O Lixo E A Fúria* das impagáveis primeiras apresentações dos Pistols até a implosão da banda, depois da famosa turnê americana. As festejadas assinaturas de contrato e as consequentes quedas dos compromissos em poucos dias, acarretando a expulsão do grupo pela gravadora. O medíocre, longo e impressionante depoimento de Sid Vicious, dizendo que estava prestes a abandonar a heroína poucos dias antes de morrer de overdose. A fantástica apresentação do quarteto num badalado programa de auditório da TV britânica, no horário nobre, em que seus membros disparam mais palavrões do que Cartman e sua turma no Bloco do South Park.

As cenas do Sex Pistols em ação são dessas para ser colocadas na galeria das melhores de todos os tempos. Duas em especial: as que a banda paga tributo para os importantes artistas americanos Modern Lovers ("Roadrunner") e Stooges ("No Fun", com Johnny Rotten fazendo Iggy Pop parecer integrante do Balão Mágico).

A importância da lenda Sex Pistols e de uma sessão de um filme como *O Lixo E A Fúria* pode ser medida pela consequência do bochicho que causa até hoje um grupo de rock cujos integrantes mal sabiam segurar os instrumentos, que teve pouco mais de dois anos de vida e gravou apenas um disco. *O Som E A Fúria* e muito barulho por tudo.

NESTA CADEIRA DE RODAS VOCÊ NEM PERCEBE QUE O CELESTINO SURSOO E PARAPLEGICO.

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA PARA DEFICIENTES

ONTRATE: www.ADD.COM.BR TEL. 0xx11 3862.7143

Na hora da definição

Sepultura, preparando o segundo trabalho sem Max Cavalera, monta um "exército" para divulgar o bom nome do metal pelo mundo. Se depender do que vem por aí, a banda pode e deve confiar nos fãs para tomar o cenário com a atitude de sempre

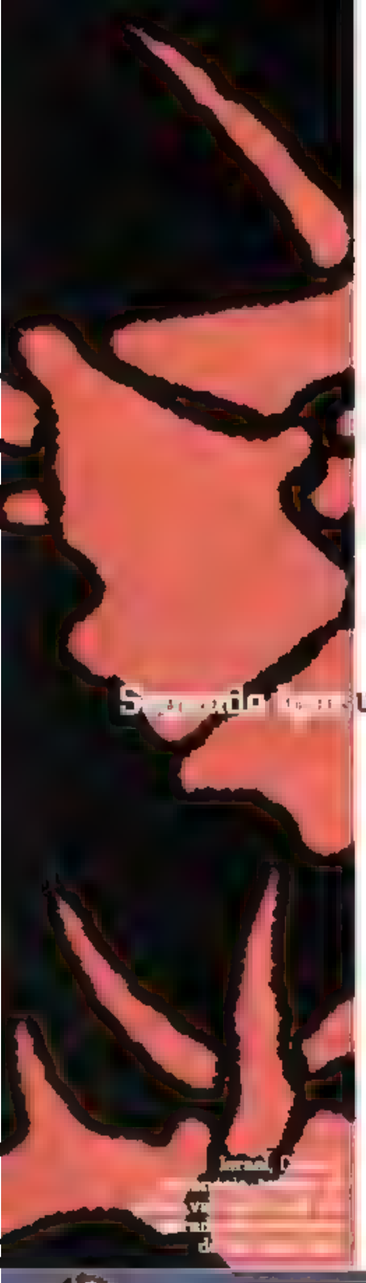
por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

Igor, Paulo, Derrick e Andreas expectativa de mais uma bigornada na cabeça dos cabeludos

A

B

Universinha BIZZ
Junte a parte A com a parte B e ajude a manter viva a Nação Sepultura



Segundo Igor, um dos lances mais legais de *Nation* é que há algumas coisas tão malucas que fica difícil dizer de onde elas vêm

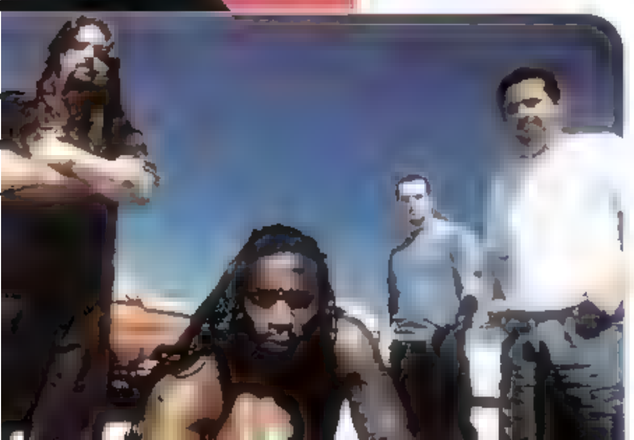
Participando do processo de criação desde o começo, Derrick (*agachado*) teve muitas idéias mais bem aproveitadas

O fantasma de Max Cavalera vive, mas não derruba o Sepultura. A banda brasileira mais famosa no exterior, que lota os lugares por onde passa com fãs locais (e não com conterrâneos) mantém a fé e prepara seu segundo disco com o americano Derrick Green nos vocais. Desde a saída de Max, em 1997 – resultado de uma polêmica disputa empresarial –, o grupo gravou um disco, excursionou pelo mundo inteiro e explicou a mudança de formação em inúmeras entrevistas. Mesmo assim, ainda é indagado sobre seu ex-guitarrista e vocalista, hoje líder do Soulfly. "Estou fazendo meu negócio e brigando por ele", diz o baterista Igor Cavalera. "Preciso ver o que traz pão à minha mesa. Não posso viver numa ilusão, achando que tudo dará certo. Tenho de trabalhar."

Com a palavra "ilusão", Igor refere-se à dificuldade de seu irmão retornar ao Sepultura. Apesar de *Against* (1998), o primeiro disco com Derrick, não ter atingido o sucesso de *Roots* (1996), o último trabalho com Max, o baterista diz que o grupo está animado para lançar outro álbum com a formação corrente. "Derrick está bastante envolvido no processo criativo", explica Igor. "Isso não aconteceu no *Against*, pois ele entrou quando o disco estava quase pronto. Desta vez, podemos aproveitar melhor suas idéias."

Enquanto o Sepultura trabalha no álbum novo, Igor sente falta de seu irmão. Ele diz que Max não só se distanciou dele como também de sua família. "Minha mãe fica muito triste", conta. "Ele nunca telefona nem aparece. Daí fica dando desculpas esfarrapadas. Só leva cinco minutos para ligar e dizer um alô." Vania Cavalera, mãe de Max e Igor, lembra como seus filhos eram unidos durante a infância. Após a morte de seu marido, nem quis se casar de novo para não pôr alguém de fora na família. Ela considera o atual vocalista do Sepultura uma boa pessoa, mas não consegue superar a separação dos filhos de jeito nenhum. "Derrick me trata muito bem, mas foi doloroso ver o Sepultura no palco pela primeira vez sem o Max. Quando eles começaram a tocar, doeu tanto que eu caí no choro e tive de ir embora", revela.

Max, por sua vez, afirma que não tem interesse em ouvir os trabalhos de seu antigo grupo com Derrick. No entanto, não descarta a possibilidade de se reconciliar com Igor, o guitarrista Andreas Kisser e o baixista Paulo Jr., os três remanescentes do time que revolucionou o metal, mesmo que continuem em carreiras separadas. "Seria estupido isso não acontecer", disse a SHOWBIZZ em junho. "Não nos odiamos como a imprensa publica."



LENHA NA FOGUEIRA

Algumas vezes, Max e Igor acham que os jornalistas querem botar lenha na fogueira quando perguntam sobre a separação. Porém, no fundo há um sentimento positivo entre os fãs, repórteres e membros da família Cavalera para ver os irmãos juntos novamente. Vania diz que não tem dúvidas de que eles vão se reunir um dia. "Estarei aplaudindo na frente do palco", diz. "Será uma mistura de lágrimas, sorrisos, felicidade... Tudo!"

Seja como for, lágrimas e nostalgia não interessam a Igor, Paulo e Andreas agora. Com Derrick ainda no microfone e um novo empresário, Rick Sales (que também trabalha com o Slayer), os brasileiros querem chutar a bola para a frente. A banda está concluindo seu disco novo, *Nation*, produzido por Steve Evetts, que trabalha com bandas hardcore americanas. Segundo Igor, Stewart Copeland, ex-baterista do Police, também dará uma força na mesa de som.

O quarteto está trabalhando num estúdio no Rio de Janeiro, como fez em *Beneath The Remains* (1989). O baterista diz que rolou um pouco de estresse durante a gravação de *Against* em Los Angeles. "Todo mundo no Sepultura é meio anti-Hollywood. Essa parte da Califórnia é um lugar muito chato para nós."

Nomes de músicas novas incluem "Saga", "Sepulnation", "Ways Of Faith" e "Label Us Dead". Igor não sabe como rotular a direção musical deles, pois há muitas idéias e experimentos. Porém, ele confirma a participação do DJ brasileiro Ratinho e a inclusão de algumas batidas de rap. "Um dos lances legais do disco é que algumas coisas são tão malucas que é impossível dizer de onde vêm."

A banda andou tocando "Saga" e "Sepulnation" numa recente turnê americana com Slayer e Slipknot. Para alegria dos fãs, as duas canções incorporam o estilo do grupo: pesado, agressivo, hora de climas tribais. Igor explica que a *Nation* tour engajará novamente o Sepultura com países ao redor do planeta. Afinal, o grupo tem raízes variadas – alemã (Derrick), italiana (Igor) e alemã (Andreas) – e fãs em países incomuns para o metal, incluindo Cuba, Israel e Indonésia.

PROBLEMAS COM O METALLICA

O baterista espera ver os fãs formarem uma brigada – algo como o Kiss Army do Kiss – para ajudar na divulgação do álbum. "Queremos ver a molecada por lambe-lambe nas ruas. Gostaríamos de realizar uma campanha promocional sem gastar muito. Seria como os comunistas fazem: ter nossos fãs como parte de um exército", planeja.

Antes de trabalhar no disco novo, a banda fez uma grande excursão mundial para divulgar *Against*, terminando-a em São Paulo, em outubro do ano passado. Numa mensagem em inglês no site oficial do grupo (www.sepultribe.com), Andreas observa: "Estou feliz com tudo o que aconteceu ao Sepultura nos últimos dois anos. [...] Fizemos 140 shows em 10 meses ao redor do mundo, recompensando a confiança dos fãs do grupo. Tocamos com bandas que nunca haviam excursionado conosco."

Igor, no entanto, diz que o Sepultura teve problemas na temporada sul-americana com o Metallica. Segundo ele, após o primeiro show, em Porto Alegre, os técnicos do quarteto americano limitaram o uso da mesa de som. O baterista acha que eles se assustaram com a recepção fantástica que o Sepultura teve na noite de abertura. "Os gringos nos boicotaram. Subimos no palco em São Paulo e o som parecia radinho de pilha", lembra.

Curiosamente, Lars Ulrich, baterista do Metallica, diz que gostou de excursionar com o Sepultura e não esconde a admiração que tem por Igor. "Ele incorpora coisas incomuns ao rock pesado com as batidas tribais", observa. "Igor toca com tanta força e velocidade que eu o respeito muito. Sua música pode ser agressiva, mas passa emoções. Os outros integrantes do grupo são dóceis e amigáveis. Foi legal [...] com sucesso total."

As viagens por causa de *Nation* começarão no ano que vem, logo depois do lançamento do disco, previsto para fevereiro. No momento, a home page do Sepultura está pedindo para os fãs indicarem a banda na votação que o site do Rock In Rio III está fazendo para apurar os artistas mais desejados no festival (www.rockinrio.americaonline.com.br). Até o fechamento desta edição, o Sepultura havia recebido 79 850 votos, ficando em terceiro lugar numa lista de 30 nomes.

Passada a agitação, Igor pretende gravar um vídeo sobre bateria. Em vez daquelas aulas egocêntricas, ele quer aparecer tocando num show do Sepultura e colher filmagens de seus ídolos de surfe e skate. "Sempre quis isso de muitos bateristas", diz. "Algumas vezes, quando vejo um vídeo de uma banda que gosto, o baterista acaba ficando pequeno perto da do guitarrista. Eu fico puto!" ➪

"Descoberto no ano passado, o multiinstrumentista americano vem ganhando cada vez mais fãs fora do circuito da música eletrônica, por conta da versatilidade do álbum *Play*. Fomos conversar com o próprio artista para ver se ele é mesmo assim tão bacana quanto apregoam seus admiradores, que não são poucos

Mercado Mundo Moby

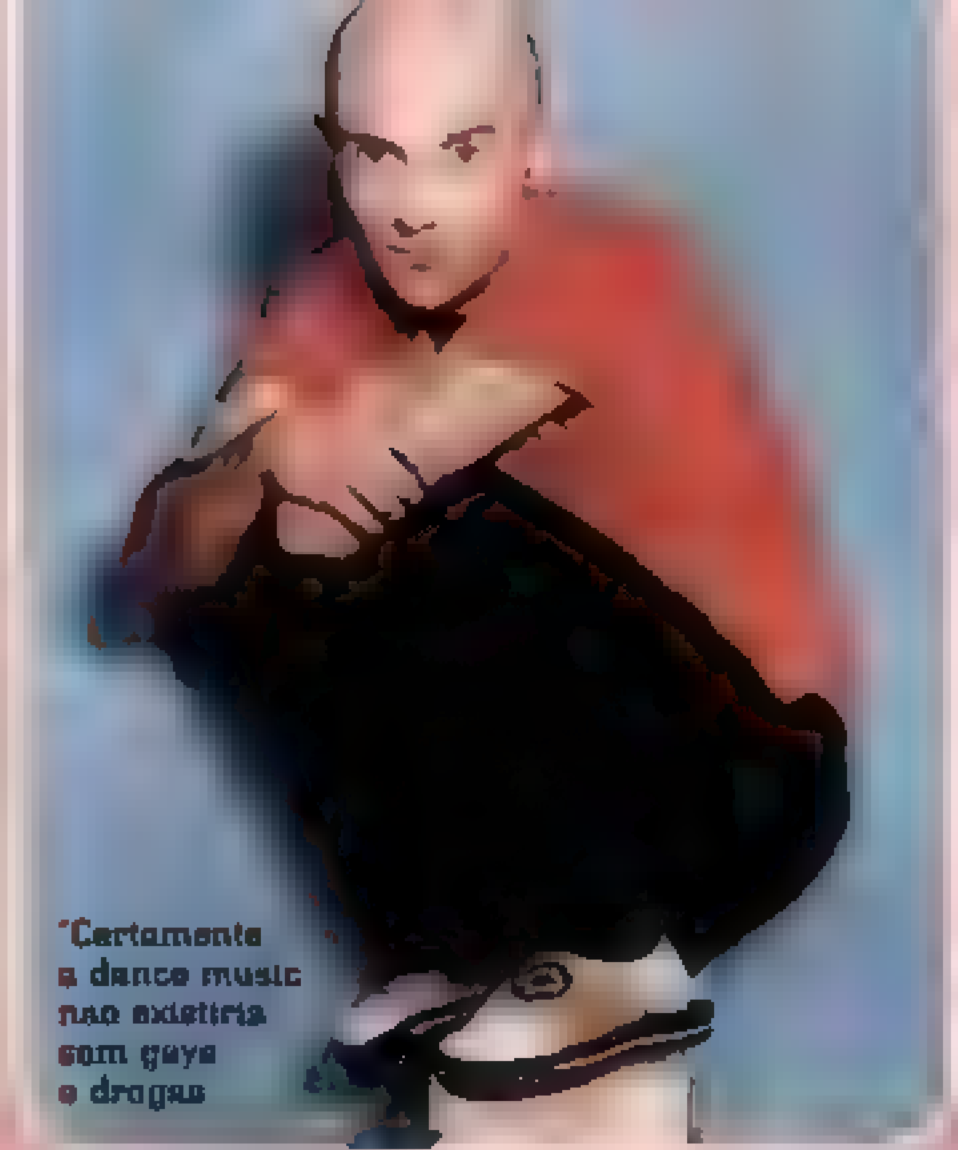
por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

Você já ouviu Moby Seu contrato com a gravadora permite que músicas de seu último álbum, *Play*, anunciem de tudo, menos cigarro e armas. Várias canções do disco foram ou estão sendo usadas como tema de comerciais na TV e filmes "Natural Blues", "Porcelain", "Bodyrock", "Find My Baby" e "Machete" embalam propagandas da Renault, Volkswagen, Nissan, Bosch e estão presentes nas trilhas de *A Prata, Por Uma Boa Briga, O Paizão* e *Sobrou Pra Você*. A cláusula flexível revelou-se como o mais eficaz instrumento de divulgação do álbum. Mesmo sem alta freqüência na rádio, *Play* vendeu 2,5 milhões de cópias no mundo inteiro.

Muito dessa unanimidade quase repentina deve-se à qualidade da música contida em *Play*. Gravado sobre bases extraídas de blues dos anos 30 e 40, o trabalho agrega um forte sentimento de raiz (a música negra do Sul dos Estados Unidos) às modernidades de seu criador. Identificado com a cena eletrônica, Moby iniciou com 15 anos, tocando guitarra numa banda de hardcore chamada Vatican Commandos (*veja box na página 49*). Efeitos e batidas digitais só começaram a aparecer em sua obra a partir de 1990, na faixa "Go", do EP *Mobility*. Em 1991, outro EP (*Go Remixes*) intensificou as experiências sônicas que ganharam distribuição internacional com *Everything Is Wrong*, de 1995.

De lá para cá, o número de admiradores da persona artística de Richard Melville Hall (parente distante do escritor Hermann Melville, autor do clássico da literatura *Moby Dick* – daí o apelido) só tem aumentado. Num curto espaço de tempo, o som desse nova-iorquino de 35 anos virou sinônimo de bom gosto. De Axl Rose a diretores de cinema como Oliver Stone e Wes Craven, passando por publicitários, todos querem uma fatia do talento de Moby. David Bowie e Bono são seus fãs. Ainda se familiarizando com a fama, o artista fala de seu convívio com o jet set do pop, sua (má) experiência com drogas e professa a não-distinção entre os gêneros musicais nesta entrevista exclusiva.

Você é dos poucos artistas da música eletrônica a ter fãs roqueiros. A que você atribui isso?
Acho que muitos fãs não se preocupam com estilos musicais. Posso estar errado, mas meus amigos curtem hip-hop, rock, clássico, blues e dance. Obviamente, algumas pessoas só escutam rock ou dance, mas conheço gente com cabeça bastante aberta. Muitos artistas da música eletrônica são anônimos, nem mostram seu rosto. Em parte, atribuo meu sucesso ao fato de tocar ao vivo com uma banda. Além disso, uma das músicas estouradas nas rádios americanas, "Bodyrock", possui guitarras pesadas, mesmo sendo dance.


"Certamente a dance music não existiria sem gays e drogas"

Sua formação vem da música clássica. Como entrou no ramo eletrônico?
Estudei violão clássico na adolescência, mas nunca dei atenção às diferenças entre os vários estilos. Quando era moleque, minha mãe tocava rock, clássico, pop, jazz e folk. Sempre achei que gêneros diversos poderiam interagir entre si.

De onde veio sua inspiração para se tornar músico?
Acho que houve auto-inspiração. Tive muitos ídolos, mas nenhum me fez pensar: "Um dia quero ser como essa pessoa". Minha decisão de tocar guitarra aos 8 anos partiu totalmente de mim.

O que você acha da idéia de que música eletrônica é ligada a homossexuais e usuários de drogas?
Certamente a dance music não existiria sem gays e drogas. É um fato simples: ela vem de clubes de gays, onde rolam muitas drogas. O mesmo ocorre nas raves. Não uso drogas e conheço muitas pessoas na cena eletrônica que também não. Mas a dance music sempre esteve ligada a entorpecentes e homossexuais.

Então você concorda com essa idéia?
Absolutamente! Por outro lado, não me considero um artista só de dance music. Ao ouvir *Play*, você vai perceber também outras influências.

Você já experimentou drogas?
Tomei quando tinha 10 anos.

Como foi a primeira vez?
Eu me lembro de ter fumado maconha na escola com alguns amigos.

Qual foi sua pior experiência com elas?
Aos 19 anos, tomei ácido na minha faculdade. Foi muito forte e acabou comigo. Odiei a experiência. Parei de consumir, mas não sou antidrogas. As pessoas devem ter liberdade para fazer o que desejam. Bebo ocasionalmente, e só.

Qual é sua orientação sexual?
Essencialmente, gosto dos seres humanos. Eu me relaciono principalmente com mulheres, mas não me considero 100% machão. Há também homens maravilhosos por aí.

Vamos falar de *Play*. Você incluiu samples de velhas canções de blues e gospel. Por que buscar o trabalho de outros artistas em vez de criar o seu?
Um guitarrista toca guitarra, mas não inventou o instrumento. Um vocalista usa sua voz, mas os pais é que lhe deram o corpo. Todos dependem de coisas externas. Ao compor um disco, não penso nos elementos que devem integrá-lo. Seja duplicando vozes de 70 anos atrás ou tocando piano, bateria e guitarra, só me preocupo em fazer música que me agrade e que agrade as pessoas.

Em direitos autorais, qual foi o sample mais caro de *Play*?
Os vocais da música "Run On". Tive de licenciá-los da gravadora Columbia. Custaram entre 7 e 8 mil dólares.

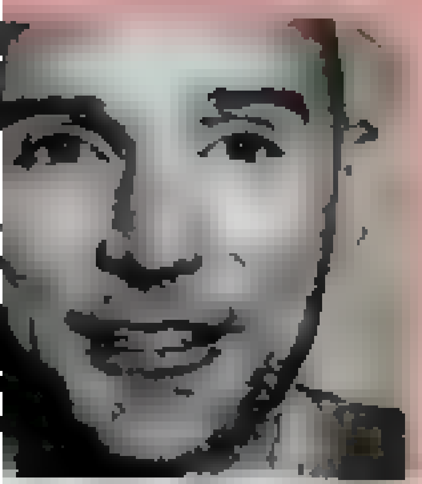
***Play* distancia-se da agressividade do disco *Animal Rights*, de 1996. Por que você mudou de estilo?**
Talvez seja confuso, mas curto clássico, rock pesado e música eletrônica. Assim, quero fazer discos que reflitam meu amor por todos esses gêneros.

Então, você faria outro álbum como *Animal Rights*?
Sim, não descartaria a idéia. *Animal Rights* me deixou feliz, mas não curti o fato de ter sido um disco egoísta. Penso que muitas pessoas acharam difícil escutá-lo. Gosto de fazer discos com os quais os ouvintes se identifiquem. Por isso fiz *Play* de modo diferente.

Você é famoso pelos remixes de outros artistas. Qual foi o mais trabalhoso?
Fui o primeiro a remixar Brian Eno. Como sou fã dele, trabalhei duro na música. Talvez tenha sido o remix mais difícil, pois quis fazer um trabalho excelente.

Ele gostou do resultado?
Sim. Acabei fazendo mais sete remixes para ele. Conversamos por telefone, e Eno me disse que adorou todos.

Além da música, qual é seu veículo preferido de expressão?
Não dá para dizer. O show tem características únicas. Vídeos e entrevistas são maneiras diferentes de comunicação. Curto poder me comunicar com as pessoas. Adoro fazer vídeos, mas não me envolvo na produção. Prefiro encontrar um bom diretor e deixá-lo criar a idéia. Já faço música há uns 25 anos, mas ainda não sei fazer clipes. Os meus custam entre 90 e 100 mil dólares, baratos para os padrões da indústria musical.



"Eu me relaciono principalmente com mulheres, mas não me considero 100% machão. Há também homens maravilhosos por aí"

"Foi impressionante descobrir que Bono e David Bowie, provavelmente os dois maiores rockstars do planeta, são fãs do meu trabalho"

Ele preferiu fazer seu disco a trabalhar com Axl Rose

Antes de lançar *Play*, você estava para produzir o novo disco do Guns 'N' Roses. O que aconteceu entre você e Axl Rose?
Fui a Los Angeles duas vezes, conversamos sobre a produção do disco, e ele me mostrou algumas músicas novas. Gostei delas, mas decidi trabalhar no meu próprio álbum. Não queria passar um ano produzindo o Guns 'N' Roses quando poderia estar fazendo meu disco.

Você recusou o convite por falta de tempo?
Na verdade, não queria colocar minha energia no disco de outra pessoa e interromper o processo de *Play*.

Axl tem reputação de ser difícil e complicado. O que você achou dele?
Ele foi demais comigo. Talvez tenha sido um cara difícil anos atrás, mas adorei sua companhia. Ele mostrou-se legal, humilde e inteligente.

Dos astros que você já encontrou, quem é o mais legal e o mais babaca?
Um dos caras mais legais é Chris Cornell. Ele curtiu tanto um remix que fiz para o Soundgarden que acabou compondo outra música. O mais babaca? Deixe eu pensar... Excursionei com o Aphex Twin (*alter ego de Richard James, artista inglês de música eletrônica*). Ele é má pessoa. Gosto de seu talento musical, mas é um cara bastante rude.

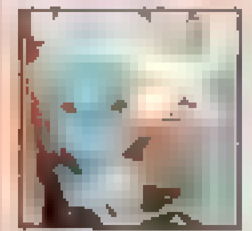
Quais artistas lhe deram mais orgulho de saber que curtem seu som?
Bono e David Bowie. Eles são, provavelmente, os maiores rockstars do planeta! Foi impressionante descobrir que são fãs de Moby.

Quais foram suas primeiras reações diante do sucesso?
Uma vez eu estava voltando da Inglaterra de avião. Um homem sentado na minha frente lia o jornal, que trazia as paradas musicais. Uma canção minha, "Go", figurava em décimo lugar, entre Michael Jackson e Phil Collins. Naquele instante, descobri que meu mundo havia mudado. Há também um festival na Dinamarca, Roskilde (*onde nove pessoas morreram num show do Pearl Jam, em junho*). Toquei lá algumas vezes, mas em 1997 foi demais, pois os Sex Pistols participaram. Na minha mente, eles já tinham acabado. Porém estavam ali tocando comigo no mesmo festival. Foi impressionante.

Como você vê a música neste século?
As pessoas reconhecerão que as distinções entre estilos musicais serão desnecessárias. Não haverá mais músicos de rock, jazz ou eletrônico. Haverá músicos tocando todos os estilos.

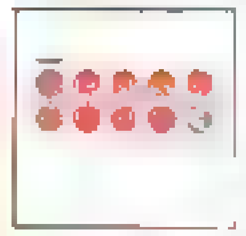
NATURAL BLUES, ROCK, TECNO...

Do hardcore à música eletrônica – nessa ordem, [illegible] mas não necessariamente com um gênero sobrepondo ou excluindo o outro – Moby percorreu um longo caminho. Nos anos 80, passou pelos desconhecidos grupos Vatican Commandos, Flipper e Shopwell. Em 1984, integrou o Ultra Vivid Scene, antes de se dedicar aos beats com mais afinco. Os primórdios de sua queda pelo tecno podem ser ouvidos nos discos *Moby* (1992), *Ambient* (1993), *Move* EP (1993) e nas coletâneas *Early Underground*, *The Story So Far* e *The Collected B-Sides 1989-1993*. Em 1995, sob as asas de uma grande gravadora, os lançamentos do artista saíram do mundinho e passaram a ter mais visibilidade. É por meio destes, todos lançados no Brasil, que você deve entrar na obra de Moby.



***Everything Is Wrong* (1995)**
Tecno, metal, house, gospel e industrial chamaram a atenção da comunidade pensante para este disco. Com desenvoltura, Moby oscilava entre o punk ("All That I Need") e a pista de dança ("Feeling So Real").

***Animal Rights* (1997)**
O artista volta-se para suas raízes mais pesadas. A sofisticação do anterior é dominada por hardcore e trash metal, criando uma hecatombe similar aos trabalhos do Nine Inch Nails. Só que Moby já provara que sabe fazer mais, ao contrário de Trent Reznor.



***I Like To Score* (1997)**
Mantendo o saudável hábito de surpreender os ouvintes a cada disco, Moby dá outra guinada. Aqui, o clima é de trilha sonora [illegible] três versões do tema de James Bond e uma releitura de "New Dawn Fades", do Joy Division.

***Play* (1999)**
Até agora, o ponto alto da carreira do novaiorquino. Gravado no quarto de Moby e usando velhos blues como referência, o disco figurou em várias listas de melhores do ano passado. "Natural Blues", "Honey", "Bodyrock" e "Porcelain" são alguns de seus hits.

DaBruxaàPrincesa. DaGarotadaCapaàMuambeira.DaCelebridadeàAnalisada.Todasasmulheresem Uma.

Já nas bancas.

SIMBOLO

Em paz para dizer sim

Tomado por uma consciência zen-budista, Herbert Vianna abandona a mania de controle e convoca meio mundo do pop nacional para engordar seu terceiro vôo-solo, *O Som Do Sim*

por Pedro Só

"Ele me ignorou, não trocou uma palavra comigo, era como se eu fosse um verme", lembra Herbert Vianna, com serenidade. Responsável por uma das maiores revoluções do pop nacional de todos os tempos (o álbum *Sehugeral!*, de 1986), o cantor e guitarrista foi tratado assim por um jovem de curto currículo na música brasileira, o DJ Rodrigo Nuta. Os dois se conheceram durante as [illegible] do terceiro disco-solo de Herbert, *O Som Do Sim*, mas, depois desse início gélido, desenvolveram uma boa relação. "A gente acabou ficando amigo. Acho um equívoco, uma [illegible] ficação um cara ligado ao mundo alternativo me ver como establishment, mas sei que algumas pessoas podem pensar assim", compreende Herbert.

Seus dois primeiros vôos-solo, *Ê Batumaré* (1993) e *Santorini Blues* (1998), foram empreitadas totalmente caseiras, sem o planejamento de um trabalho "de carreira". "Fico até admirado de terem [illegible]", admite Herbert. O primeiro, lembra, "era um experimento, uma coisa com um tema só, em cima do clássico *Morte E Vida Severina*". O segundo, "esquálido, um rascunho sem pro[illegible] só virou disco por pressão e influência dos amigos. Portanto, *O Som Do Sim* vale por uma estréia.

[illegible] anos, influenciado por leituras do *Tao Te King* e tomado po[illegible] consciência zen-budista "de ser como um rio, calmo e profundo" (processo intensificado pela morte de um amigo do pai), Herbert combateu de frente sua confessa tendência centralizadora. "[illegible] ter me pego agindo como *control freak* (*maníaco por controle*) [illegible] ouvir ao máximo as pessoas. A gente não tem mais 22 anos, vê os filhos crescendo e os livros na estante; morre o pai d[illegible] (*Barone*), a vovó Ondina (*avó de Bi Ribeiro, imortalizada* [illegible] *do primeiro LP dos Paralamas*)... O tempo fica mais p[illegible]. Aprendi meus limites e vi que não tenho criatividade para [illegible] sem a ajuda [illegible]."

Beto Villares ([illegible] musical de [illegible]), Tácio Farias e Cosmo [illegible] (baixista e baterista do Negril), Marinho (baixista do Pavilhão 9), Bacalhau (baterista do Rumbora), Black Alien (rapper do Planet Hemp), Henrique Portugal (tecladista do Skank), Fred (baterista dos Raimundos), Fernando e John (Pato Fu), Éder [illegible] Rocha (percussionista [illegible]), Érica Martins ([illegible] do Penélope), a [illegible] Luciana Pestana, Daúde, Moreno Veloso e a turma do grupo carioca Mulheres Os Dizem Sim, Dado Villa-Lobos, Pedro Luís, Cássia Eller, Liminha, Fernanda Abreu, Sandra de Sá... Foram muitos esses outros, uma catada gorda no pop nacional de ontem e de hoje.

PESSOA DISCIPLINADA

Ao mesmo tempo que a intenção ao convidar o produtor Carlo Bartolini era entrar em sintonia com os tempos digitais, "ver como a molecada está gravando", acenos à tradição aparecem em arranjos bossa-novistas de Eumir Deodato (para "Partir Andar") e Marcos Valle (para "Hoje Canções", parceria de Herbert com o brother Paulo Sérgio Valle, "um dos maiores amigos que tenho hoje"). "Aprendi muito sobre bossa com meu professor de violão, Alcione, funcionário do Palácio do Planalto, um [illegible]. A bossa ficou entranhada no meu subconsciente durante muito tempo", analisa Herbert. Mas se você perguntar que tipo de som o absorve mais agora, a resposta é... "No momento, eu só penso em rock!".

Claro que os filhos vêm antes. Aos [illegible] anos, o zeloso pai de Luca, Hope e Phoebe tenta não sufocar a prole com suas obsessões musicais. "Lá em casa tem um piano e música o tempo todo, mas [illegible] projetar nada. Vi meu pai enfiar o Hermano (*irmão de Herbert, antropólogo e roteirista*) num uniforme do Vasco da Gama muitas vezes, sem o menor resultado. O Luca tem 8 anos, é uma alma sensível, tenho medo de esmagar a personalidade dele."

Herbert perde o sono com a violência das grandes cidades bra[illegible] crianças [illegible] podem andar de ônibus"), [illegible] escrever letras como as de "História De Uma Bala", "Ó Muro" e "Vamos Viver". "Eu me ponho para trabalhar. A [illegible] (*mulher de Herbert*) diz que [illegible] a pessoa mais disciplinada que ela conhece. Me obrigo a dar música para a Ivete Sangalo, para a Daúde. Antes eu achava que precisava ser infeliz para compor. Você chega a um momento de realização material e afetiva e... O que te falta? Usar a imaginação. Criar. Ser menos autobiográfico. 'Ela Disse Adeus' (*música incluída em* [illegible]) foi um marco para mim, imaginei uma situação, a [illegible] que finalmente vai embora, totalmente dissociada da minha vida", conta.

"Antes eu achava que precisava ser infeliz para compor. Você chega a um momento de realização material e afetiva e... O que te falta? Usar a imaginação. Criar. Ser menos autobiográfico"

Você já deve ter ouvido falar muito da Galeria do Rock. Mas será que conhece todas as histórias que circulam em seus arredores? Acompanhe-nos nessa viagem definitiva ao epicentro da música...

por Guilherme A. Hungria Fotos: Marcelo Ximenez

Contornando o belo Teatro Municipal de São Paulo, na Praça Ramos de Azevedo, chega-se à Rua 24 de Maio. É nessa rua, no número 62, escondida entre camelôs, bancos e lojas abandonadas, que fica a famosa Galeria do Rock. Ou as Grandes Galerias (apesar do nome, é uma só), seu nome oficial. Projetada pelo arquiteto Alfredo Mathias e inaugurada em 1963, ela serve de ligação com a Avenida São João, no centro velho de São Paulo. É também o latifúndio que alguns jovens pioneiros transformaram em um dos melhores lugares para se comprar discos do mundo. Ponto de encontro de apaixonados por música.

Ironicamente, a primeira coisa que se ouve num lugar que se gaba de ser o paraíso dos roqueiros é rap (há oito anos, as lojas do gênero começaram a tomar conta do subsolo e suas batidas invadem o espaço aéreo dos outros seis pisos). No térreo, ainda nem sinal de rock. Dos dois lados do corredor de cerca de 200 metros, só há lojas de roupas e acessórios. No primeiro andar, finalmente, a "rocklândia". São dezenas de lojas: de discos, vídeos, roupas, pulseiras, sapatos, tatuagens, piercings, etc. Segundo andar, idem.

O terceiro, apesar de não ser servido pela escada rolante (é preciso encarar a escada lateral!), é o que mais vale a pena. Dividido entre lojas de discos, fãs-clubes, cabeleireiros, tatuadores e estamparias, o andar, para compensar o esforço aeróbico do freguês, tem preços mais camaradas. No quarto e quinto, só serigrafia. No sexto, um pequeno terraço, que serve para abrigar eventos.

UM COMEÇO INUSITADO

A história da Galeria seria outra não fosse um personagem que mudou totalmente a "personalidade" do lugar. Em 1978, indicado pelo cunhado, um sujeito de 25 anos, fanático por música, foi negociar um ponto comercial nas Grandes Galerias. Lugar bacana, região central... Muito bom, deve ter pensado o jovem

O MATA-BORRÃO DO ROCK'N'ROLL

Luiz Calanca, como o próprio se define, é um rocker. Um tarado por música, dono de uma coleção particular de 15 mil títulos (na loja, são fabulosos 90 mil LPs e mais de 20 mil CDs!), todos cadastrados em ordem alfabética e divididos por gênero musical. Aos 47 anos, Calanca demonstra estar meio de saco cheio. "Eu só quero ficar em casa ouvindo meu velho disco de vinil de rock n'roll" é seu mantra. Mas o que ele quer mesmo é falar – e como fala! – sobre música e afins. Um verdadeiro barato.

Vinil "Fico nervoso quando alguém diz que o vinil morreu. Só na cabeça de brasileiro. O mundo inteiro faz vinil e nunca deixou de fazer. O comprador de LP é um apreciador da música. Se você tem um bom toca-discos, uma boa cápsula, uma boa agulha, pobrezinho do CD. Vai ter de evoluir muito para ficar perfeito como o vinil."

CD "Tenho alguns. Não dá para ignorar. Eu gosto de música, não do formato. Por exemplo: adoro Tom Zé e não sai nenhum disco de vinil dele. Daí sou obrigado a ter o CD. Mas o que sai lá fora eu compro em vinil, não em CD."

Remasterização "Odeio disco digitalizado. Não gosto mesmo. O som é metálico. Todo babaça que vai mexer acha que é engenheiro, mete a mão no som e muda toda a qualidade. Se você pegar um CD do Jimi Hendrix, vai estar ouvindo a nona, a décima geração do áudio. E tem cara que acha o máximo."

MP3 "É um lixo! O som é horroroso. É aquele negócio: há quem tenha ouvido e há quem tenha orelha. A gente está caminhando para trás. É mais rápido rodar a manivela de um gramofone do que esperar a porcaria carregar."

Rock "O começo dos anos 70 foi legal. Depois que veio a discoteca, no fim da década, começou uma fase ruim. Nos anos 80 houve umas coisas legais. Nos 90, também. No ano 2000 ainda não está pintando nada. Estou torcendo para que alguém venha e dê uma virada. O rock ficou uma coisa babaca. Virou produto de consumo. A mídia descobre uma tendência e fica martelando naquilo, tentando vender o produto. Virou produto de consumo. Não é o verdadeiro rock, o rock'n'roll autêntico."

Pirataria "É uma farsa das gravadoras. Aquela babaquice, a Sula Miranda esmagando CDs. Aquilo é um absurdo. Só para aparecer na TV. São as próprias gravadoras que vendem a tecnologia para o pirata fazer o disco. Qualquer camelô faz. CD virou piso de calçadão."

Tecnologia "Estou meio estressado com essas bugigangas do mundo moderno. A gente já engoliu LD, DAT, DCC. Essas coisas estão mortas. Agora tem o DVD. Já ouvi falar em MP4 e DTS. Estamos "pagando pau" para os gringos. Todos eles querem vender para o terceiro mundo aquelas pesquisas que viraram lixo. E o terceiro mundo bate palmas, pede bis. Isso está deixando o planeta sem alma. Ninguém sai mais de casa, não tem mais amor. Tudo é mecânico, virtual. Estou com saudade do ferro e tenho, da caneta tinteiro, do mata-borrão."

O nome Baratos Afins "Vem do lance de ser disco barato e de 'estar no barato', 'afins' de alguma coisa. Disco barato e que você está afins. Simplesmente isso."

Crítica "Quando alguém fala mal do disco eu tenho vontade de ouvir. Quando falam bem, desconfio. Cinema também: só gosto de ver aquele filme que os caras jogam no lixo. Você lê que uma banda é legal e, quando ouve, é uma porcaria. Daí a pessoa vai desacreditando daquilo."

O LADO B

Na mesma 24 de Maio das Grandes Galerias, 50 metros adiante, em direção à Praça da República, está o Condomínio Edifício Centro Comercial Presidente. O pomposo nome esconde um subproduto mais alternativo (sem demérito algum) da principal galeria da rua.

Há 15 anos, quando percebeu o movimento de roqueiros no pedaço, um santista de nome Valdir resolveu subir a serra e abrir uma loja de discos na capital. Visto que a outra galeria já tinha muita concorrência, resolveu apostar em outro ponto ali perto. Deu certo. A loja, London Calling, ainda existe e faz sucesso. Depois dela vieram outras, como a Johnny B. Good, especializada em reggae. O dono, Johnny, largou o emprego numa gravadora e se aventurou no comércio há 12 anos. Orgulha-se de ter trazido os maranhenses da Tribo de Jah para São Paulo. Mas lamenta a falta de espaço para expor os discos de sua outra preferência musical, o blues. "Não cabe mais nada", lamenta, mostrando a parede forrada de CDs e fotos dos ídolos de reggae.

A convivência com os vizinhos da outra galeria é pacífica, apesar do apelido com o qual a maioria dos vendedores se referem a ela. Mundo do Metal. "Quando a gente não tem alguma coisa que o cliente quer,

principalmente coisas antigas, mandamos para a outra galeria", confessa Valdir. Ao lado desses desbravadores, lojas dos mais variados gêneros foram abrindo as portas. Desde especializadas em música gótica (existe isso?) até música gospel, passando por techno e rap. Com uma vantagem: está tudo no mesmo andar.

BATIDAS QUE VÊM DE BAIXO

Se ao chegar às Grandes Galerias, você, em vez de pegar as escadas rolantes, descer a rampa, irá encontrar uma realidade completamente diferente. Nada de solos de guitarra no subsolo, quem manda nas pickups (por sinal, muitos decibéis acima do que os comerciantes do térreo gostariam) é a black music. Cerca de 30 lojas vendendo o que há de melhor no gênero. Há também cabeleireiros e lojas de roupa. Todos ligados à cultura negra.

A invasão começou há mais ou menos oito anos, quando alguns comerciantes transferiram suas lojas dos bairros para o Centro – antes, só existia a do seu Valter (loja 53). Trouxeram com eles algumas manhas, como chamar o freguês para entrar na loja. "Chega aí, mano, que som que você quer?" e a deixa para chamar a atenção da pessoa com o som sempre no máximo. Afinal, propaganda é a alma do negócio.

Mano Marie é um desses lojistas do bairro que se deixou encantar pela Galeria. Chegou a ter cinco lojas no prédio. "Agora só tenho três", diz o cearense dono da Cool Rap e, nas horas vagas, locutor de rádio (apresenta um programa dedicado ao estilo). Marie se acha um dos responsáveis pela ocupação do espaço. "Quando abri, há quatro anos, só tinha umas oito lojas aqui. Só eu abri cinco", diz, com o orgulho de quem chegou do Ceará há 25 anos e venceu.

A variedade de títulos é comparável à encontrada nos andares superiores, levando-se em conta, é claro, o menor número de lojas. Todas as vertentes da música negra estão aí representadas. Randades do gênero atraem notórios colecionadores, como Ed Motta. A nata do rap nacional também bate ponto. Mesmo com suas levadas incomodando o pessoal de cima, o que já rendeu várias multas da administração, o subsolo continua firme e forte. Apoiado por milhares de mãos.

Nos anos 80, quando punks, carecas e metaleiros se encontravam nos corredores das Grandes Galerias, era porrada na certa

com os botões de sua jaqueta de couro. Além do que, não dava para arrumar nada melhor, Topou. O preço para a vaga ser liberada? A coleção completa dos discos de Roberto Carlos. Com o negócio fechado, Luiz Calanca abriu a Baratos Afins (no espaço onde hoje fica a Devil Discos). "Antes, só tinha a Wop Bop", lembra e ironiza. "A culpa disso tudo é do meu cunhado João Ribeiro." No ano seguinte, Calanca recebeu a companhia da Music House, que ainda funciona no primeiro andar (loja 259). Mais ou menos na mesma época, Fabião, da lendária banda Olho Seco, abriu a Punk Rock, lugar não muito benquisto pelo síndico. A pressão foi tanta que a lojinha fechou em 1984. "O cara era delegado (*ainda é: Miguel Camassa, do Departamento de Investigações de Crimes Contra o Patrimônio – Deparpi*) e na minha loja só vinha punk. Ele não gostava. Era o tempo dos militares e o cara se aproveitava. No sábado, punha um camburão em cada lado da galeria, trancava as escadas e não deixava nenhum punk subir", relembra Fabião. Depois de uma grande temporada afastado, o músico do Olho Seco reabriu a loja com o nome mudado para Decontrol (loja 242), no primeiro piso.

Os fregueses deram um mosh para o outro lado do balcão e iniciaram o fenômeno da multiplicação das lojas. Uma atrás da outra. Em pouco tempo, o perfil da Galeria mudou. O que antes era a maior concentração de alfaiates da cidade passarela para senhores elegantemente trajados desfilarem sua classe converteu-se no ponto de encontro dos roqueiros paulistanos, com suas calças jeans e camisetas pretas.

TRETAS ENTRE TRIBOS

Punks, metaleiros, carecas. Todos iam lá. E, nos idos de 1980, o negócio era muito mais radical. Ignorância, mesmo. Se punk cruzasse com metaleiro era porrada na certa. Aí do desavisado com camiseta do Metallica que encontrasse um careca. Essas rixas ficaram tão insuportáveis que começaram a queimar o filme do lugar. Tanto que em 1993, um grupo de lojistas se uniu, elegeu um novo síndico – Tonhão da Galeria – e fez uma reforma geral no prédio. Até as escadas rolantes, antes motivo de brigas, passaram a funcionar (quase sempre).

Muita coisa mudou entre 1978 e 2000. Um pouco do clima underground que a Galeria tinha foi embora. Em compensação, remanesce um agradável ar retrô nos seus corredores. Sensação que um saudosista definiria como "lembranças de um tempo que não volta mais".

Devaneios à parte, a revitalização trouxe ordem e novas lojas para o estabelecimento. Hoje, todos os 492 pontos estão ocupados. Desses, 200 vendem artigos relacionados com a música.

PLURALIDADE DE ESTILOS

Apesar da predominância roqueira, é bom que se diga, há espaço para vários gêneros musicais nas Grandes Galerias. "O pessoal acha que aqui só existe rock. Mas, não. Tem até MPB", avisa Chicão, dono da Devil Discos (loja 345), rapaz que, há 16 anos desistiu de vender LPs para os colegas do banco e montou a loja que tem desde música popular brasileira a punk rock.

Próximo à Devil fica a Viagens & Versos, que além de loja é a sede do fã-clube do cantor Zé Geraldo. "As vezes o pessoal vem aqui, para na frente da vitrine e tira um barato. Mas não estou nem aí, gosto mesmo é de música brasileira", comenta o proprietário do espaço, Zé Roberto. A MPB também encontra abrigo na Araçá Azul, na Baratos Afins e na Loja do Valter (loja 53). Este é um senhor que há 15 anos vende raridades do cancioneiro nacional, "principalmente samba de qualidade", ressalta.

Mesmo com essa democracia musical, o que realmente movimenta aquela parte da 24 de Maio é o rock'n'roll. De preferência pesado. A grande maioria das lojas é dedicada ao heavy metal, estilo que, se depender do público da Galeria, não morrerá tão cedo. Trata-se de uma galera

O CAMINHO DO PARAÍSO

De metrô chega-se mais rapidamente à Galeria. Ir de carro é roubada. O centro de São Paulo tem de tudo, menos lugar para se estacionar automóvel. A estação Anhangabaú (linha leste-oeste) é a mais próxima do local. Outra opção é ir de ônibus e descer no terminal da Praça da Bandeira. A Praça da República é um pouco mais longe, mas também pode ser um ponto de referência, tanto para os coletivos quanto para o metrô.

As Grandes Galerias funcionam de segunda a sexta das 9 às 20 horas, e aos sábados, das 9 às 18 horas.

Principais lojas

Paulistas
Loja 469, 3º andar
Tel.: 223-3090

Die Hard
Loja 312, 2º andar
Tel.: 221-3978
www.diehard.com.br

Zeitgeist Music
Loja 456, 3º andar
Tel.: 222-[illegible]73

Relics Discs
Loja 310, 2º andar
Tel.: 223-1602

Mechanix CDs
Loja 252, 1º andar
Tel.: 223-8101
www.mechanix.com.br

Rock Machine
Loja 249, 1º andar
Tel.: 220-8469
www.rockmachine.com.br

Hanxi
Loja 344, 2º andar
Tel.: 221-5927/220-7705

Discontrol Discos
Loja 242, 1º andar
Tel.: 222-9018

Porto Ilegal
Loja 40, subsolo
Tel.: 223-0837

Baratos Afins
Lojas 314/318
Tel.: 223-3629
www.baratosafins.com.br

SÓ PARA SÓCIOS

Na condição de lugar para onde convergem os lanáticos por música, era natural que a Galeria do Rock recebesse de braços abertos a iniciativa de que esse pessoal se reunisse em uma sede.

São admiradores de artistas distintos, mas com algo em comum: possuem preciosidades, tanto para vender quanto para expor e matar os outros de inveja. A maioria dos fãs-clubes promove encontros em suas sedes semanalmente. Algumas dessas associações interferem e têm participação importante. Em 1994, o fã-clube do Sepultura organizou um abaixo-assinado para forçar a organização do Hollywood Rock a escalar a banda no festival. Dito e feito: tiveram de pôr o Sepultura no show.

Sepultura Official Brazilian Fan Club
Loja 452, 3º andar
Caixa Posta 4313 São Paulo - SP
CEP 01061-970

Fã-Clube do Zé Geraldo
Loja 328, 2º andar
Tel.: 3337-8304

Beatles
Magical Mistery Club
Lojas 416-418, 3º andar

Ramones
CBGB Official Brazilian Fan Club
Loja 473, 3º andar

Raul Seixas
Luar Rock Laser
Loja 258, 1º andar
Tel.: 220-1647

Tem gente que diz que o lugar virou até ponto turístico...

que está pouco ligando para os modismos e quer mesmo é ouvir as guitarras que fazem sua cabeça cabeluda balançar. Abarrotam o prédio, principalmente aos sábados, dia em que aproximadamente 30 mil pessoas entopem os corredores.

Nos anos 90, isso aqui deu uma explodida, virou ponto turístico. Já foi bem melhor", diz, quase reclamando, Tonunho Maiden, presidente do fã-clube do Sepultura, há 10 anos instalado na Galeria. Quem vem de fora de São Paulo não reclama. E pinta bastante gente, incluindo gringos alemães, ingleses, argentinos, etc. Presidente do fã-clube de Eric Clapton em Santa Catarina e assinante da BIZZ, Valério Ávila vem abastecer sua entidade com material do ídolo. "Em Florianópolis quase não existem lojas de discos. Quando a gente chega e vê esse mundo de opções, só pode achar fabuloso", baba o catarina. "Quem gosta de rock sabe que aqui é o melhor lugar para se encontrar discos" entrosa Adalberto da Silva, um garoto que, pela terceira vez, saiu de São Luís do Maranhão para visitar a Galeria.

A variedade proporciona cenas inusitadas, como a de um senhor de terno debatendo com um adolescente sobre a banda preferida (e o que é mais surpreendente, dando razão ao jovem!). Não é à toa que em seus corredores é possível trombar com seres tão ecléticos quanto Anselmo, baixista dos Inocentes, e Solito, ex-goleiro do Corinthians. Canibal (Devotos), Charles Gavin (Titãs), Kid Vinil... E sem querer cagetar, uma porrada de gente matando aula. Jello Biafra, Kurt Cobain, Danny Elfman (Oingo Boingo), Marky Ramone e Bruce Dickinson, entre outras estrelas internacionais, também já vasculharam as prateleiras das lojas em busca de raridades que, acreditem ou não, só são encontradas ali.

A gigantesca variedade mais o fato de manter viva a relação freguês-cliente – sendo possível até chorar por um descontinho –, é o que faz da Galeria do Rock um show digno de aplausos.

Discofagia

"a arte que se alimenta de música"

Lulu Santos
Enfim, desplugado

Cat Power
Todos os lamentos da gata no Brasil

Saiba como ficar doidinho para **montar uma banda**

Red Hot Chili Peppers
Por que o quarteto da Califórnia tornou inesquecível o verão de 1988 com *Uplift Mofo Party Plan*

Badly Drawn Boy • Green Day • Black Crowes • Madonna • Midnight Oil • Stuck Mojo • Xis • Nando Reis • Tankard • M4J • Tom Zé • Thievery Corporation • Groove Armada • Os The Darma Lovers • Modest Mouse • Dandy Warhols • Broadcast • 400% Dynamite • Trilhas sonoras

Lulu escolheu o repertório com rigor cirúrgico para o seu "desplugado"

Vinte anos de pop

★★★★☆

Lulu Santos
Lulu Acustico
BMG

A essa altura do campeonato, nem dá para chamar um *Acústico* de picaretagem – não há picaretagem se todo mundo já conhece o truque da mesma forma que não existe mentira que não se pareça com verdade. Um disco *Acústico* é um disco acústico e só, a diferença é a música. Pois bem, Lulu é bicho arisco desde 1986, quando deixou de ser o garoto de ouro do rock brasileiro para viver um relacionamento de altos e baixos com a indústria fonográfica. *Lulu Acústico* é, assim, o testamento de seu potencial como compositor, cantor, entertainer e lenda viva do pop nacional. O repertório é escolhido com rigor cirúrgico, perfeitamente equilibrado entre canções dos anos 80 e 90, como que para deixar claro que não estamos diante de um desses roqueiros decadentes que se apoiam em hits de 20 anos atrás – e é verdade, "Tudo Igual", de 1994, desce tão bem quanto "O Último Romântico", de dez anos antes, embora a nostalgia bata forte em "Como Uma Onda (Zen-Surfismo)" e, puiz, "Certas Coisas". Nesse sentido, o álbum funciona também como uma bela chance de elevar gemas esquecidas ao nível dos clássicos absolutos. Por exemplo, a balada "Apenas Mais Uma de Amor" fez seu sucessinho e tal, mas ninguém previa o quão arrepiante ela poderia soar reduzida a violão e voz. É curioso notar que no formato acústico, uma trajetória marcada por tantas guinadas estilísticas quanto a de Lulu soa perfeitamente lógica e homogênea. As próprias canções inéditas ajudam a dar a liga: "Deusa Da Ilusão" é pop perfeito, "Janela Indiscreta" faz flerte com a pré-história soul do cantor e "Made In Brazil" junta todas as influências e referências num balaio só. Tudo bem amarrado, descendo macio, bem dirigido como espetáculo para os ouvidos – Lulu é mestre-de-cerimônia tão seguro que chega a ser blasé. A geração dele, a do tal rock brasileiro, teve seu grande mérito em anular a "umbigocêntrica" MPB quando isso precisava ser feito. Agora, se às vezes ela acrescentou à MPB, boa parte desse legado está aqui. Pode tirar a prova – é divertidíssimo.

Ricardo Alexandre

★★

Green Day
Warning
Reprise, Warner

O que o tempo faz com quem não quer perder o gás

Na música pop, quando se diz que tal banda atingiu a maturidade é porque ela perdeu o gás. Então, o Green Day está mais maduro do que nunca em *Warning*. Se os anteriores *Nimrod* (1997) e *Insomniac* (1995) já não empolgaram muito, o sexto disco consegue a proeza de elevar o banda-mofismo que acometeu o trio após o sucesso de *Dookie*, de 1994. Na época, o líder Billy Joe pretendia fazer punk e acabou presenteando o mundo com delícias power pop. Agora, ele quer bancar um artista pop, só que, como não se chama Hanson, brinda os fãs com uma série de canções chochas, desinspiradas. "Blood, Sex And Booze" e "Misery" parecem marchas, de tão quadradas que são. Um resquício de energia é sentido em "Castaway" e "Deadbeat", ainda assim longe de provocar alguma reação que não seja o desdém. A falta de criatividade fica escancarada na gaiatice "Pobre Menina", que abre "Hold On", e na levada de "Warning", chupada de "Do You Wanna Dance?". OK, não dá para exigir dos caras, hoje minhocanos pais de família, a mesma gana de quando eram independentes e tocavam por um prato de comida. Mas eu não tenho nada a ver com isso.

Emerson Gasperin

Para quem gosta de:

★★★★★

Black Crowes
1990-1999 Greatest Hits
Sony

Som setentista dos corvos ganha coletânea básica

Assim como Bowie apontou como o camaleão do pop, o Black Crowes poderia ter a conotação de pequeno mutante do vasto universo rock'n'roll setentista. Liderados pelos irmãos Robinson – o sublime vocalista Chris e o guitarrista Rich –, os corvos diluíram as melhores referências para se transformar em uma das mais contagiantes bandas americanas dos anos 90. De sua estreia, em 1990, mais dançante e calcada no hard rock de artistas como Free e Faces, surgem "Jealous Again" e "She Talks To Angels", uma das mais primorosas baladas já escritas. Em seu segundo manifesto, de 1992, o grupo decide evocar os Stones da fase Mick Taylor, ou seja, muita alma, mais black & blues. Quer um companheiro de viagem ideal? Então ele se chama *Amorica*, o terceiro petardo da trupe de Atlanta. Tente não chapar na melodia lisérgica de "Wiser Time". Impossível. Se nos dois primeiros álbuns a banda pintava uma paisagem de sábado à noite, com *Three Snakes And One Charm*, de 1997, esta se transformou em uma manhã de domingo. Tramas à Allman Brothers e pouca inspiração para reservar um retorno digno em *By Your Side*, com ecos daquilo que eles faziam de melhor. Pena que nesta coletânea são só 16 músicas. Mereciam ao menos um CD duplo.

Marco Bezzi

★★★★

Madonna
Music
Maverick, Warner

Não se engana com a eletrônica do começo

É impossível ouvir *Music* sem pensar em *Pop*, do U2. Lembra? Quando se ouviu o primeiro single, "Discoteque": oh, eles viraram eletrônicos. Daí o disco saiu e todo mundo sacou que as canções para serem cantadas junto e emocionar ainda dominavam o repertório. O 14º trabalho da mãe de Lourdes Maria e Rocco tem perfil similar. A faixa título, hit inaugural do álbum, traz um balanço electro, que não demora muito para atiçar passos de break (ou seu só muito murrinha para desgostar). "Impressive Instant", a seguir, mantém a pegada forte de black music e os efeitos digitais, usados de forma ortodoxa na house "Runaway Lover", produzida por William Orbit. Daqui para a frente, o freguês fica esperando por uma vibração que não volta a aparecer. Orbit põe a eletrônica com discrição nas baladas "Amazing" e "Gone". Mirwais Ahamadzai, parceiro da artista nas duas primeiras músicas, também reduz as BPMs e tempera "I Deserve It", "Paradise (Not For Me)", "Don't Tell Me" e "Nobody's Perfect" apenas com um tanto de batidas para que elas não pareçam anacrônicas. Em todas as canções citadas, algo em comum, o vocoder, engenhoca que codifica a voz e a deixa com aquele timbre sintético, anos 80 puro. E Madonna ligada no movimento, devagar e sempre.

MB

Fernanda Takai, do Pato Fu, dá dicas para a incauta viajante

O QUE ANDA

***Invincible Summer*, k.d. lang** "Gosto muito do seu senso de humor e do fato de ela ter uma carreira desligada de modas. Perfeito para se ouvir em dias felizes, relaxando os pensamentos."

***Magnolia*, Vários** "Tudo o que Aimee Mann não fez em sua banda Til Tuesday guardou para essa trilha sonora. Acho o timbre da voz dela especial, canta sem afetações e escreve boas letras."

***The Man Who*, Travis** "Tinha birra por achar muito Radiohead. Mas escutei outras vezes e gostei: vocal suave, arranjos básicos, grandes canções para se tocar no verão. Gosto desse disco no carro, com o volume alto para não ouvir as buzinas chatas."

★★

Midnight Oil
The Real Thing
Columbia, Sony

Talentosos australianos desistem de experimentar

Quem é fã do Midnight Oil pode comemorar. *The Real Thing*, que junta dez faixas acústicas com quatro inéditas, está sendo lançado no Brasil sem nem sequer ter tido edição americana ou europeia. É uma pena que o quinteto tenha desistido da revolução iniciada com o ótimo *Redneck Wonderland* (1998), cheio de experimentações e flertes com a eletrônica. Nessa época, o baterista e mentor Rob Hirst chegou a dizer que o grupo tinha várias canções na mesma praia esperando para ser lançadas e estava fazendo jams com os ingleses pesados do Skunk Anansie. Mas o que temos aqui é uma banal releitura de um rock australiano dos 60 (a faixa título), três músicas novas menos inspiradas e versões desplugadas de "The Dead Heart", "Blue Sky Mine", "Warakurna" sem a energia que essas possuem quando eletrificadas (prefira *Scream In Blue*). Quem é fã do Midnight Oil pode comemorar?

José Flávio Junior

★★★

Stuck Mojo
Declaration Of A Headhunter
Century Media

Mais uma banda a seguir a receita de metal com rap

É necessária muita paciência para se aturar mais uma banda com som de guitarra "serra elétrica", batidas funkeadas e mistura de rap. Elas estão por toda a parte e se reproduzem bem em cativeiro. O Stuck Mojo até tem um diferencial, o mais "traíra" de todos: quando soa mais pop, fica criativo e bom de se ouvir, por vezes lembrando o Faith No More. Pena que isso acontece apenas em algumas faixas, como "Raise The Dead Man". De resto, o mesmo de sempre: muita competência na produção, tatuagens, revolta e rock pasteurizado. Se forem espertos e deixarem funcionar a escondida veia criativa, os rapazes do Stuck Mojo podem ir longe. Se ficarem nessa, continuarão sendo uma banda igual a tantas que existem por aí.

Bernardo Araujo

Para quem gosta de:

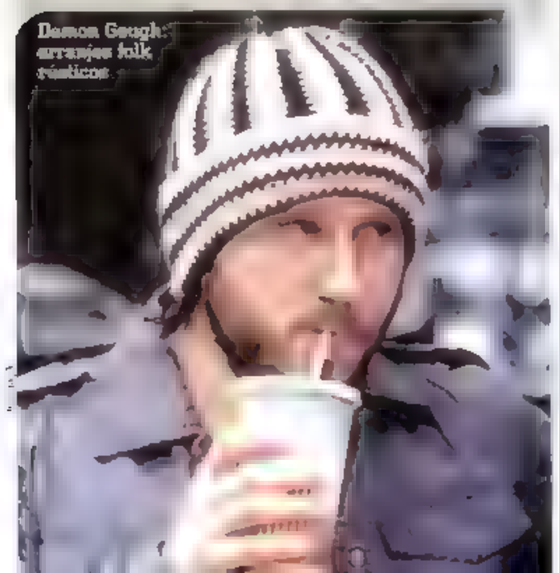
Mesclou com estardalhaço

★★★★½

Badly Drawn Boy
The Hour Of The Bewilderbeast
Roadrunner

Projeto individual do multinstrumentista Damon Gough, o Badly Drawn Boy era a principal expectativa do pop inglês desde que se mostrou ao público na pesada "Nursery Rhyme" no único disco do projeto all-star UNKLE. Gravando EPs que mais confundiam do que esclareciam sua personalidade musical, ele foi aos poucos criando uma reputação que o levou à condição de promessa do ano 2000. E é nessas condições que lança seu primeiro álbum. Aproveitando a fragilidade provocada pela gravação caseira, Gough proporciona um disco perfeito e palpável. Descrevendo a beleza pop em melodias simples e diretas, ele as encobre com arranjos folk rústicos, pintando paisagens com bordões, como seu quase homônimo Van Gogh. Cantando sobre o sol e o campo, usa diversas referências da história da música, fazendo o quebra-cabeças de detalhes soar como uma só canção, como os minuciosos trocadilhos visuais que compõem a figura estampada na capa do disco. Entre esse experimentalismo pop e uma veia baladeira que sai de John Lennon ("Fall in a River", "Camping Head to Water") e passa por Elvis Costello ("Epitaph", "The Shining") sobra até para o jazz (na deliciosa "Once Around the Block") e na surpreendente "Disillusion"). Em meio a pérolas e flores, a estrela de Badly Drawn Boy não poderia ser mais sensata: um clássico instantâneo, mas sem muito estardalhaço. Como convem.
AM

Para quem gosta de: Elliott Smith e *Melodrama*, de Beck



★★★★½

Xis
Seja Como For
4P/Trama
Empurrão para um mano já conhecido nas quebradas

Depois de receber a benção da MTV com o prêmio de Melhor Clipe de Rap no VMB, o "Preto Burnout" Xis tem relançado seu álbum de estréia, *Nego Drama*, de 1997. Agora com toda a infra-estrutura de divulgação que faltava ao corajoso 4P – selo independente do cantor e ator Kl Jay, DJ dos Racionais e produtor do álbum – o ex-integrante do DMN consegue merecido destaque na "grande mídia". Precisar não precisava, porque no mundo hip-hop ele já é estrela consagrada, depois de estourar com as mata-leoas "Paranóia De Granfa", "Us Mano E As Mina" e "A Haiga" (esta do album *Brasil*). Escorado em belo samba, rap de Originais do Samba! Xis tem muito mais a revelar na poética ou na forma: Ás vezes, equilibra com os pés a crítica social com os raps de festa, em momentos sempre numa levada singular, às vezes bem próximos da parte do alto. Ao ler a letra das letras no encarte, assume o dialeto da periferia – e muito boy vai bolar nas gírias. Em tempo, por que será que os jornalistas temam em se incomodar com a pistola da capa? Tá com medo santa? De "Perigo": "Já tenho o que preciso, tô: Um microfone, um vocabulário mixo/Uma rima que não vale um real pruma pá de crítico/ Ridículo!".
Spensy Pimental

★★★★☆

Nando Reis
Para Quando O Arco-Íris Encontrar O Pote De Ouro
Warner
Tita solo revela-se um romântico de marca maior

Os limites entre arte e entretenimento são confusos e muitas vezes inexistentes – mas é cada vez mais comum encontrarmos artistas que se preocupam em exteriorizar seus sentimentos falando e cantando para a alma, enquanto os profissionais do entretenimento são pessoas a serviço das vontades mais superficiais do grande público. Por isso talvez esta aventura solo de Nando Reis soe tão urgente e objetiva. Mais que uma ocasional reunião de 11 baladas de violão, *Para Quando O Arco-Íris...* soa como uma afirmação pública de que mesmo depois de *Volume 2*, de *Os 10 Mais* com os Titãs, ele ainda é um artista com bolas. O disco é transparente e direto em sua relação com suas intenções, deslavadamente romântico e, às vezes, pueril, e às vezes sublime também, como nos folks espirituais "Relicário" e "All Star". Na média, Nando consegue unir ecos de Luis Melodia, Caetano Veloso, Gilberto Gil e João Ricardo (dos Secos & Molhados) em uma concepção de som totalmente "americana". Neil Young, R.E.M. alcançando um resultado harmonioso, refinado, feliz e à sua maneira, moderno em sonoridade. E, depois da terceira audição, bastante pop também. Não deveria ser tão raro um disco digno e agradável assim.
Ricardo Alexandre

★★★½

Tankard
Kings Of Beer
Century Media
Beberrões do thrash alemão seguem em boa forma

O Tankard é uma das [illegible] bandas do nascedouro do thrash alemão. O quarteto de Frankfurt, ao contrário de [illegible] Alemanha, toca um thrash metal honesto, sem [illegible] wah-wahs ou sons "contemporâneos", lembra o Kreator), e é uma banda temática: os caras falam de cerveja o tempo todo. Além do ato de encher a cara, as músicas [illegible] falam de [illegible], [illegible] flatulências [illegible] ("Turbo With Disaster"), o medo que um machão tem de se tatuar ("Tattoo Coward") e a alegria de se tocar heavy metal ("Incredible Loudness"). Em alguns momentos, o vocal [illegible] lembra [illegible] [illegible] [illegible]

Cat Power

★★★★½

Cat Power
What Would The Community Think
Matador Drama

★★★½

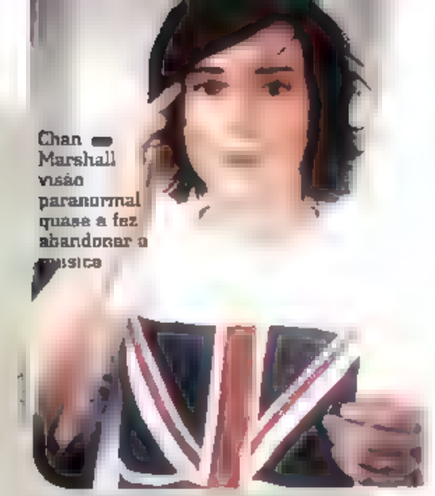
Cat Power
Moon Pix
Matador Drama

★★★½

Cat Power
The Covers Record
Matador Drama

Os três mais recentes livros de poesia de Chan Marshall, também conhecida como Cat Power, acabam de ser lançados no Brasil. Eles vêm acompanhados da voz emocionada da própria e de uns poucos instrumentos locados por ela e por seletos amigos. Na verdade, trata-se de discos em que o mais importante é o que está sendo cantado. Conhecer a história dessa americana de 26 anos, que não se conforma em estar tão velha e já lançou cinco obras pelo selo alternativo Matador, dá uma boa ajuda na degustação. *Moon Pix* (1998), por exemplo, tem canções tão profundas e é considerado um dos melhores trabalhos de uma compositora nos anos 90, porque em 1997, Chan teve uma visão paranormal e decidiu abandonar o mundo da música. Passou um ano pintando, nadando e dirigindo numa cidade do interior dos Estados Unidos. Seguindo um impulso, foi para a Austrália, reuniu-se com os músicos da banda Dirty Three (parceiros de Nick Cave) e dividiu todas as suas angústias em 11 faixas. É nesse disco que está "Cross Bones Style", cujo clipe fez o precioso rosto de Chan mais famoso. *What The Community Think* (1996), gravado antes do grande baque em sua vida, traz "Nude As The News", uma das músicas mais contagiantes de sua carreira. É um disco triste (para ficar num adjetivo mais fácil), assim como tudo que Cat Power já produziu, mas só fica maçante quando a veia Sonic Youth aflora (Kim Gordon e sua herança nefasta!). Por fim, *The Covers Record* (2000) foi gravado quando a cantora descobriu que não suportava mais suas antigas canções. Pegou Rolling Stones, Smog, Bob Dylan, Velvet Underground e passou por cima. "Sea Of Love" (mais conhecida na voz de Robert Plant) fica para o finzinho, pondo em xeque algum coração atrevido que não tenha se manifestado no decorrer do álbum.

José Flávio Júnior



Chan Marshall: visão paranormal quase a fez abandonar a música

★★★★

Tom Zé
Tom Zé
Sanv

Tempo não tira o vigor do primeiro solo do baiano

Tom Zé não quer se modernizar, ele já é moderno. Se você torceu o nariz e o considerou brega ou cafona, lembre-se de que o adjetivo vem de "inadequado", não de "moda". Ele não precisa de David Byrne, Caetano Veloso, remixes, especial na MTV ou André Abujamra para se dizer sempre novo. Vejam seu "novo" disco – entre aspas porque é, na verdade, seu primeiro solo, de 1968. O clima de tensão do período [illegible] absolutamente [illegible] selvagem [illegible] investimentos nessa folclórica desigualdade social à sombra de um [illegible] estado de [illegible] alguma semelhança [illegible] Fernando De diferente, notamos o dengo baiano nas brejeiras "Namorinho De Portão" e "Quero Sambar Meu Bem". Mas a influência da metrópole paulista pode ser sentida em "São Sua Paulo", "Não Buzine Que Eu Estou Parqueando", "Carteira", "Profissão Ladrão", "Sabor De Burnice", "Glória" e na fanfarra "Parque Industrial". É velho mas é incomodamente [illegible]

Alexandre Matias

★★★★

Thievery Corporation
The Mirror Conspiracy
4AD Sire

Vozes femininas colorem som da dupla grã-fina

Rob Garza e Eric Hilton [illegible] a posição [illegible] bon vivants. Sempre em [illegible] termos impecáveis, a dupla do Thievery Corporation mantém um selo e um clube em Washington, ambos com o nome de 18th Street Lounge. Mas é na música que o apreço de Garza e Hilton pelas coisas boas [illegible] vida surge com toda a elegância. No segundo disco de inéditas, sua finesse peculiar fica mais pop graças às vozes femininas que remetem ao Morcheeba ("Shadows Of Ourselves") e o tempero mais tacil. Bebel Gilberto contribui com a participação de Dub em seu álbum-solo e canta em "Só Com Você". A adoração pelo Brasil já presente na estreia *Sounds Of Thievery Hi-Fi* de 1988, dedicada a Tom Jobim segue nas bossas tecnovas "Le Baiucada" e "Samba Tranquilo". Esses e outros, no entanto, preservam o clima que fez do grupo sinônimo de requinte sonoro, como em "Focus On Sight" ou na faixa-título: lounge, dub e/ou batidas bacanas [illegible] com muito bom gosto, criando uma atmosfera densa, porém exalando leveza. Ah, downtempo.

Emerson Gasperin

★★★★

Groove Armada
Vertigo
Virgin

Perfeito para se ouvir entre uma balada e outra

Se quando o nome Groove Armada vem à sua cabeça a única lembrança que ele lhe traz é o remix de "I See You Baby", [illegible] pelo boa-praça Fatboy Slim, vai aí um aviso. Não pense que com o retrô "shake their ass, shake their ass" Andy Cato e Tom Findlay [illegible] exportar para o velho continente [illegible] famosa dança da bundinha. [illegible] pulha, e muito mais diverso [illegible] meticuloso do que essa armadilha [illegible] de dois. Após [illegible] ção ao lançamento na Inglaterra, se você é um aficionado da boa *nu-house* que tem em seus maiores expoentes nomes como Basement Jaxx e Les Rythmes Digitales, o Groove Armada tem que ser a sua próxima aquisição. O segundo álbum desses londrinos é um coquetel isotado de climas refinados, que vão desde o lounge dos anos 60 até a house francesa de Dimitri From Paris dos duas anteriores "Dusk You & Me" e a funkeada "Whatever, Whenever" exigem que o corpo saia da letargia enquanto "At The River" [illegible] outro uso de sopros e loops, e "Inside My Mind", com o vocal aveludado de Shophat Baker, transparecem uma sensação de ar-condicionado. Vertigo é um álbum perfeito para relaxar, para se [illegible] antes e depois da [illegible] simplesmente, para servir de trilha sonora do seu dia-a-[illegible]

Marco Bezzi

★★★½

Os The Darma Lóvers
Os The Darma Lóvers
Banguela Records

Budismo e melodias simples para iniciantes

À primeira vista, o papo budista que os Darma Lovers trazem em seu CD de estréia parece mais uma daquelas baladas inventadas pelas bandas para vender personalidade. Mas o casal responsável pelo grupo, Nenung e Yang Zam, é ligado ao templo budista de Três Coroas (RS) e apresenta canções com personalidade pop [illegible] Não chega a ser hipnótico as seguras composições de Nenung, até há poucos anos vocalista da banda Barata Oriental, [illegible] como fio condutor um violão e duas vozes [illegible], em uma estrutura rock/folk com poucos instrumentos. Essa simplicidade é valorizada pela produção de Frank Jorge (Cachorrera Xilarmônica e Cowboys Espirituais), resultando [illegible] em um bom fundo musical para o amanhecer ou para o fim de dia de verão. O ambiente bicho-grilo da banda tem lá sua credibilidade [illegible] a fim de escutar a retórica libertária e "crítica" a respeito do estado das pessoas – sem contar a versão de "Do Amor", de Lenny Kravitz, que poderia ter ficado de fora. Compre o seu pelo fone 51 [illegible] ou [illegible] no site da banda www.osthedarmalovers.com.br)

Alisson Avila

Para quem gosta de:

[illegible]

Ah, sei lá, mil coisas...

BARRACO

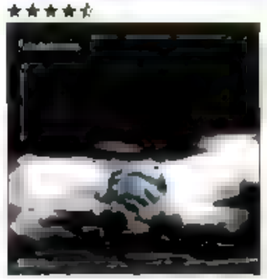
A coleção *Dois Momentos* (Warner) [illegible] com a bela reedição de dois LPs dos Socos & Mocotós reunidos em um CD [illegible] mais um daqueles emaranhados de pérolas e lá Charles Gavin. São 14 títulos de nomes que vão dos fundamentais **Tom Zé**, **Novos Baianos**, **Paulinho da Viola** e **Walter Franco** aos não tão ilustres [illegible] **Sol**. Destaque para os relançamentos do "senhor tempo bom" **Carlos Dafé** e do sambista **Branca Di Neve**. Malemolência: este é a palavra. ● **Nós dissemos malemolência? Pois é justamente isso que abunda em *Malandro É Malandro E Mané É Mané* (Atração), de Bezerra da Silva. São 14 ladainhas retratando o cotidiano das quebradas, como em qualquer disco anterior dele, que está perigando virar o Ramones do samba: gosto ou não, você sabe exatamente o que vai encontrar em um álbum do carioca.** ● Também não precisa ter nenhum [illegible] do conteúdo de *Picada De Amor* (Indie), do conquistador **Wando**: odes ao amor desde [illegible] que vêm seduzindo muita gente na base do "é tão ruim que é bom". Sinta a poesia do malador: "Se eu te pego, te bato, te mordo, te rasgo, te estrago, te bebo, te levo para a cama e amor [illegible] e isso logo em "E Amor", a primeira dose desse verdadeiro Viagra musical. Mais é bobagem. ● **Como consolo, a constatação de que não são apenas os artistas brasileiros que lançam discos que a gente não sabe para quê. É o caso do Unband, mais um grupo americano a despontar para o anonimato com *Retarder* (TVT/Sum). O rock que serve de inspiração para a banda é encontrado às baciadas em qualquer esquina de Los Angeles.** ● Essa é boa: no release [illegible] a empresa de Anarchy Warren **Busta Rhymes** [illegible] de "rei do [illegible]-hop". Só se for para as negas dele, pois suas batidas esquizofrênicas estão longe de animar uma samambaia, quanto mais um mano criado a base de Wu-Tang Clan e Jurassic 5. ● **Quem aguarda com ansiedade (quem?) o terceiro álbum das Spice Girls vai se deliciar com a iniciativa da Virgin, que colocou no mercado nacional todos os oito singles de quando o grupo ainda fazia sucesso. Remixes, faixas ao vivo e os deliciosos "lados A".** ● Mas [illegible] 10 [illegible] é a trilha sonora de *Me Myself & Irene* (EMI), comédia estrelada por Jim Carrey. Os produtores pediram para artistas de primeira linha como **Brian Setzer Orchestra**, **Wilco** e **Ben Folds Five** darem uma atualizada em clássicos do **Steely Dan**. Deve ter alguma coisa a ver com o filme, que não fomos assistir ainda, estamos tentando entender *Ace Ventura*.

IMPORTE-

Os lançamentos gringos que estouraram nosso cartão de crédito

Explosão de ritmos

★★★★½



Modest Mouse
The Moon & Antarctica
Epic
Grata surpresa no indie rock dos Estados Unidos

Durante boa parte da década de 90, o rock alternativo norte-americano parecia não ter forças para buscar inspiração em algo diferente do que faziam os Pixies. Só agora, com a ascensão de bandas como Grandaddy, Built To Spill e Modest Mouse, parece que os Estados Unidos estão prontos para entrar no próximo milênio com o pé direito. *The Moon & Antarctica*, a estréia do grupo de Seattle em uma grande gravadora, é um ótimo exemplo de que a ousadia e a juventude, ausentes da cena por tanto tempo, estão de volta. Sem medo de arriscar, explorando ao máximo o som de seus instrumentos e saindo do pastiche da made guitarra, baixo e bateria, eles esculpiram um dos melhores álbuns do ano. Passando da complicidade do folk à frivolidade da new wave, da força do punk ao vigor do rock alternativo e usando a repetição de fonemas para criar uma musicalidade mais rica, Isaac Brock traça, com a ajuda de seu vocal afiado, interessantes paralelos entre a imensidão do Universo e os problemas na Terra. Destaque para a excelente "Dark Center Of The Universe" e para a épica e perturbadora "The Stars Are Projectors".

Juliano Zappa

Para quem gosta de:
Superchunk e, acima de tudo, do antes ...

★★★★★

VÁRIOS
400% Dynamite!
Soul Jazz

Faz tempo que esta escandalosa série editada a partir de 1998 merece ser comentada. A oportunidade surge com o lançamento do quarto volume, com outro lote de gemas jamaicanas produzidas nas priscas eras. A julgar por esse *400% Dynamite!*, que mantém a vibração lá em cima, o baú do lendário Studio One e das gravadoras Trojan e Treasure Isle tem música boa que não acaba mais. Quem pensou somente em reggae enganou-se. O ritmo foi a muitas canções, mas o veneno vai além do gênero consagrado por Bob Marley – dos invasores funk e soul aos enraizados rock steady, ska e dub. A categoria habitual de nomes já com valor reconhecido, como U-Roy, Toots & The Maytals, King Tubby e Prince Buster, mistura-se a adoráveis "lados B" da cena local: Bongo Herman, Paris Connection, Cimarons, Honey Boy Martin. Assim, o disco é capaz de alternar clássicos do naipe de "Under Me Sensi" (de Barrington Levy) com tesouros escondidos como "Hi-Life", da Granville Williams Orchestra (só esperando ganhar uma batida drum'n'bass para voltar à ordem do dia), e a linda "Soul Food", de Lyn Taitt. Diante de tanto deleite, nada mais resta a não ser cair em algum canto e, honrando o nome da coleção, invocar a presença de algo explosivo, incendiário. Acenda e ascenda.

Emerson Gasperin

★★★½

Broadcast
The Noise Made By People
Warp
Pop classudo para relembrar os anos 60

Jovens, vestidos com seus sobretudos e golas rules, carregam seus LPs e livros comprados em sebos e brechós. Adentrando o cineclube, o cinema europeu de Godard, Catherine Deneuve e das trilhas de Mancini e Morricone entrerem o público. Ano 2000, mas você poderia jurar que está na década de 60. Ao adquirir o segundo álbum do grupo inglês Broadcast, essa saudosa sensação voltara a transitar pelo seu imaginário. A começar pela capa – bela alusão aos filmes noir franceses –, o sexteto transporta ouvintes para lugares de tempos passados para a contemporaneidade. Recheia de ótimas experimentações sonoras, como as retrô "Long Was The Year" e "Come On Let's Go", e com duas "vinhetas" instrumentais, a obra ganha status de trilha sonora. E a presença angelical da vocalista Trish Keenan vai arrebatar quem ainda insiste em manter um pé nos anos dourados.

Marco Bezzi

Para quem gosta de:
Stereolab, principalmente o belíssimo *Jenny Ondioline*

★★★★½

Dandy Warhols
Thirteen Tales From Urban Bohemia
Capitol
Melodias de três acordes para levar ao prazer

Os quatro integrantes do Dandy Warhols nasceram no lugar e na época errada. Se tivessem surgido no underground nova-iorquino da década de 70 ou durante a cena *shoegazer* da Inglaterra no fim dos anos 80, eles se sentiriam mais à vontade. Cantando sobre o estilo hedonista de vida que levam, julgando-se filhos da contracultura e tocando suas guitarras distorcidas, parece inevitável que tenham nascido no norte da Costa Oeste dos Estados Unidos, pertinho de Seattle. Com *Thirteen Tales*, terceiro álbum, eles voltam a seguir a fórmula do disco anterior, *Come Down*: a da banda que adora se esconder atrás de um mar de cordas barulhentas e vocais arrastados, mas que também não perde tempo na busca de uma boa carga pop. Em "Shakin'", "Get Off", e principalmente em "Bohemian Like You", as melhores faixas do álbum, eles chegam bem perto da receita que fez de "Not If You Were The Last Junkie On Earth" um hit no universo alternativo. Mas não espere inovações. Como bem explicou o vocalista e símbolo sexual Courtney Taylor, "Dandy Warhols existe apenas para fazermos canções de três acordes, que não durem mais do que cinco minutos e que sejam o menor caminho entre você e o prazer". Ponto para ele.

JZ

Para ficar com vontade de montar uma banda

Quantas vezes você escutou um album e, empolgado, resolveu que também iria ser um rockstar? Quantas mudou de ideia? Eis alguns exemplos para contestar seu teste vocacional

Uns começam a tocar rock'n'roll com aspirações musicais. Outros, para serem vistos. Mas a maioria não consegue encontrar palavras para descrever o [illegible]. É a música sozinha que faz o serviço: chega como quem não quer nada e, antes do refrão pintar, [illegible] pés e palmas [illegible] cabeças balançarem positivamente. A combinação de vocal, baixo, guitarra e bateria é suficiente para que, com um tanto de talento e outro de ritmo, seja inevitável sair agitando ao pulsar da canção. Mas há um tanto a mais de brilho em tal conjunção para provocar algo além da vontade de dançar. Poucos têm o talento de, ao mesmo tempo, fazer o povo se movimentar e querer montar uma banda. Quem nunca teve essa sensação? [illegible] "Eu, isso é muito [illegible]", "Eu, isso é muito fácil", "Eu, Eu posso fazer isso". Metade das pessoas (talvez mais) que atingem esse ponto desistem no momento em que o senso de ridículo entra em ação. Mas grande parte das bandas que surgem acusam determinados discos ou canções de ser responsáveis por sua existência. Álbuns que motivam a criação de novos grupos (mesmo em pensamento) é que fazem o coração da música bater mais rápido. Concorde e discorde: esse é o binômio proposto pelo rock. O negócio é não ficar parado.

Alexandre Matias

Elvis Presley
Sun Sessions (1974)
É o big-bang de uma era capturado em disco. Elvis desfila toda sua exuberância inata, fundindo blues e country em uma voz que fazia o carisma de Frank Sinatra soar cansado. Cada faixa abriga o nascimento dos principais artistas daquele novo gênero durante os anos 50 e 60 – um exemplo menor como "Blue Moon" dá origem aos Everly Brothers e a Buddy Holly, numa só tacada. É o ovo de Colombo de duas gerações: "Como é que eu não pensei nisso antes?"

Sabbath: convertendo milhares de jovens aos clamores do metal

Beatles
Help! (1965)
Quem ouve *Help!* sabe o porquê da exclamação do título. Suas canções dão vontade de se entregar à ingenuidade da adolescência, versando sobre o amor e a alegria de viver. Além disso, *Help!* encerra em suas entrelinhas o nascimento do rock propriamente dito – não mais "n'roll" – ao sublinhar o reconhecimento mútuo de Lennon e Dylan (que haviam se conhecido pouco antes) em faixas como "You've Got To Hide Your Love Away" e "It's Only Love".

Led Zeppelin
Led Zeppelin II (1969)
Dispostos a criar sua identidade musical, Plant, Page, Jones e Bonham deram um novo rumo ao rock em seu segundo disco. Trataram o gênero de um jeito épico e informal simultaneamente, e o Led transformou seu power blues em uma forma abrutalhada de rock. Tijoladas como "Whole Lotta Love", "Moby Dick", "Heartbreaker" e "Living Loving Maid" fazem qualquer moleque pular na cama enquanto toca uma guitarra invisível.

Black Sabbath
Paranoid (1970)
"War Pigs" abre o disco indicando uma continuação da estreia da banda, mas logo muda o tom para riffs mais dinâmicos do que sombrios. Assim acontece com "Paranoid", talvez o momento mais rock do Sabbath. Como as duas primeiras, "Iron Man", "Fairies Wear Boots", "Rat Salad", "Hand Of Doom" e "Electric Funeral" são tão fáceis de tocar quanto eficazes, convertendo milhares de jovens mentes aos clamores do [illegible] heavy metal.

B-52's
B-52's (1979)
Elementos combinados (cores berrantes, cabelos bolo de noiva, futurismo kitsch, surf music) funcionavam como um parque temático de rock à moda antiga. Mesmo que o primeiro álbum não tenha [illegible] "Private Idaho" [illegible] e "Legal Tender", de *Whammy!*), é nele que está o ritmo da festa – e você sabe que, por mais animais que as festas funk possam ser, elas nunca são tão divertidas quanto as new wave.

Ultraje a Rigor
Nós Vamos Invadir Sua Praia (1985)
A estreia do Ultraje A Rigor é um exagero. Das 11 músicas, se "Jesse Go" não é nota 10 (tudo bem, "Se Você Sabia" é um 7). Só o lado A (saiu em CD e sumiu, o que é um crime) contém gotas de sabedoria adolescente como "Rebelde Sem Causa", "Mim Quer Tocar", "Zoraide" e "Ciúme", numa das primeiras metades de disco mais [illegible] lógicas do mercado fonográfico nacional. É o melhor disco de rock'n'roll brasileiro.

Jesus & Mary Chain
Psycho Candy (1986)
"Estranho, diretor. Antes, os únicos que ligavam para esse troço de rock'n'roll eram os bagunceiros do fundo da classe. Mas esses meninos da frente, tão quietinhos, tão estudiosos... Ouvem uma música doce e suave, mas com uma guitarra insuportável, um ruído exagerado por trás. O nome disso? Anotei aqui: Jesus & Mary Chain." E seu álbum de estreia dava origem não apenas a um novo pop inglês, como também a toda atual cena indie brasileira.

Nirvana
Nevermind (1991)
O disco divide o rock em duas partes. Da primeira (anos 60 e começo dos 70) tire a melodia do pop e o esporro do hard rock. Da segunda (fim da década de 70 e os anos 80) tire o peso do metal e a fúria dos [illegible]. O Nirvana foi o infinito em que as duas paralelas [illegible] o punk – underground e mainstream – finalmente se cruzaram. Mas toda essa baboseira de crítico é esmigalhada no momento em que *Nevermind* começa a tocar.

Jon Spencer Blues Explosion
Extra Width (1993)
O segundo disco do trio é o representante de um caminho aberto pelos Rolling Stones nos anos 60, gênero que podemos resumir no rhythm'n'blues negro tocado por moleques branquelos. É uma linhagem que atravessou décadas corrompendo criancinhas ao chamado da puberdade rocker, rebolando traseiros enquanto encoxam guitarras sujas de groove sexual, dos Animals ao Fall, dos New York Dolls ao Make Up.

Ramones
Rocket To Russia (1977)
Nas três primeiras faixas, eles fazem o serviço que toda banda de rock deveria: uma música para fazer a moçada pular socando o ar ("Cretin Hop", que deu ao mundo o grito de guerra ramônico "Hey! Ho! Let's Go!"), outra para fazer todo mundo se acabar de dançar (o clássico "Rockaway Beach") e uma balada monstruosa ("Here Today Gone Tomorrow"). Com menos de dez minutos, os Ramones justificam sua existência. Basta.

Compre, grave, roube: o importante é ter esta obra em casa

Balanço com muita sacanagem e diversão

Em seu terceiro disco, *Uplift Mofo Party Plan*, o Red Hot Chili Peppers confirmou a opção pelo ritmo com peso, capaz de sacudir o corpo e bater a cabeça ao mesmo tempo

Foi no segundo disco do Red Hot Chili Peppers, *Freaky Styley*, de 1985. Até hoje um dos favoritos dos fãs, o álbum trazia um suingue inexistente na estreia da banda, ressaltado pela produção de George Clinton. Um som na maciota, com metais e vinhos, capaz de criar levadas como "Yertle The Turtle" ou covers de "Africa", dos Meters (transformada em "Hollywood"), e "If You Want Me To Stay", de Sly Stone. No meio de todo esse balanço, apenas "Catholic Schools Girls Rule" destoava, acrescentando vigor à guitarra e velocidade à cadência do grupo. Como "Massacre", presente em *Televisão*, que denunciou como os Titãs soariam em *Cabeça Dinossauro*, a canção acabou norteando o trabalho seguinte do quarteto californiano, *Uplift Mofo Party Plan*.

Lançado em 1987, o disco não representou um sucesso de vendas. Apesar de mais bem-sucedido que os dois anteriores, que nem arranharam o Top 200, obteve somente o 148º posto na parada da *Billboard*. Sua grande contribuição foi consolidar o estilo Chili Peppers. Nele, a banda confirmou sua opção. Não pela confusão alternativa do primeiro álbum nem pelo ritmo puro pilotado por Clinton: ritmo, sim, mas com peso, capaz de chacoalhar o corpo ao mesmo tempo que faz bater a cabeça.

Em *Uplift Mofo Party Plan*, a intenção sempre é funk, ainda que o caminho para isso passe por rock, metal, punk e rap. "Fight Like A Brave", a faixa de abertura, resume a jornada. O instinto pode ser cru, sujo. A ambição, porém, é descer redondo nos ouvidos. Do skatista radical ao maconheiro largadão, quem descobriu a banda nesse disco virou fã de Anthony Kiedis (vocal), Flea (baixo), Hillel Slovak (guitarra) e Jack Irons (bateria) pelo resto da vida – mais um crédito para o álbum, que botou o grupo entre os prediletos da rapaziada "ligada".

Movido a sacanagem e festeiro, o balanço dos Chili Peppers aparece com várias caras. "Me & My Friends" e "Backwoods" vêm com outra paulada, mas a gente sabe que dá para dançar. A agitação atinge urgência hardcore em "No Chump Love Sucker" e "Love Trilogy". O pessoal ali, curtindo, manteve o entusiasmo com "Subterranean Home Sick Blues", transformada em algo jamais imaginado por Bob Dylan. Quando o funk chega mais malandro em "Walkin' On Down The Road", "Special Secret Song Inside" ou "Funk Crime", a maciez come solta, até virar hippie com "Behind The Sun". (E o mais legal é que elas não estão na sequência careta exibida neste texto.)

Em 25 de junho de 1988, Slovak, chapa dos tempos de colegio, morreu de overdose de heroína. Um mês depois, Irons pediu as contas, ressurgindo no Pearl Jam nos anos 90. A seguir, desavisados colocaram a banda na vala comum do funk metal. Diante de tantos infortúnios, os sobreviventes (em todos os sentidos) Kiedis e Flea, a alma do negócio, amadureceram na marra. Encontraram no guitarrista John Frusciante e no baterista Chad Smith os substitutos ideais para continuar a festa no pesado *Mothers Milk*, de 1989. Entre os convidados, uma triste letra em homenagem ao amigo falecido, embalada pelo hit "Knock Me Down". O bom astral retornou forte e mais sábio em *BloodSugarSexMagik*, em 1991, para muitos o ponto alto da carreira da banda. Mas a magia e o açúcar deste só foi possível porque, quatro anos antes, rolou muito sexo e sangue em *Uplift Mofo Party Plan*.

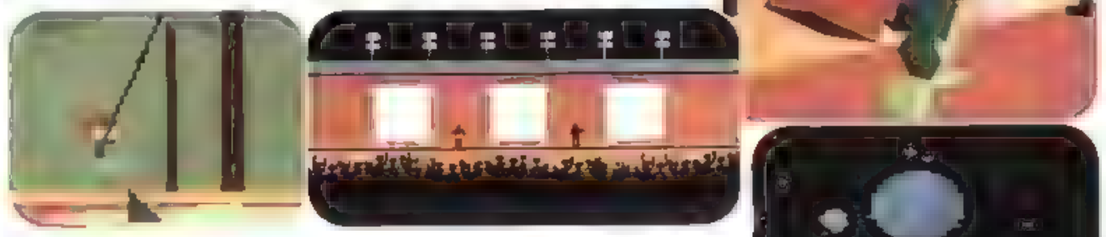
Emerson Gasperin

Ano de lançamento: 1987
Produção: Michael Beinhorn
Músicas: "Fight Like A Brave" • "Funky Crime" • "Me & My Friends" • "Backwoods" • "Skinny Sweaty Skinny Man" • "Behind The Sun" • "Subterranean Homesick Blues" • "Special Secret Song Inside" • "No Chump Love Suckers" • "Walkin' On Down The Road" • "Love Trilogy" • "Organic Anti-Beat Box Band"

"Special Secret Song Inside" recebeu esse título porque o "nome de trabalho" da canção, "Party On Your Pussy", era impublicável ("Festa Em Sua B**"). Alguns backings vocais do disco foram feitos por Angelo Moore e Norwood Fisher, do não menos maluquete Fishbone

Kiedis, Irons, Flea e Slovak: instinto cru, ambição funk

Discos independentes, demos e fanzine enviar para Caixa Postal 66157 CEP 05315-970 São Paulo, SP



Press start

Cenas do clipe premiado "Video Computer System"

"E o vencedor é **Golden Shower**". Quem não vibrou depois de ouvir Edgar Scandurra e Daniela Mercury anunciarem o vencedor da categoria clipe eletrônico no último VMB com certeza não passou a infância jogando Atari (ou é integrante do MTV). Mas quem são essas figuras misteriosas que não foram ao prêmio, pois, segundo um dos diretores do vídeo, estavam gravando nas Bahamas? Dois paulistanos de 20 e poucos anos que atendem pelo nome de Markus Karlus e Kevin Rodgers. Segundo Markus, tudo começou em 1997, num bingar perto de Luxemburgo, onde a dupla encontrou um computador (modelo 128K) com um vírus (que deu nome à banda) adormecido desde 1989. Ao entrar em contato com ele os dois rapazes foram imediatamente dominados e hoje têm a missão de fazer o mundo voltar a ser como era nos anos 80. "Tudo que a gente conhece vem daquela década", explica Markus. [illegible] nos obrigados a fazer [illegible] repleta de referências do rock, do pop, da TV e dos jogos da época". A canção "Video Computer System", por exemplo, que ganhou o prêmio da MTV, é toda feita com sons de Atari e levou dois meses para ser finalizada. Além disso, há frequentes intervenções de falas de desenhos animados e figuraças dos programas e seriados de TV, como o luxuoso Ataíde Patreze: "É pura diversão, para você escutar e dar risada", admite Markus. Para ele, toda piada um dia perde a graça. "A banda vai acabar quando todos os ícones dos anos 80 já tiverem sido homenageados". Não tenha sentido continuar depois disso, completa. Então não perca tempo e entre no site para conhecer as 11 músicas lançadas até agora. Mas, afinal, de onde saiu essa idéia maluca de dizer que estavam gravando nas Bahamas? "Existe algo mais anos 80 do que as Bahamas?", devolve Markus.

Site: www.goldenshower.gs

Um exame nas fitas-demo mais interessantes do mês

Lasciva Lula
Som: Pop rock
Origem: Cabo Frio, RJ
Auto-retrato: "A banda se juntou para tocar Pixies, mas logo no primeiro ensaio começamos a [illegible] por músicas próprias. Tudo é escrito em português, pois não nos sentimos à vontade com o inglês. Queremos mostrar nosso som e viver disso, conseguir ganhar dinheiro para comprar leite das crianças".
Resumo crítico: A banda tem apenas dois [illegible] de estrada e lança sua primeira demo. Apesar da pegada pop (todas as músicas têm potencial radiofônico), há guitarras à Sonic Youth. As letras, quase todas compostas pelo vocalista e guitarrista Felipe Schuery, falam sobre o fim de um relacionamento. "Pop Song" é escrita e cantada por Leonardo Pozo (também guitarra e vocal) e deixa claro que o quarteto carioca é fã dos Mutantes.
Produção: Muito boa
Contato: (21) 813-3298
e-mail: lasciva.lula@ig.com.br

Uga Buga
Som: Ska
Origem: [illegible]
Auto-retrato: "Nós brasileiros somos mais do que nomes [illegible] cáveis. Nosso subdesenvolvimento é imposto pelos Estados Unidos. Por isso procuramos, com nossa música, mostrar o que o Brasil tem de bom e [illegible] letras, criticar o que está errado. Não [illegible] de dizer que tocamos ska [illegible] som é muito mais do que isso".
Resumo crítico: Desde 1998 o Uga Buga vem apresentando seu som recheado de ritmos brasileiros, como forró, maracatu e até bossa nova. As influências vão de Operation Ivy e Specials a Jorge Ben e Chico Science. Estão na primeira demo, com seis faixas cantadas [illegible] e Gabi, sendo algumas em inglês. Os destaques são as letras de "Macarena Guarani" e "Antiga [illegible]".
Produção: Boa
Contato: (61) 568-9347
e-mail: ugabuga@xmail.com

Spots
Som: Punk/guitar rock
Origem: Araras, SP
Auto-retrato: "Somos muito influenciados pelas [illegible] dos anos 70. Daí a gente também ser [illegible] de Madchester, Seattle e Brit Pop. Cantamos em inglês porque soa melhor. As músicas são mais introspectivas, para [illegible] não queremos passar nenhuma mensagem".
Resumo crítico: A nova demo já é o quarto trabalho da banda e consiste num resumo de seus sete anos de carreira, pois, além das nove músicas inéditas, contém gravações antigas e faixas ao vivo. As canções novas foram gravadas em quatro canais na casa de Gi [illegible] (baixo/voca.). Resultado: um som [illegible] rescuras e muito sujo. Exatamente o que o grupo procurava. A [illegible] proporcionou um "reverb" [illegible] e "Honey Day" conquistam de prima.
Produção: Boa
Contato: (19) 541[illegible] (19) 3294-8744
e-mail: [illegible]

Daniel já é a grande [illegible] Resist Control

Contatos: (41) 254-8713 9992-6770
e-mail: resistcontrol@yahoo.com

Basta de banalidade

Não resta dúvida de que a década de 80 foi um período marcante para o rock nacional. Inúmeras bandas surgiram. Umas decolaram para o estrelato. Outras permaneceram no underground, como o **Subrasgo**. Em 1985, os irmãos Reinaldo e Rona do Andreatta, impulsionados pela produção musical da época, decidiram aprender a tocar guitarra e bateria respectivamente e montar uma banda. "Fomos motivados por grupos como Os Paralamas Do Sucesso, Violeta De Outono. Fazíamos covers deles no começo", explica Ronaldo. Só no início dos anos 90 é que começam a surgir composições próprias. Hoje, o rock dos anos 80 [illegible] recebeu [illegible] influência do pop britânico [illegible] bandas como Oasis e Blur. Os vocais [illegible] em português, ora em inglês, refletem bem isso. *O Vinagre*, seu primeiro álbum [illegible] saiu em 1998 e foi produzido por [illegible]lmente (Inocentes). Este ano, as seis faixas do CD foram relançadas como brinde no single de "It Takes Talent". Segundo o baterista, um novo trabalho já está sendo gravado para ser lançado até dezembro e a intenção do grupo de São Bernardo do Campo (SP) é deixar o underground paulista de vez e contemplar o mainstream nacional com sua música. "Chega de composições bonitas nas rádios. Chega de letras fáceis. Precisamos de um novo movimento de rock na mídia como aconteceu na década passada", discursa Ronaldo, saudosista, mas esperançoso.

Contato: 11 4122 2591,
e-mail: andreatta@ig.com.br

O grupo não aguenta mais bater no underground

Zines, selos, festivais e o escambau

UDI

A **1, 2, 3 Indiezinhos Records** é um novo selo para [illegible] proposta diferente: lançar só coletâneas temáticas. A fita de estréia, [illegible] *Easy Beats* [illegible] Tempo), Mais De Sete [illegible] With Strikes Again" (Smiths [illegible] do "With Or Without You" [illegible] as. Também deverá [illegible] gens ao Dia das Crianças. F [illegible] Bala". O próximo lançamento [illegible] especial Guided By Voices e nomes co[illegible] já confirmados [illegible] Beat And Se[illegible] aos anos 80 [illegible] gados e teve [illegible] da [illegible] gias [illegible] ne. ● **Para quem já conhece de cor o terceiro trabalho do Thee Butchers' Orchestra (*Deluxe 2000*) e não aguenta mais esperar pelo próximo álbum (*Golden Hits By Thee Butchers' Orchestra*, previsto para novembro), pode entrar em contato com a Ordinary Recordings e pedir uma fitinha do Butchy Trannies intitulada *Spare Change 4 Sex Change*. Como a banda não pára de compor, Adriano e Marco (ambos guitarra e vocal) resolveram registrar nessa demo algumas canções que surgiram depois da finalização do quarto disco. A produção é simples e o som mais cru ainda, do jeito que a banda gosta. Um ótimo petisco para quem quer novidades. E-mail: ordinary@uol.com.br** ● [illegible] **PB**. O público lotou o Orbital, cer[illegible] as. Segundo o [illegible] empolgante [illegible] ritos [illegible] [illegible] pessoas vibrando [illegible] [illegible]pando. Na oitava música, "Sobbing", um [illegible] desconhecido saiu uma gaita e [illegible] acompanhou a banda num solo improvisa[illegible] [illegible] sa ado. O set-list ainda [illegible] as músicas do primeiro al[illegible] como "Shallow Water" e "Sol Calvo" (o [illegible] esta na MTV), a cover de Sweet [illegible]ne" do Velvet Underground, e duas músicas novas, "Mess" e "Man [illegible] [illegible] xar o público com o gostinho de como será o próximo trabalho. [illegible] Rugal foi curtíssima [illegible] [illegible] descobrir [illegible] [illegible] do grupo. Um [illegible] [illegible] de cenário e velas foram as [illegible] [illegible] por toda parte. Para não [illegible] [illegible] informe-se [illegible] [illegible]com.br ● **Se você é daqueles que adora descobrir bandas que nunca ninguém ouviu falar ou vasculhar lojas de discos por EPs e edições limitadas, visite o site 4 Hearts In A Can (www.4hearts.cjb.net). Lá você pode encontrar boas resenhas de raridades da música alternativa.** ● Por causa de um problema de programação da Fornalha, a **1ª Mostra de Cultura Independente** (divulgada na edição 182) que aconteceria nos dias 30/9 e 1/10 na cidade de São Paulo foi transferida para os dias 14 e 15 [illegible] [illegible] [illegible]

Homem com Hagar

Gostaria que vocês pesquisassem a discografia da carreira solo de Sammy Hagar, ex-vocalista do Van Halen. Em que discos estão as músicas "There's Only One Way To Rock" e "I Can't Drive 55"?

Alexandre Ribeiro – Paraguaçu Paulista, SP

Mais conhecido como o vocalista que substituiu David Lee Roth em 1985, substituiu David Lee Roth em uma das mais importantes bandas de hard rock do mundo, Sammy Hagar começou no grupo Montrose em 1973 e participou da carreira solo de Ron Discografia: *Nine On A Ten Scale* (1976); *Sammy Hagar* (1977); *Musical Chairs* 1978); *All Night Long* (ao vivo, 1978); *Street [illegible]* 980); *[illegible]* 981); *[illegible]* 982); *[illegible]* 984); *[illegible]* 985); *[illegible]* 986); *[illegible]* 988); *[illegible]* 990); *[illegible]* 993); *[illegible]* 994); *[illegible]* (1997); *Best Of Sammy Hagar* (1999); *Red Voodoo* (1999). A música "There's Only One Way To Rock" está no álbum *Standing Hampton* e "I Can't Drive 55", no *VOA*.

Afilhados do Nirvana

Vi o acústico do Nirvana e um dos convidados especiais eram os Meat Puppets. Queria saber mais sobre os caras. Quem são eles?

Marcel da Silva – São Carlos, SP

Quem viu o show do acústico do Nirvana, Marcel, foram os irmãos Cris (baixo) e Curt Kirkwood (guitarra), que junto com o baterista Derrick Bostrom formam os Meat Puppets, uma das bandas que [illegible] o grunge. Nascido no [illegible] em Phoenix, Arizona, o grupo gravou [illegible] de [illegible] Nos [illegible] 20 anos, em [illegible] de Arizona, o grupo gravou [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible]

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

O nosso amor é lindo

Recebi minha BIZZ ontem e não posso deixar de parabenizar a melhorada sagaz que deram na revista. E o melhor, o SHOW diminuiu de tamanho e a velha e boa BIZZ voltou a ocupar a capa do jeitinho que era no começo. Me senti com 13 anos de novo, indo para o colégio, passando na banca e sendo atraído por aquele conjunto de letras em vermelho e pela capa com o Bruce Springsteen. Saudades... Bom, as matérias estão 10! Papelzinho de impressão chique e o melhor: conteúdo!!! Continuem assim, pelo amor de Deus!

Alexander Seixas – São Paulo, SP

Eu só tenho de parabenizar vocês pela nova revista. Aprendi bastante com a BIZZ. Belle & Sebastian, Pavement, Yo La Tengo, Travis... Bandas que me salvaram! Nunca gostei das coisas que tocam nas rádios e, com a internet e a revista, fui descobrindo coisas novas. E essa nova diagramação ficou demais.

Erick Muller – São Bernardo do Campo, SP

Sinceridade aos Montes

A crítica do Ricardo Alexandre ao show da Marisa Monte foi perfeita, ele simplesmente disse tudo. Marisa Monte é uma artista falsa e protegida por empresários, imprensa e outros (não que ele tenha dito com essas palavras). Mas parabéns ao crítico pela sinceridade e ótima percepção. Ela nasceu fabricada e é uma pena que apenas agora as pessoas estejam vendo isso, OK! Antes tarde do que nunca. Além do mais, essa música idiota chamada "Amor, I Love You" (*sic*) parece coisa do Latino.

José Carlos – Barra Mansa, RJ

Pedido atendido

Maravilhoso o novo visual da BIZZ, Madonna está linda na capa e espero ver U2 em outubro. Já está tocando "Beautiful Day" nas rádios de todo o planeta. Ah, peçam a um jornalista que goste do U2 para resenhar o novo álbum. Dá uma raiva quando lemos uma crítica detonando a banda que tanto gostamos! Mas parabéns pelas mudanças!

Cristiano Franco – Contagem, MG

Explode coração

Repam sempre nesses fãs idiotas que escrevem cartas reclamando das críticas dos álbuns. Parem com essa postura adolescente-12-anos-pré-menstruada-com-pôster-na-parede e cresçam um pouco. Aprendam a conviver com opiniões diferentes, afinal o que difere vocês do jornalista é que ele tem um espaço para escrever, o que não o torna dono da verdade. Ele está apenas fazendo o seu trabalho, emitindo uma opinião.

Marcos Arão Rocha – Goiânia, GO

As palavras que nos comoveram

PAPO FIRME

Nada mais apropriado para a capa do novo projeto da BIZZ do que Madonna. Minha artista predileta e minha revista favorita: lindas! Poderosas! Ambas com anos de bons serviços prestados à música e agora em nova fase! Além disso, a revista tinha de tudo: rock, rap, punk, groove!!! Não acreditei quando vi Negrete no novo quadro Que Fim Levou. Vocês encontraram esse cara!!! E mais uma vez o Queens Of The Stone Age! Comprei o CD quando vi a resenha do crítico José Flávio Júnior. É mais uma banda maravilhosa que eu e milhares de pessoas no Brasil descobrimos pelas páginas da BIZZ. Peguei uma revista gringa outro dia com uma matéria enorme sobre eles e, pelo que pude entender, o Queens já está estouradaço lá fora. Será que vão se tornar o novo Nirvana, como todos estão dizendo? Quando isso acontecer eu vou gritar: eu li primeiro na BIZZ!!!

Juliana Coelho – Porto Alegre, RS

Madonna: mano a mano com a BIZZ

SÍMBOLO

Diretora Presidente: Joana Woo
Vice-Presidente: Roberto Melo
Superintendente de Planejamento: Sandra Woo
Superintendente de Finanças: Pedro Frazão
Diretora de Circulação: Regina Bueno
Diretora de Publicidade: Dila Freire Huth
Diretora Jurídica: Henriqueta Peixoto

Bizz

Diretora da Divisão de Segmentadas: Luis de Castro
Diretora de Arte da Divisão: Cláudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Revisão: Ângela Maria Cruz
Colaboradores: Texto: Abonico R. Smith, Alexandre Matias, Alfredo Ávila, Bernardo Araujo, Celso Pucci, Daniel Oliveira, Fabiana Batmanela, Fábio Bianchini, Guilherme A. Hungria, Juliano Zappa, Luciano Vianna, Lúcio Ribeiro, Mario Bevi, Pedro Só, Ricardo Alexandre, Spensy Pimentel, Valeria Rossi. **Fotografia:** Marcelo Ximenez, Marcos Hermes, Valéria Rossi, Xela Velmiro. **Ilustração:** Cebraco, Maruru
Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Fiorrese Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Andrea Leonini
Símbolo Press: Ana Carolina Oliveira

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Liliane Pereira Santos • **Executivos de Negócios:** Fernanda Perez Costa, Rosana Garcia Mendes. • **Contato Publicitário:** Fabiana Zuanon • **Gerente de Publicidade de Representantes Regionais:** Kleber Gomes • **Gerente de Publicidade (RJ):** Maria Pimentel • **Contato (RJ):** Anaide Franco • **Escritores: Rio de Janeiro:** R. Visconde da Pirajá, 45, GR 401/402, RJ, CEP 22410-000, tel. (0xx21) 579-2220, fax (0xx21) 579-3340 **Representantes** • **Interior de SP:** Fé Campos Consultoria e Assessoria S/C Ltda., R. Caramuru, 1.280, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14020-000, tel./fax (0xx16) 635-5137 • **Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS - Qd. 701, Bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70.340-907, tel. (0xx61) 322-2034, fax (0xx61) 314-1541 • **Curitiba:** A G Holanda Comunicação Ltda., R. Pedro Borges, 135, 10º and., s. 1.001, Fortaleza, CE, CEP 60055-110, tel. (0xx85) 253-4141, fax (0xx85) 231-4761 • **Paraná:** Yahn Kepes Comercial Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 448, c. 808, Curitiba, PR, CEP 80.30-060, tel. (0xx41) 232-3866, fax (0xx41) 232-0737 • **Rio Grande do Sul:** Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.594, 6º and., s. 607, Porto Alegre, RS, CEP 90.150-004, tels. (0xx51) 233-2587 e 233-1313, fax (0xx51) 233-1587 • **Novo Hamburgo:** Integrada Atendimento e Mídia, R. Tiguamba, 55, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93.310-230, tel. (0xx51) 582-4130, fax (0xx51) 594-4089 • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, s. 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel/fax (0xx48) 222-4355

MARKETING
Gerente de Marketing: Maria de Moraes

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Fernanda Leonini
Gerente Administrativa: Fátima Faria
Fabrício Fernandes: R. N. Fernandes
Impressão: Globo Cochrane, Gráfica e Editora - Vinhedo
Papel: Jupaco

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-3684. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. 0xx11) 284-2755, fax (0xx11) 283-4069. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S.A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque) solicite através de seu jornaleiro. **SHOWBIZZ** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER IVZ

ASSINATURAS: (0xx11) 3090-2121 (Grande São Paulo), 0800-7128111 (outras estados), ou pelo e-mail: abrilsat@abril.com.br
RECLAMAÇÕES (sobre assinaturas): (0xx11) 3090-2121 (Grande São Paulo), 0800-7128112 (outros estados), ou pelo e-mail: abrilsac@abril.com.br

Abril

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo
VICE-PRESIDENTES: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Pinchiari, Luiz Gabriel Ruiz, Peter Rosenwald

CD Expo no Mundo Virtual

<WEB EXPO SHOW>2000
entretenimento.música.informação

CD EXPO MUSIC ENTERTAINMENT 2000

Esse ano tem CD Expo de novo. Só que agora em versão web. De 17 a 22 de outubro de 2000 no Pavilhão da Bienal no Ibirapuera - São Paulo. Pela primeira vez no Brasil uma feira de internet e entretenimento. Todos os maiores portais e sites do país, gravadoras, selos e lojas juntos em um só lugar.

<Palco principal> dois grandes shows por dia
Palco <Novos Talentos>
<Talk Shows> no Web Café
Praça de <Autógrafos>
<Correio> Elegante
Pista <Dance>
Feira <24 horas>
Mercado <Alternativo>
<Desfiles>
<Promoções>

Se você já faz parte da comunidade virtual, essa é a sua chance de conhecer novas oportunidades no mundo real. Você precisa se conectar.

Acompanhe novidades e lançamentos no nosso site.

iBest Masters - 18 e 19 de Outubro - na Web Expo Show

Realização: iBest.company www.ibest.com.br
Organização: MANTEL.com
Para maiores informações: Tel: 21 558-4878

Promoção: FAGGA EVENTOS
Filiada a UBRAFE

Para maiores informações:
Fagga Eventos Internacionais
Rio - Tel.: 21 537-4338 Fax: 21 537-7991
São Paulo - Tel.: 11 283-1866 Fax: 11 283-1156
E-mail: webexposhow@webexposhow.com.br
www.webexposhow.com.br

Rádio Oficial: JP

Apoio Internet: 2PG www.2pg.com
Apoio: AMI

Impressões suas

Estou sentindo no ar uma certa "piculnha" e má vontade por parte da crítica em relação ao Jota Quest, uma banda respeitada e admirada inclusive por pessoas com uma certa visão musical, como Zé Ramalho e Herbert Vianna, e que já provou sua alta capacidade artística. Hoje, eles têm seu lugar na MPB ao lado das boas bandas brazucas dos anos 90, como Skank, Cidade Negra, O Rappa, etc. Apesar do surgimento de Taskas, LS Jacks e Vinnys da vida, a cena nacional tem sido muito menos dolorosa do que a cena gringa. Rogério Flausino está longe do brilho poético de Cazuza ou Renato Russo, mas não deve ser limado por isso. Há vida inteligente no novo CD dos caras, é só deixar o preconceito de lado. Parabéns pelos 15 anos! A BIZZ é ainda (apesar dos pesares) soberana e essencial. Tenho 29 anos e leio a revista desde os 14.

Alexandre Marcelus – São Bernardo do Campo, SP

A verdade dói

Quando li a seção de cartas dos leitores, não acreditei nas críticas a Daniel Oliveira por ele ter, simplesmente, escrito a verdade sobre o Blink-182. Ele é um grande jornalista e merece, no mínimo, respeito. Mas isso é algo compreensivo vindo de pessoas que pensam que entendem de música. Daniel, você tem como admiradora uma estudante de jornalismo que espera "manjar" tanto quanto você um dia! Obs.: Apesar do mesmo sobrenome, não sou parente dele!!!

Fernanda Oliveira - São Paulo, SP

Viciada nos três acordes

Tenho 14 anos e gostaria de parabenizar a excelente mudança da revista. Putz, gostei mesmo da página 68, onde vocês relembraram o velho e bom punk-rock!!! Encontro poucas matérias sobre esse estilo e é sempre na BIZZ que acho as melhores informações. Adorei a entrevista com o Jello Biafra, dos Dead Kennedys. Eu piro no som deles. Pena que, atualmente, bandas famosas não tenham a mesma atitude.

Ellen Vicious – Rio Grande da Serra, SP

ERRAMOS:

– A cotação certa do álbum do Travis, *The Man Who*, página 60, edição 182, da seção Discofagia, é quatro estrelas.

– Na Ficha de Siouxsie And The Banshees, que saiu no mês passado, dissemos que a cover da música dos Beatles "Dear Prudence" estava no álbum *Through The Looking Glass* (1987). Na verdade, ela está no *Hyaena* (1984).

Promoção Rock In Rio na faixa

Que rufem os tambores! Com os olhos marejados de lágrimas, anunciamos os três leitores iluminados que responderam o que farão durante os três minutos de silêncio do festival e vão com tudo pago (mais acompanhante) para o primeiro fim de semana do Rock in Rio:

Nathalie Ferreira de Oliveira, Santos, SP
"Eu vou rezar o 'Rock Nosso': Kurt que estás no céu/Santificada sejam vossas músicas/ Seja Metallica ou Bad Religion/Assim eu vou ouvindo/O rock nosso de cada dia/Perdoai nós, roqueiros/Assim como nós perdoamos os pagodeiros/E não nos deixe cair no 'pagodão'/Mas livrai-nos do pop. Amém."

Helena Baran Gonçalves, Florianópolis, SC
"Eu gritaria 'Toca Raulllll' durante todo o tempo."

Daniel Moreira da Rocha, Novo Itacolomi, PR
"Vou pegar na 'pomba' da mulher ao meu lado em sinal de respeito e paz."

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

ENTRE LEITORES

CORRESPONDÊNCIA

Alice In Chains: Juliane de Santana – Rua Silveira Nóbrega, 147, São Miguel Paulista – São Paulo, SP – CEP 08071-020

Blink 182: Raquel Santos – Rua Paulo Papini, 384 – Belo Horizonte, MG – CEP 30270-400

Cidade Negra: Ani Cristina – Rua Itabaiana, 229 – Canoas, RS – CEP 92340-070

Duran Duran: Regina Bates – Av. Conselheiro Aguiar, 2288, apto. 301, bloco A – Recife, PE – CEP 51020-020

Echo And The Bunnymen: Mario Alvim – Rua 23 de Julho, 70 – Diadema, SP – CEP 09941-610

Foo Fighters: Antônio Marcos – Rua São Benedito, 12 – Cariacica, ES – CEP 29144-040

George Michael: Antônio Carlos da Costa – Rua Romualdo Mag. Pirro, 1020 – Franca, SP – CEP 14402-130

Guns N' Roses: Michelle Felipe – Rua Iza Lostraco, quadra 25, lote 17 – Goiânia, GO – CEP 74335-280

Hole: Ricardo Oliveira – Rua Potiguari, 67 – Sete Lagoas, MG – CEP 35701-159

Iggy Pop: Michelle Bueno – Av. Silva Jardim, 1240 – Curitiba, PR – CEP 80250-200

Lori Carmen: Cinthia Silva Adati – Rua Manoel Salustiano de Souza, 125 – Vitória, ES – CEP 29048-320

Metallica: Sara Daniele – Rua Assis Vidal, 212 – João Pessoa, PB – CEP 58015-390

Mutantes: Alexandre Henrique – Rua Professor José Izidoro, 38 – Caruaru, PE – CEP 55010-470

Nick Cave: André Farias – Rua Nelson Melli, 840 – Osasco, SP – CEP 06253-070

O Rappa: Kamila Souza – Rua dos Alpes, 623 – Santo André, SP – CEP 09291-000

Radiohead: Vanessa – Rua João Roberto, 59 – São Paulo, SP – CEP 08370-170

FÃS-CLUBES

Ace Of Base: Clube Ace Of Base Always 21 – Rua Marechal Hermes, 170 – Santo André, SP – CEP 09090-230

Daniela Mercury: Fã-Clube Oficial Pérola Negra – Rua Márcio Teixeira, 103, casa 2 – Juiz de Fora, MG – CEP 36033-430

Engenheiros Do Hawaii: Fã-Clube Novos Horizontes – Av. Professor Manoel S. Souza, 7, quadra 20 – Linhares, ES – CEP 29902-050

Marcelo Bonfá: Fã-Clube Mitologia e Intuição (Legião Urbonfá) – Rua André Mateus, 164 – São Paulo, SP – CEP 03746-090

Maskavo: Fã-Clube Oficial – Rua Edson Peregrino, 215 – São Paulo, SP – CEP 02762-040

Matchbox Twenty: Too Old To Play With Matches – Rua Rosa e Silva, 61, bloco 2/303 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20540-330

A insônia de Keith Richards

Para se distrair enquanto o sono não vinha, o guitarrista dos Rolling Stones começou a compor. Nascia assim uma das canções-símbolo do rock, "(I Can't Get No) Satisfaction"

Tente imaginar Keith Richards novinho, por volta dos 15, 16 anos, sem aquela cara de "maracujá de gaveta" atual. Você tem grandes chances de vislumbrar um garoto inglês tímido e franzino, que costumava arranhar uma guitarra e era absolutamente fissurado por rock'n' roll e rhythm'n'blues americano no começo dos anos 60. O moleque tornou-se amigo íntimo de um tal de Michael Phillip Jagger nos arredores de um colégio de Dartford (Inglaterra), onde ambos nasceram, em 1943. Como reza a lenda, Mick Jagger – então um estudante de economia – encontrou Richards em um trem, com um monte de discos de Muddy Waters, John Lee Hooker, Chuck Berry, Little Richard e outros patronos do blues e do rock americano debaixo do braço. Como o cara tocava guitarra e Jagger estava tentando ser vocalista de uma banda, a partir desse encontro os dois resolveram unir as forças. Estava formada a segunda maior parceria da história do rock'n'roll, só aquém de John Lennon & Paul McCartney.

A empatia foi imediata: começaram a trabalhar juntos e, depois de várias formações, surgiram com uma banda chamada The Rolling Stones, nome inspirado em um blues de Muddy Waters. Seu primeiro single, "Come On" (1963), era a versão de uma canção de Chuck Berry, talvez a maior influência da lendária guitarra "coaxante" de Richards. Além disso, o primeiro álbum do grupo era composto totalmente de covers de rhythm'n'blues e rock'n' roll americano, o que fez que eles tivessem um enorme sucesso durante sua primeira excursão pelos Estados Unidos, principalmente em Chicago, onde chegaram a gravar.

A letra da música tem tiradas brilhantes, ironizando o consumismo

Timidamente, os Stones passaram a trocar as interpretações de material alheio por composições próprias, criadas por Jagger e Richards. No início, eles se escondiam sob a alcunha de Nanker Phelge para assinar as músicas, mas aos poucos foram se soltando e assumindo seus trabalhos. As canções da dupla começaram a disparar nas paradas inglesas ("The Last Time" foi a primeira deles a atingir o topo em seu país natal) e americanas ("Tell Me" inaugurou a presença da banda na lista da *Billboard*, o que fez dos Stones pontas-de-lança da chamada "invasão britânica").

Isso motivava viagens frequentes para os Estados Unidos. Em uma dessas excursões, em 1965, Richards estava hospedado em um hotel na cidade de Clearwater (Flórida) e não conseguia dormir de jeito nenhum. Conformado, pegou a guitarra e começou a trabalhar em uma progressão melódica simples, com poucas notas, mas extremamente agressiva e pegajosa. Assim foi criado "o maior riff de rock'n'roll da história, depois de 'Johnny B. Goode'", como escreveu certa vez o renomado crítico musical Dave Marsh.

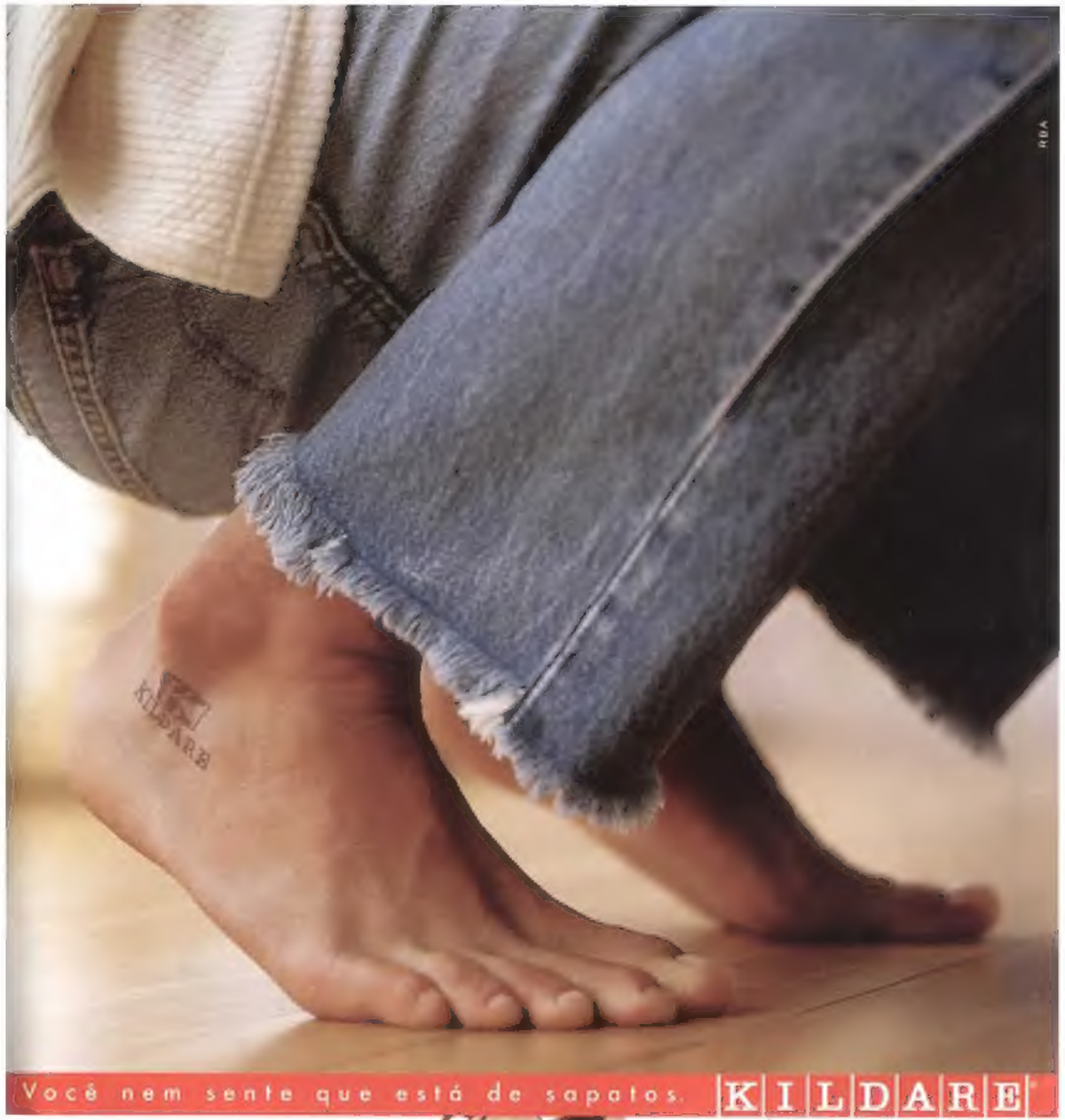
Na manhã seguinte, o guitarrista mostrou a linha instrumental para Jagger, que começou a rabiscar uns versos. Logo "(I Can't Get No) Satisfaction" – que seria apenas o título provisório da canção, por ser considerado anticomercial – estava pronta. Na gravação, Richards plugou a guitarra a um pedal de distorção (que acabara de ser lançado no mercado), em um dos primeiros registros desse efeito em estúdio.

A letra tem tiradas brilhantes, ironizando a sociedade consumista sem ter abertamente teor político. Como em "quando estou dirigindo meu carro/E o cara surge no rádio/Me falando mais e mais informações inúteis/Tentando incendiar minha imaginação". Ou no trecho em que ele diz que tal sujeito "não pode ser um homem/Pois ele não fuma o mesmo cigarro que eu". Além disso, os vocais rascantes de Jagger emprestam à música a dose exata de inconformismo.

Resultado: a canção foi o primeiro single dos Stones a chegar ao posto mais alto da *Billboard*, permanecendo lá por quatro semanas e repetindo a façanha na Inglaterra. Tornou-se a música-símbolo da banda e até hoje é repetida nos shows. Curioso, pois certa vez Jagger declarou que não iria estar cantando coisas como "Satisfaction" aos 40 anos, o que já faz um bom tempo. Ganhou versões tão díspares quanto a soul de Otis Redding até a new wave catarônica do Devo e se tornou um clássico indiscutível do rock. Novamente com a palavra, Marsh: "Se Bob Dylan e Otis Redding tivessem escrito uma canção juntos, ela teria de competir com '(I Can't Get No) Satisfaction'".

Celso Pucci

Eles tocam o clássico até hoje nos shows



YO LA TENGO

And then nothing
turned itself inside
-out

Não é preciso virar tudo pelo avesso.
Conheça já um dos melhores
álbuns deste ano.

TRAMA

www.trama.com.br

Também disponíveis em CD:

Painful

Electr-O-Pura

Ride The Tiger

President Yo La Tengo/
New Wave Hot Dogs

I Can Hear The Heart
Beating As One

Genius + Love =
Yo La Tengo